

PÔSTERES

1ª Sessão de PÔSTERES

1 • Falando sobre o sofrimento psíquico em mídia virtual: o caso do Tumblr

Aline Rubio Barreto Campello (UERJ)

O Tumblr, uma mídia social que vem ganhando mais visibilidade recentemente, é semelhante e diferente de outras mídias mais conhecidas que estão na Internet, como o Twitter e o Facebook. O usuário do Tumblr pode fazer uso de imagens, texto, vídeo e áudio em seus posts, sendo que estes podem ser originais (ou seja, o próprio usuário os ter submetido) ou de outras pessoas (com a opção "reblog" é possível disseminar conteúdos alheios). A visualização desses posts pode se dar de duas maneiras: a primeira é no próprio blog do usuário em questão, onde os posts submetidos e reblogados ficam dispostos em ordem cronológica ou na chamada Dashboard, que alinha todos os posts dos blogs que o usuário escolheu seguir, também, em ordem cronológica. Tendo sido fundado em 2007, disponível agora em 12 idiomas, contando com mais de 78 milhões de blogs e mais de 34 bilhões de posts, o Tumblr é um ótimo campo de estudo pelas novidades que traz entre as mídias digitais e pela atenção recente que está recebendo pela academia. Por ser uma plataforma semi-anônima e sem restrição de caracteres, o Tumblr acaba sendo um lugar onde variados temas são veiculados, inclusive aqueles de natureza confessional. Vários tipos de sofrimento (depressão, transtornos de personalidade, transtornos alimentares, entre outros) são expressados no Tumblr. Nele existe também a busca por outros blogs que tratem de temas semelhantes (existem posts como, por exemplo, "Reblog this if your blog is about depression or eating disorders"), além da busca por conforto nesses mesmos blogs ("if you ever need anything, message me and I'll help you"). Desta forma, o Tumblr cria uma verdadeira rede temática na qual sofredores de transtornos vários veiculam seus sofrimentos e pedidos de ajuda. Este pôster mostra exemplos de como se fala sobre o sofrimento psíquico no mundo virtual do Tumblr. Quais artifícios linguísticos são usados para expressar o sofrer e o pedido de ajuda? Nossos exemplos são retirados de Tumblrs femininos, de língua portuguesa, de sofredoras de auto-mutilação. Esta é uma fase inicial de uma pesquisa maior sobre a expressão do sofrimento, que toma por base o trabalho de Marilee Strong, no livro *A Bright Red Scream: Self-Mutilation and the Language of Pain* (London: Penguin, 1999).

2 • Mescla conceptual em "O Pasquim"

Ruth Martinez Rejala (UERJ)

Os anos 70 no Brasil foram marcados por grandes conflitos entre os militares e grupos de jovens intelectuais e estudantes. Tida até hoje como um período sombrio da história recente de nosso país, caracterizado pela luta de um povo em busca de voz, a década de 70 foi marcada pela severa censura ao livre pensamento. Nesse conturbado contexto foi fundado o periódico conhecido como "O Pasquim", que utilizou a ironia e o humor como ferramentas de protesto. Pela maestria com que jornalistas e cartunistas lançaram mão de tais ferramentas na confecção das capas de "O Pasquim", selecionamos a capa número 246, como objeto de análise desta comunicação, a fim de identificar os mecanismos cognitivos que subjazem às estratégias de humor e ironia nela presentes. Para tanto, fundamentamos nosso estudo na Linguística Cognitiva, mais precisamente na Teoria da mescla criada por Fauconnier e Turner (2002). Pareceu-nos natural relacionar a Linguística Cognitiva à nossa pesquisa principalmente pelo fato de a LC considerar que a "linguagem não porta o sentido, mas o guia" (Fauconnier, 1994 *apud* Neves, 2006), definição que favorece a compreensão de como o humor e a ironia implicam a construção de novos sentidos para as palavras de acordo com o contexto do emprego. A capa selecionada, apresenta a frase, "NUNCA É DEMAIS LEMBRAR" escrita em preto sobre fundo branco, com letras grandes; e logo abaixo, ocupando quase toda a página, a frase "NÓS SEMPRE FOMOS ... PROTESTANTE!!", em grandes letras brancas sobre fundo preto. E em letras cinza muito menores "UM JORNAL", completando a frase em destaque. A diagramação da frase pode causar estranheza ao leitor desatento, que acaba ignorando o sintagma "UM JORNAL" e lê "SEMPRE FOMOS PROTESTANTE!!". Tal recurso obriga o leitor à releitura e o incita à reflexão. A leitura das frases aciona dois frames referentes à palavra "PROTESTANTE", o frame Movimento Protestante Eclesiástico (Protestantismo) e o de Movimento Protestante Político, que abrem dois espaços mentais (Inputs 1 e 2). No Input 1 temos os elementos: Protestantismo religioso, Igreja Luterana Protestante e Geisel=fiel da igreja protestante. No input 2 temos: Protesto

Político, O Pasquim=militância política, Geisel=presidente ditador. Tais elementos, que dentro dos inputs portam seus significados, sofrem reenquadres e são projetados no espaço mescla, gerando novos sentidos e possibilitando a compreensão da ironia e do humor. Em “SOMOS UM JORNAL PROTESTANTE” a mescla nos possibilita as seguintes interpretações: O Pasquim é um jornal que se identifica com o ditador Geisel, O Pasquim é um jornal que se opõe ao ditador Geisel e ainda O ditador Geisel é protestante. Este estudo piloto da pesquisa de Mestrado em andamento mostrou que o reenquadre e a mesclagem são mecanismos cognitivos fundamentais para a ironia e o humor. Corroborou também com os estudos realizados por Neves (2006), que constataram que a ironia provoca ou resulta em um reenquadre. Além disso, possibilitou verificar que tal reenquadre, na medida em que possibilita a conexão entre elementos tidos como combinações improváveis, cria uma ruptura de expectativa que ocasiona o humor.

3 • Metáfora conceptual no jornalismo impresso

Camila Gomes Chung Nin (UERJ)

A proposta deste artigo foi investigar a presença de metáforas conceptuais em jornais impressos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Para esse recorte, foram analisadas manchetes das editorias cidade e mundo dos seguintes periódicos: *O Globo* (RJ), *O Dia* (RJ), *O Estado de São Paulo* (SP) e *Folha de São Paulo* (SP), todos distribuídos na mesma data, 10 de julho de 2012. Esta análise foi realizada a partir da teoria da metáfora conceptual, postulada por Lakoff e Johnson na década de 80 com a publicação do livro “*Methaphors we live by*”. Foi a partir da década de 70 que a metáfora se tornou objeto de interesse central das ciências humanas e, mais especificamente, das ciências da linguagem e da psicologia cognitiva. “Tradicionalmente considerada uma forma especial de discurso, característica da linguagem literária, a metáfora passou a ser tratada como processo fundamental no uso cotidiano da linguagem” (FERRARI, 2011, p.91). Mais tarde, em 1980, o linguista George Lakoff e o filósofo Mark Johnson publicaram “*Methaphors we live by*”, em português “Metáforas da vida cotidiana”, publicação considerada pioneira, que se tornou uma fonte na literatura sobre metáfora conceptual. De acordo com os autores, a metáfora conceptual é uma atividade cognitiva, ou seja, resultado de uma construção mental, em que os conceitos são estruturados metaforicamente em termos de outros. Além disso, segundo eles, grande parte da linguagem utilizada no cotidiano é metafórica, ou seja, a compreensão do mundo se dá por meio de metáforas. “Um dos traços que diferencia a linguística cognitiva de outras abordagens é a importância atribuída aos processos de metáfora e metonímia” (FERRARI, 2011, p.91). Ainda de acordo com a teoria da metáfora conceptual, “nossa linguagem revela um imenso sistema conceptual metafórico, que rege também nosso pensamento e ação” (LAKOFF, JOHNSON, 2002, p.19). Conceitos básicos como TEMPO, QUANTIDADE, ESTADO, AÇÃO e conceitos emocionais como AMOR e RAIVA são compreendidos metaforicamente. É o caso, por exemplo, de “Discussão é guerra”, metáfora presente em nosso cotidiano, mas nem sempre percebida por nós. Esse exemplo é utilizado pelos autores para explicar o conceito de metáfora: “compreender é experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF E JOHNSON, 2002[1980], p.48). Enunciados como “Suas afirmações são indefensáveis” ou “Suas críticas foram direto ao alvo” evidenciam essa metáfora e demonstram que não são apenas formas de falar, mas também de pensar e agir. Assim como no cotidiano, nos meios de comunicação e, mais especificamente, nos jornais impressos, a metáfora conceptual também é constante. A análise das manchetes das editorias mundo e cidade revela a presença da metáfora conceptual “países / estados / cidades são pessoas”, conforme os seguintes exemplos:

O Globo

“Rússia mostra impaciência com a Síria”

O Dia

“Rio destrói 120 mil armas”

O Estado de São Paulo

“Mercado pressiona Espanha e Europa acena com alívio”

Folha de São Paulo

“Paraguai vai a tribunal contra a sua suspensão”

“Espanha se prepara para aumento de impostos”

Com apenas um dia de coleta foi possível observar que a metáfora conceptual “países / estados / cidades são pessoas” aparece em mais de um jornal em diferentes estados, no caso desta análise, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Vale observar ainda que foram contabilizadas apenas manchetes ligadas às editorias de cidade e mundo. É possível concluir com essa pequena amostra a presença constante de metáforas em nosso cotidiano, confirmando o que Lakoff e Johnson comentaram no livro “Metáforas da vida cotidiana”, ou seja, que a linguagem cotidiana é densamente metafórica e parcialmente literal.

4 • Metáforas conceptuais em teorias linguísticas

Jéssica Bárbara Teodoro Neves (UERJ)

De acordo com a Linguística Cognitiva, o ser humano utiliza-se das metáforas para compreender o que está no plano do abstrato, isto é, o homem categoriza as ideias a partir das experiências com o mundo real. Pretendeu-se, neste trabalho, encontrar as metáforas presentes nos discursos teóricos que fazem parte da ciência linguística. As linhas teóricas investigadas foram as seguintes: Gerativista, Sociolinguística, Linguística Cognitiva e Ecolinguística. Os textos que serviram de análise foram retirados de livros, entrevistas em revistas online e blogs, buscando-se sempre analisar palavras originais dos teóricos representantes das teorias pesquisadas, a saber: Chomsky, Labov, Everett, Lakoff, Geeraerts, Fauconnier e Couto. A Linguística Gerativa e a Sociolinguística possuem um objeto de estudo bem definido, delimitado. Assim, a análise destas consistiu na forma metafórica como veem seus objetos de estudo. A Linguística Cognitiva e a Ecolinguística, como linhas teóricas mais recentes, propõem uma maneira diferente de observar a língua, não possuindo ainda um objeto de estudo delimitado. Dessa forma, a análise destas deteve-se na maneira metafórica de como se constituem a teoria linguística. Os textos utilizados permitiram uma análise bastante clara, uma vez que os autores explicitaram sempre as metáforas utilizadas. Nos textos referentes à Linguística Gerativa foram encontrados termos como *mecanismo*, *máquina*, *dispositivo*, *sistema computacional* e *algoritmo*, de onde se pode deduzir que a mente é vista como máquina, e a língua como sistema computacional. Nos textos da sociolinguística, a língua é vista como instrumento ou ferramenta de comunicação. A Linguística Cognitiva é ligada a uma perspectiva funcionalista, mas estuda não só as interações sociais, como também os processos cognitivos. Ela concebe a língua como algo não centralizado, mas como algo fluido. A metáfora do arquipélago é utilizada para ilustrar a sua organização teórica, e a metáfora do *iceberg* ilustra a concepção cognitivista de língua: a língua visível ou a interação constitui apenas a ponta do *iceberg*, a parte submersa representa uma série de processos cognitivos que ocorrem durante a interação. A Ecolinguística, ou Linguística Ecosistêmica utiliza como metáfora principal, a ecologia. Essa teoria faz uso de termos da biologia, tais como: interação, meio ambiente, movimento. A língua é vista como uma imensa rede de inter-relações que envolve o indivíduo (meio ambiente mental), a sociedade (MA social) e o território (MA natural). A principal diferença entre a Linguística Cognitiva e a Ecolinguística é que a primeira estuda a língua como um complexo de processos cognitivos que está relacionado à interação social, já a segunda a encara como uma extensa rede de conexões que envolve o nível mental, social e territorial. A presença das metáforas na elaboração das teorias linguísticas evidenciam a sua função na formação do raciocínio, além de facilitar a exposição das ideias ao público de um modo geral. Se, por um lado, esta análise mostrou a diferença entre as linhas teóricas; por outro, indicou semelhanças e aponta possíveis futuros diálogos entre teóricos de diferentes áreas, já que as linhas mais recentes, a LC e a Ecolinguística, propõem uma visão mais abrangente acerca do fenômeno linguístico, pois consideram tanto os aspectos mentais, como os aspectos funcionais da língua.

5 • Remediado está. Mecanismos cognitivos em decisões judiciais sobre o direito de greve do servidor público no Brasil.

Ulisses da Silva Gomes (UERJ)

Neste trabalho, analiso decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) sob a ótica dos estudos da Linguística Cognitiva. Dessa forma, tenciono demonstrar que, mesmo no texto de uma decisão judicial, em que se acredita não haver espaço para aquilo que fuja do tecnicismo, do vocabulário jurídico, há a possibilidade de se identificar o uso de metáforas e de flagrar exemplos vários que permitem comprovar que, como

menciona Ferrari (2011: 14) a linguagem humana é “instrumento de organização, processamento e transmissão de informação semântico-pragmática” e não um sistema autônomo. Tomei como corpus duas decisões do STF que tratam do direito de greve do servidor público (MI 20-4 DF e MI 712-8 Pará). As duas decisões foram prolatadas em momentos diferentes e, objetivamente, apresentam dois posicionamentos diversos. Todavia, o que se percebe na análise é que, apesar da diferença conceitual, foi possível observar mecanismos cognitivos na construção dos sentidos, tais como a categorização – verificada nos elementos que constituem e diferenciam os conceitos de “greve dos trabalhadores em geral” e de “greve dos servidores públicos”, tomados como espécies do gênero direito de greve –, os esquemas imagéticos – com o uso de experiências sensoriais corporais para tratar termos abstratos como a lei, o sistema normativo e a greve –, com esse mesmo objetivo, detectei o uso de metáforas, enquadradas em sistemas metafóricos, da personificação e da mesclagem conceptual – principalmente quando se identifica o Mandado de Injunção a um remédio. O *corpus* do presente trabalho é constituído por textos de duas decisões do STF que tratam do direito de greve do servidor público. Optei por decisões em Mandados de Injunção porque se trata de um instrumento onde é possível identificar a relação entre o Poder Legislativo e o Poder Judiciário – de caráter político, portanto –, já que tem lugar sempre que a “falta de norma” impeça o exercício de determinados direitos (Constituição Federal de 1988, art. 5º, LXXI). Num primeiro momento, foi realizada uma leitura dos textos para identificação de alguns dos mecanismos cognitivos utilizados; no segundo momento, as ocorrências foram classificadas de acordo com alguns modelos da linguística cognitivista. Em um terceiro momento, procurei levantar possíveis leituras das influências ou consequências dos sentidos aí construídos no contexto sócio-jurídico. Por meio da análise de decisões judiciais foi possível demonstrar que mesmo nesses textos de caráter eminentemente técnico, de vocabulário preciso e específico, é possível constatar que a construção de sentidos não foge a um modo de organização das informações e do conhecimento verificado em outras situações de comunicação. A identificação das ocorrências de construção do sentido e a sua classificação, utilizando-se dos mecanismos da Linguística Cognitiva, possibilitou a constituição de um *corpus* que permite levantar questionamentos sobre as consequências político-jurídicas da forma utilizada na construção dos textos das decisões judiciais. Ao optar pelos textos de Mandado de Injunção, foi possível não só verificar certas regularidades na construção das decisões, mas também, e principalmente, levantar questionamentos sobre essas ocorrências desnaturalizando seu uso e procedendo a uma análise extratextual, buscando-se uma fonte do sentido além do texto. Verifica-se, assim, a importância do contexto linguístico e do contexto social na definição de categorias, já que os membros do Tribunal constroem uma realidade externa e os estados mentais dos interlocutores a partir das decisões tomadas. Dessa forma, apesar de o direito de greve dos trabalhadores celetistas e dos servidores públicos compartilharem alguns traços, a construção do contexto social faz diferenciar o direito para as duas categorias.

6 • A linguagem dos alunos de graduação da UERJ: Processos de categorização à luz do Sociocognitivismo

Tânia Gastão Saliés & Vanessa Daiane Feijão Contente (UERJ)

Este estudo investiga como graduandos de oito cursos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro percebem e estruturam categorias relacionadas à vida na universidade, a partir da linguagem que usam em um questionário opinativo, adaptado de Rector (1975). O questionário atém-se às atividades sociais e estudantis desses universitários, com idade entre 18 e 27 anos, como, por exemplo, a sala de aula, relacionamentos afetivos, festas, esportes e outras categorias que constituem e são constituídas pelo uso situado da linguagem. Diferentemente de Rector, os dados serão analisados à luz das premissas da Linguística Cognitiva (eg. Lakoff, 1990; Taylor, 1987) e do conceito de categoria radial (Lakoff, 1990). Os usos foram codificados e elencados digitalmente. A partir dessa lista, foi feita uma busca das ocorrências no corpus por meio do mecanismo de Concordance da suíte de aplicativos WordSmith Tools 5.0 visando a posterior análise estatística da frequência das ocorrências. Os usos que apareceram com maior frequência foram analisados qualitativamente (Denzin & Lincoln, 2007) à luz do arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, especialmente do conceito de categoria radial. Dentre os tópicos específicos desenvolvidos encontram-se (a) o uso da linguagem e as relações que estabelece com a organização conceptual e (b) a estrutura das categorias “universidade”, “professor”, “sala de aula”, “estudante”, “trabalho”, “cultura”, “relacionamento afetivo”, “casamento”, “esportes” e “diversão”. Enquanto o objetivo geral foi explorar a interface linguagem, cognição e experiência, agregando valor a questões como a inseparabilidade entre os conceitos, as categorias

e a experiência, o objetivo específico foi entender melhor como a comunidade de graduandos da UERJ organiza as categorias presentes no questionário. Ao fazê-lo, foi possível delinear como os participantes classificam coisas, ideias, ações, eventos e, indiretamente, como organizam o pensamento. Dentre os achados, destacamos a organização da categoria 'casamento'. Os atributos a ela associados incluem *união, se juntar, compromisso, game over, prisão...* Ao examinar a expressão 'casamento', os entrevistados demonstraram perceber a responsabilidade que deriva do casamento, os fatores positivos e negativos envolvidos, sendo que houve preponderância dos fatores negativos com alta incidência da menção *game over*. Segundo Wilton e Stegu (2011), é a partir da categorização de padrões e das relações entre os participantes das cenas comunicativas que gerenciamos a tomada de decisões e agimos no mundo socialmente (p. 3). Seguindo essa linha de raciocínio, desvelar os processos de categorização de um dado grupo como aqui proposto pode indiretamente iluminar o entendimento do comportamento desse grupo e de suas atitudes. Acreditamos que os achados deste estudo possam interessar a profissionais de diversas áreas, como da Linguística Cognitiva, da Sociolinguística, das Ciências Sociais, lexicógrafos e semanticistas, assim como a professores e administradores que agem na comunidade universitária, principalmente na comunidade discursiva a ser investigada: a comunidade de graduandos da UERJ.

7 • Estratégias linguísticas em conversas telefônicas interceptadas: polissemia e vagueza

Juliana Aguiar Muniz (UERJ/CAPES)

O artigo pretende apresentar uma análise de conversas telefônicas interceptadas de policiais militares envolvidos com tráfico de armas e drogas, sequestro e extorsão, buscando observar, do ponto de vista linguístico-discursivo, as práticas mais recorrentes: uso da polissemia e de itens lexicais vagos. A pesquisa dentro do contexto forense é de natureza aplicada, com abordagem qualitativa. O *corpus* é constituído de conversas telefônicas interceptadas com autorização judicial e solicitadas à Coordenadoria de Segurança e Inteligência (CSI) do Ministério Público do Rio de Janeiro. A escolha das conversas deu-se em função da qualidade sonora das gravações e, a partir desse critério, dez delas foram transcritas seguindo as convenções de Gail Jefferson para proceder à análise qualitativa do uso da polissemia e da vagueza lexical. O objetivo será descrever o uso de palavras polissêmicas presentes nas conversas interceptadas, considerando os sentidos confrontados (sentido prototípico/sentidos não prototípicos), além de descrever o uso dos itens lexicais vagos. Em situações de conversa, em que o assunto é ilícito, os interlocutores lançam mão de estratégias linguísticas utilizando códigos para que pessoas fora do grupo envolvido não consigam decifrar o tema da conversa. Durante a transcrição das conversas telefônicas foi observado o uso da polissemia e de itens lexicais vagos como as principais estratégias linguístico-discursivas. A polissemia é o fenômeno pelo qual um item lexical é comumente associado com dois ou mais significados que parecem estar relacionados, de alguma forma. Segundo Claudia Brugman (EVANS & GREEN, 2006), a polissemia é um fenômeno conceitual que deve construir a base de uma teoria do significado das palavras. Os processos cognitivos subjacentes ao significado das palavras possuem uma dimensão social e cultural; consequentemente, o significado linguístico é dinâmico e flexível, e a polissemia é uma evidência do dinamismo e flexibilidade do significado. O significado tem que representar o mundo e esse mundo é uma realidade em mudança. A polissemia ilustra três tendências do sistema cognitivo: a densidade informativa – categorias prototípicas e polissêmicas permitem máxima informação com o mínimo esforço cognitivo –; a flexibilidade – o sistema categorial deve ser suficientemente flexível para se adaptar a novas circunstâncias –; e, por fim, a estabilidade estrutural – o sistema categorial só pode funcionar eficientemente se mantiver a sua organização geral por algum tempo, se não se alterar drasticamente sempre que uma nova informação tenha que ser incorporada –. Os protótipos têm, assim, um duplo efeito, aparentemente contraditório: adaptamos a categoria a novos contextos e interpretamos novas realidades com base em conhecimento prévio (Silva, 2010). Algumas das palavras polissêmicas encontradas foram: açúcar, carga da caneta e creche. Segundo Pinheiro (2010), no caso da polissemia, costuma-se falar em diferentes *sentidos*; quando se trata de vagueza, fala-se em diferentes *usos*. A vagueza de determinado item lexical acontece quando os usos estão conceitualmente muito próximos de um esquema comum. Alguns dos itens lexicais vagos que foram encontrados são: bagulho, negócio e material. Os resultados das análises da linguagem usada nas conversas telefônicas dos policiais envolvidos que foram interceptadas sugerem uma relação direta entre o uso da polissemia e de itens lexicais vagos e os típicos mecanismos característicos de proteção de face adotados quando se quer falar de algo ilícito, um assunto que uma terceira pessoa não poderia saber.

8 • Dizer (d)o brasileiro: uma análise da didática da “brasilidade” em manuais de Português como Língua Estrangeira.

Ana Beatriz Simões (UERJ / SME-RJ)

O presente trabalho tem por objetivo compreender o funcionamento discursivo das apresentações dos manuais “A casa da gente” e “Gente que come bem”, sob o enfoque teórico e metodológico da Análise do Discurso e da História das Ideias Linguísticas. Os referidos materiais são utilizados na formação de professores de Língua Portuguesa para estrangeiros da Universidade Nacional de Córdoba, na República Argentina. Considera-se esta informação como um dado relevante, visto que o estudo das metodologias e materiais de ensino de língua estrangeira não só implica no fazer pedagógico do futuro docente, mas também corrobora com a construção das imagens de língua e de identidades a que este se remeterá. Parte-se do pressuposto de que a Língua Portuguesa, no decorrer de seu processo de gramatização (AUROUX, 1992), que se baseia em descrever e instrumentalizar uma língua, atinge o estatuto de língua transnacional (ZOPPI- FONTANA, 2009) e ultrapassa as fronteiras nacionais, cristalizando novos espaços de enunciação. O processo de gramatização da Língua Portuguesa no Brasil é marcado pelos movimentos de distanciamento a que esta variedade toma em relação ao português lusitano, acompanhados dos marcos de constituição de língua e de Estado Nacional. Estes movimentos se articulam relacionados aos momentos históricos nos quais estão inseridos e revelam a ligação da língua com a constituição do Estado e do cidadão brasileiro. Sobre esta consideração, Orlandi (2008) acrescenta: “Com efeito, quando pensamos a língua nacional não pensamos a história da gramática em si, mas, pela análise do discurso, pensamos a construção de um imaginário linguístico que faz parte da definição do brasileiro”. Dessa maneira, o português brasileiro é compreendido enquanto língua da nação brasileira em que história e identidade lhe atravessam a constituição. Em outros termos, a Língua Portuguesa, em sua variante brasileira, não pode ser compreendida como uma língua sem Estado, mas é, por conseguinte, a língua do Estado brasileiro. Uma língua que passa a ter traços de valor econômico, cujo valor de troca lhe aponta a necessidade lucrativa de seu ensino e de aprendizagem. Essa necessidade recai na produção de diversos instrumentos linguísticos no quais esta língua deverá se aportar para o seu estabelecimento enquanto língua estrangeira. Dentre estes instrumentos, os manuais didáticos constituem importante espaço na prática docente, já que estes se tornam o principal elemento norteador no processo de ensino-aprendizagem. Como metodologia de análise deste trabalho, buscamos depreender sequências discursivas (doravante SD) cujas entradas lexicais se referissem a elementos culturais do Brasil ou que se reportassem aos costumes e comportamentos brasileiros, destacando também aquelas direcionadas aos processos de constituição do Português do Brasil enquanto língua transnacional. Através deste trabalho, buscamos entender como o processo de ensino-aprendizagem do Português Brasileiro se encontra atravessado por uma “didática da brasilidade”, na qual o ensino- aprendizagem dos aspectos linguísticos formais colabora para a formação do imaginário do cidadão brasileiro por parte do aprendiz estrangeiro. Sendo a língua atravessada pela constituição da identidade e cultura brasileiras, os manuais apresentam formas de dizer (d)o brasileiro, numa visão imaginária do comportamento e da percepção de “nossa gente”. A partir das análises do material selecionado, é possível afirmar que o ensino de Português Brasileiro como língua estrangeira é permeado por uma didática que constitui, sobretudo, uma projeção imaginária de identidade brasileira e que poderia ser pretensamente ensinada e aprendida por alunos e professores.

9 • O jornal escolar e as possibilidades de trabalho significativo com a língua

Ana Esther Rodrigues de Camargo; Filipe Guilherme Lemos &
Ana Cecília Fernández dos Santos (UFSCar/CAPES)

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados iniciais de um projeto em desenvolvimento no âmbito do PIBID-UFSCar – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência na área de Letras, relacionado às potencialidades do jornal escolar no ensino-aprendizagem de língua materna. Partimos de pressupostos teóricos que tomam a linguagem enquanto prática social (STREET, 2007). Consideramos, portanto, que o trabalho com leitura e escrita na escola deve ocorrer a partir do uso social da linguagem e, nesse sentido, nos valem da noção de gênero proposta por Swales (1990), que enfatiza o propósito comunicativo enquanto característica primordial na escolha e uso de diferentes gêneros. Também nos apoiamos na noção de letramento enquanto “prática relacionada com a escrita em toda atividade da vida social” (KLEIMAN,

2008, p.489) O desdobramento do projeto se dá em duas escolas públicas do interior paulista, com o intuito de trabalhar a escrita significativa dos alunos por meio da confecção do jornal escolar (BONINI, 2011). Partimos do pressuposto de que este meio de comunicação, por contemplar diversos gêneros, favorece práticas de letramento (STREET, 2007) através do uso da língua e da reflexão sobre a linguagem que transcendam seu caráter estrutural, dessa forma tornando-a agente na construção de um caráter crítico e interpretativo do leitor/autor. Inicialmente, houve um movimento de professores das escolas em questão na elaboração de jornais na tentativa de construir um espaço de diálogo e comunicação entre a escola e a comunidade externa. Além disso, buscava-se favorecer práticas de escrita significativas, com a veiculação de notícias sobre eventos da escola, entrevistas e produções dos próprios alunos. Após o lançamento das primeiras edições, o projeto foi reavaliado e foram elencadas questões relacionadas à otimização da própria confecção do jornal enquanto uma prática de escrita comprometida dos alunos. Como resposta a essa questão, foi proposta a constituição de uma equipe de jornalismo escolar constituída por estudantes dos diversos anos letivos, que também contou com a presença de licenciandos do PIBID de áreas de conhecimento diferentes e educadores. Deu-se início à segunda fase do projeto, que contemplou a oferta de oficinas para tais equipes; oficinas estas que envolvessem o ensino e a discussão dos processos redacionais e editoriais como parte integrante na elaboração e organização de um jornal, como também e não menos importante, os diversos gêneros textuais coexistentes neste, sendo um espaço macro de comunicação por excelência. Posteriormente, foram realizadas visitas à redação de um jornal de grande circulação nacional, com vista a estimular os alunos através de um contato de ordem primária da situação jornalística pela experiência e circunstancialmente iniciar o desenvolvimento de competências linguísticas para articulação e desdobramento do jornal escolar. Como resultados iniciais, podemos afirmar que o projeto tem despertado nos alunos interesse pela prática da escrita em diferentes gêneros. Também tem sido possível observar o jornal escolar enquanto potencializador no trabalho que se desenvolve em sala de aula com leitura e produção de texto, uma vez que muitas das dificuldades apresentadas por eles em sua elaboração podem ser trabalhadas de forma contextualizada. A implementação da cultura do jornal escolar tem contribuído para o desenvolvimento de competências discursivas relacionadas à inferência de informações, à análise de relações dialógicas e à compreensão de relações entre linguagem verbal e não-verbal. Almeja-se que a continuidade do projeto se dê com um maior engajamento dos alunos e que se estabeleça na escola a difusão comunicativa através do jornal escolar, influenciando a identidade e a personalidade do indivíduo (STREET; 2007).

10 • Jornal da escola

Camila Tremarin,; Cristiane Hillesheim; Juliana Bruxel; Lílian Thais de Jesus; Monica Lysakowski & Maria Helena Albé, (UNISINOS)
Simone Dillenburg (POLISINOS)

O projeto do Jornal na Escola constitui a elaboração, edição e publicação de um jornal escolar, voltado aos alunos da escola, em especial ao público jovem. O projeto é resultado do trabalho conjunto entre as bolsistas do PIBID-Letras da Escola Estadual Polisinós e uma equipe de alunos empenhados na pesquisa e na escrita e diagramação de matérias para o jornal. A escrita da primeira edição do Polinews teve como objetivo desenvolver a escrita de textos informativos e incentivar a leitura de jornais entre os alunos da escola Polisinós. O tema principal do jornal foi as Sagas, como Crepúsculo, Harry Potter, Jogos Vorazes, entre outros. Os outros temas desenvolvidos no jornal foram todos do interesse dos alunos, como por exemplo, diferentes gêneros musicais, filmes, profissões, dicas de livros, todos pesquisados por eles mesmos. Para o embasamento da produção do jornal, as bolsistas e a equipe de alunos visitaram a redação de um jornal no município de Dois Irmãos. Foi uma oportunidade de vermos como funciona e criação e a publicação de um jornal local, e de conversarmos com os profissionais responsáveis pelas várias etapas do jornal. Num próximo momento, foi organizada uma palestra na escola com o jornalista e professor de Jornalismo da Unisinós Eduardo Ferreira Veras. O profissional falou sobre os desafios da profissão e sobre sua experiência na área. Ele colocou-se a disposição dos alunos, que puderam fazer perguntas ao jornalista. A próxima etapa do projeto do jornal foi a pesquisa e a escrita das matérias a serem publicadas. Nesta etapa os alunos leram, pesquisaram, elaboraram entrevistas e escreveram para o jornal. Para finalizar a primeira edição, ainda aconteceu a edição e a diagramação do jornal, que exigiu dos alunos a pesquisa de diferentes programas para formatação do jornal. Todo o projeto do Jornal buscou envolver não apenas a equipe responsável pela escrita das matérias e diagramação, mas também toda a comunidade escolar. Para a escolha do nome, foi confeccionado um cartaz no qual todos os alunos da escola puderam deixar a sua sugestão e, após, o mais votado foi escolhido. Buscou-se entrevistar os alunos e questioná-los sobre quais matérias eles gostariam que fossem abordadas

no jornal. A publicação e a distribuição também foi organizada pelas bolsistas e pelos alunos. O projeto de elaborar e publicar um jornal no contexto escolar buscou envolver os alunos na sociedade em que eles vivem e desenvolver um olhar crítico para os fatos que os cercam. A realização do jornal Polinews colaborou para o desenvolvimento de competências de escrita e de pensamento crítico, bem como o incentivo à leitura das mídias informativas e da cultura.

11 • Poliantologia

Camila Tremarin; Cristiane Hillesheim; Juliana Bruxel; Lílian Thais de Jesus; Monica Lysakowski & Maria Helena Albé (UNISINOS)
Simone Dillenburg (POLISINOS)

O Projeto *Poliantologia*, que se desenvolve na E. E. E. M. Polisinós, situada em São Leopoldo - RS, desde o ano de 2004, consiste na elaboração e lançamento de uma antologia que reúne textos produzidos por alunos, professores, funcionários e outros colaboradores da Escola, com diversos temas. O propósito do projeto é de que os alunos e demais participantes reflitam e escrevam sobre temas relevantes para a formação do cidadão. Estimular o hábito da leitura e da produção escrita de forma prazerosa, oportunizando o reconhecimento de talentos, também foi uma das preocupações dos idealizadores da proposta. Desde a criação do Projeto, já ocorreram quatro edições: a primeira, em 2004, com o tema "Amigo"; em 2006, os autores escreveram sobre "Amor"; no ano de 2009, o tema foi livre, levando, a publicação, o título "Presente". Em 2011, em sua quarta edição, o projeto recebeu o apoio das bolsistas e supervisora do PIBID- Unisinos, subprojeto do Curso de Letras. O trabalho teve início com a divulgação do tema *Valores*, objetivando motivar a comunidade escolar a participar do projeto, escrevendo um texto envolvendo o tema. Ao mesmo tempo, as bolsistas selecionaram material de apoio sobre alguns gêneros que poderiam fazer parte desta edição. Esse material serviria de subsídio para a realização de oficinas de escrita que foram realizadas na escola. De forma espontânea, vários alunos participaram com seus textos, sem se preocuparem com uma avaliação formal. Apenas mostraram interesse em colaborar com o projeto que vem sendo desenvolvido na escola e que a cada edição busca incentivar toda a comunidade escolar a participar. Cada autor escrevia pelo prazer de criar, de produzir um texto que seria lido por um público diversificado. Para finalizar, a professora da sala de altas habilidades propôs aos alunos que realizassem desenhos para ilustrar a capa e a folha de rosto do livro. Os interessados entregaram os seus desenhos e dois alunos tiveram a oportunidade de publicá-lo. A cerimônia de lançamento da Antologia *Nosso jeito de ser*, realizada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, contou com a presença dos autores e seus familiares, da comunidade escolar e autoridades ligadas à educação que participaram de uma sessão de autógrafos, com os autores da Antologia. O tema de 2011, sugerido pela direção, visou ressaltar condutas éticas que, cotidianamente, são resgatadas na Escola. Durante o processo de desenvolvimento do Projeto, constatou-se o empenho e o interesse da comunidade escolar para sua concretização. Nesta quarta edição o projeto tem alcançado êxito, porque todos se empenharam em produzir uma obra que resgatasse valores morais, alguns deles já esquecidos por muitas pessoas. Ao ter seu texto publicado, cada autor teve a certeza de que passou a fazer parte da história da Escola Polisinós e deixará nela a sua marca registrada.

12 • A importância da Consciência Morfológica e da Variação Fonética para o desempenho da escrita em sala de aula

Andressa de Jesus Araújo Ramos; Diwlyane Souza Ribeiro; Helena da Silva Borges & Zilda Laura Ramalho Paiva (PIBIC-Universidade Federal do Pará)

Este trabalho surgiu a partir das reflexões propiciadas nas disciplinas *Morfologia e Fonética do Português*, parte integrante da matriz curricular do curso de Letras-Habilitação em Língua Portuguesa da UFPA. A pesquisa também originou-se das discussões no projeto de pesquisa "Língua Portuguesa: Diversidade e Consciência Linguística na Amazônia Paraense" (UFPA/CNPQ - Processo 477209/2010-6), cujo objetivo principal é perceber de que forma o trabalho com a Variação Linguística pode auxiliar no desenvolvimento da Consciência Linguística (CL) dos falantes. Em razão disso, o objetivo do presente trabalho é apresentar os resultados da análise de dados sobre Consciência Morfológica (CM) e Variação Fonética (VF). Para a metodologia, foi adotada a estratégia de pesquisa de campo acerca do tema "Consciência Morfológica (CM) e Variação

Fonética (VF)” de alunos do ensino fundamental menor de uma escola estadual da periferia do município de Castanhal-Pará. Desse modo, a consciência morfológica é a capacidade de refletir sobre os morfemas (Mota 2009). Tendo em vista a variação fonética, podemos conceituá-la de maneira geral, como as diferentes formas de pronunciar uma mesma palavra ou letra, levando em consideração um determinado fonema, o qual é utilizado por duas ou mais regiões, porém com sonoridade diferente na pronúncia dos falantes de língua portuguesa. O trabalho de campo objetivou: a) avaliar o nível de desenvolvimento da consciência morfológica a partir da escrita de alunos do 3º e 5º anos; b) mostrar tarefas com as vogais e suas variantes sonoras, para que o aluno amadureça com sucesso no desempenho da escrita. Dessa forma, a metodologia deste trabalho consistiu na elaboração e aplicação de atividades explícitas sobre CM e VF, as quais tiveram como base os pressupostos teóricos de Bagno (2007), Carone (1994), Stampa (2009), Laroca (2003), Mota (2009), Medeiros (2009), Brasil (1998) e a teoria da correspondência entre sons e letras de Lemle (2007). Espera-se dos alunos do 5º ano que eles tenham alcançado, nas séries anteriores, a etapa mais importante do grau de consciência morfológica, isto é, eles já deveriam estar aptos a conhecer, relacionar e analisar certas estruturas que compõem as palavras. Os referenciais nacionais como Brasil (1998) propõem que o aluno saiba escrever conforme suas intenções e demandas sociais e refletir sobre os fenômenos da linguagem. No caso deste trabalho, sobre a CM e VF. No entanto, os resultados apontam dificuldades latentes no nível de conhecimento morfológico dos alunos com sérios prejuízos à sequência de estudos. Mostram, também, as dificuldades que os discentes têm em perceber os diferentes sons emitidos durante a leitura, o que afeta diretamente na escrita. Sendo assim, esta pesquisa de campo foi importante para percebermos certas dificuldades que os alunos encontram durante o processo de alfabetização e aquisição morfológica, devido às complexidades das etapas de correspondências entre sons e letras. Portanto, a partir da identificação das dificuldades na escrita, tentaremos formular e pôr em prática uma nova metodologia de ensino que considere as etapas distintas e sucessivas no processo de aquisição do domínio da escrita pelo alfabetizando.

13 • Flexão verbal em Libras e em Língua Portuguesa: análise contrastiva

Catarina Modesto De Carvalho Leitão (UERJ)

Vanessa Gomes Teixeira (UERJ)

O presente trabalho visa abordar questões ligadas ao conteúdo de flexão verbal e como ele ocorre na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e na Língua Portuguesa, chamando a atenção para as semelhanças e diferenças entre as duas línguas. Autores, como Silva (2008) e Gesser (2009), apontam que a língua de sinais, como primeira língua do surdo, facilita a compreensão desse aluno no processo de aprendizado de aspectos gramaticais da Língua Portuguesa. Porém, eles também nos atentam quanto à diferença da modalidade de cada língua: a Libras é espaço-visual, enquanto o Português é oral-auditivo. Isso quer dizer que são duas estruturas linguísticas distintas e por isso, devemos levar em conta suas respectivas especificidades quando pensamos em uma metodologia de ensino de Língua Portuguesa para alunos surdos. O referencial teórico utilizado é a Teoria Lingüística Interdependente (CUMMINS, 1989 *apud* BROCHADO, 2003), assinalada como um modelo para educação bilíngue de alunos surdos. Segundo os teóricos da área, o princípio básico desta teoria é a *competência básica comum* (CUP). Entende-se que os aspectos relacionados ao letramento em L1 e L2 são comuns ou interdependentes através das línguas. Isso implica dizer que a experiência com alguma língua levará ao aumento da competência fundamental de ambas as línguas. Tendo em vista o exposto, o trabalho tem como base cinco eixos temáticos, a saber: 1) questões temporais e aspectuais da flexão verbal em Português; 2) questões temporais e aspectuais da flexão verbal em Libras; 3) análise contrastiva da Língua Portuguesa e da Libras; 4) análise de material didático voltado para o ensino desse conteúdo para surdos; 5) proposta de material didático, pensado a partir de uma metodologia desse conteúdo para surdos. Tais eixos estão agrupados em três partes. A primeira parte fala sobre o conceito de flexão verbal e faz uma análise das duas línguas, apontando as semelhanças e diferenças encontradas. Já a segunda parte analisa como um material didático voltado para o ensino de Português para surdos trabalha com esse conteúdo gramatical, concluindo se este realmente utiliza uma metodologia voltada para o Ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos. Por último, a terceira parte elabora uma proposta para o ensino dessas questões de “flexão verbal”, que leva em conta as especificidades do aluno surdo e visa utilizar a Libras como um meio que o permite comparar o conteúdo nas duas línguas, facilitando a compreensão de aspectos da Língua Portuguesa. Como metodologia do trabalho, enfocamos a elaboração de análise contrastiva de questões temporais e aspectuais do conteúdo de flexão verbal tanto em Libras como em Língua Portuguesa e a aplicação da nossa proposta metodológica em grupos de alunos surdos de uma escola pública noturna do Rio de Janeiro. Como resultados parciais, temos

a elaboração de um quadro sobre o tema flexão verbal, que compara o modo como esse conteúdo se estrutura na Língua Portuguesa e em Libras e que também aponta os contrastes encontrados nessa análise. Esse quadro servirá de base para a elaboração da nossa proposta de atividade para o ensino dessas questões de “flexão verbal” para alunos surdos, pois acreditamos que é essencial o uso da Libras, a primeira língua do surdo, como base do ensino de uma segunda língua, como Português, e da compreensão dos seus conteúdos gramaticais por parte desse aluno. A partir do estudo sobre a temática dessas questões de “flexão verbal” e da proposta de atividade para o ensino desse conteúdo, esperamos que a pesquisa nos apresente caminhos para a melhora da prática docente e facilite o processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa para alunos surdos.

14 • Línguas em contato: o processo de perda da língua munduruku no estado do Amazonas e as políticas de valorização identitária

Ytanajé Coelho Cardoso (UEA)

Na segunda metade do século XVIII houve os primeiros contatos com o aguerrido povo Munduruku, de tronco linguístico Tupi, que habita(va) a região do Tapajós e Médio Madeira. Ao longo de mais de três séculos de contato com a cultura do colonizador, essa etnia sofreu profundas transformações no que tange à prática de seus costumes e, no tocante à língua, houve a sua perda quase total, restando, atualmente, apenas três falantes entre aproximadamente 3500 índios. Tendo em vista essas mudanças exacerbadas, o presente trabalho objetiva apresentar reflexões acerca do processo de perda da língua munduruku no estado do Amazonas em virtude do contato com a língua do colonizador, o português, que, durante a empreitada missionária do início do século XX, figurou na principal ferramenta de dominação. Este artigo baseia-se na situação atual do povo em questão, o qual se encontra na iminência de perder seus últimos falantes da língua materna, todos habitantes da aldeia Kwatá, região de destaque desta pesquisa. Sendo assim, procuramos recolher os textos já produzidos a respeito dessa etnia (SANTOS, 1995; OLIVEIRA, 2002; OLIVEIRA, 1991; MELO, VILLANUEVA, 2008), tendo como foco principal os munduruku habitantes do Médio Madeira. A partir de tais referências, foi possível ampliarmos consideravelmente nossa visão sobre a realidade histórica e linguística dos munduruku, abrindo caminhos para outros estudos mais aprofundados. Os resultados dessa reflexão nos mostram, superficialmente, como a língua munduruku, através de um processo histórico desfavorável, foi gradativamente perdendo seus falantes e, juntamente com a língua, parte de sua cultura também deixou de ser manifestada, tendo em vista que a língua é a ferramenta através da qual os universos culturais vão se configurando. Todavia, nos últimos anos, os munduruku vêm reivindicando seus direitos junto ao poder público na tentativa de resgatar a cultura de seu povo. Muito recentemente, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) desenvolveu e implantou um curso específico de Licenciatura Intercultural Indígena, com o objetivo de formar professores/educadores munduruku, garantindo um diálogo com o conhecimento universal e o conhecimento tradicional (cultura, valores e língua) desse povo. No caso específico da licenciatura para professores munduruku, os estudantes indígenas da demarcação Kwatá-Laranjal, na região do Município de Borba (a 150 quilômetros de Manaus), entram em contato com outros Munduruku da região do Rio Cururu, no Pará. A Universidade do Estado do Amazonas (UEA), também, preocupada em estabelecer uma política pública direcionada aos povos indígenas, iniciou um curso específico para formar professores denominado “Programa de Formação do Magistério Indígena (PROIND)”, sob a coordenação de pesquisadores da UEA e UFAM. O referido programa atua em 52 municípios, contemplando municípios onde mora grande parte dos professores munduruku, a saber: Nova Olinda do Norte, Borba e Manicoré. Em certa medida, isso mostra a sensibilidade do estado brasileiro numa tentativa de garantir e assegurar de modo efetivo o que diz a Constituição Federal de 1988 (arts. 210, 213,) e demais legislações complementares que norteiam a educação escolar indígena (modalidade de educação que preza por uma educação específica, diferenciada e bilíngüe). Essas licenciaturas são pioneiras e se configuram como instrumentos de revitalização e valorização do conhecimento tradicional aliado ao conhecimento não-indígena, fortalecendo, portanto, as políticas de valorização identitária, através da qual os munduruku vêm conquistando seu espaço perante o estado brasileiro.

15 • Ser e estar: verbos relacionais em foco

Bruna Gois Pavão (CNPq/UFRJ)

Fundamentada em uma abordagem funcionalista, a presente comunicação tem por objetivo realizar uma análise sobre os verbos SER e ESTAR como relacionais no Português do Brasil, com base no estudo de sua multifuncionalidade, e destacar a configuração semântica e gramatical das predicções em que ocorrem. Pretende-se tratar de aspectos como: (i) os usos desses verbos nas modalidades oral e escrita; (ii) o processo de gramaticalização a que se submetem; (iii) as diferenças relativas aos seus usos lexicais e gramaticais, particularmente no que diz respeito às categorias verbo predicator e verbo relacional; (iv) a configuração semântico-funcional prototípica das categorias em que ocorrências desses verbos se encaixam; e (v) seu comportamento relacional, uma vez que esses verbos aparecem prototipicamente nesta categoria, confirmando-se, assim, uma das hipóteses iniciais da pesquisa. Além disso, busca-se expor elementos da análise de como as gramáticas tradicionais e os livros didáticos abordam a multifuncionalidade verbal, especialmente de SER e ESTAR, assim como o tratamento dado ao uso desses verbos como relacionais. Para tanto, conta-se com um *corpus* de ocorrências de SER e ESTAR coletadas em textos orais (NURC-RJ) e escritos (VARPORT e Revista Caros Amigos), uma vez que a abordagem funcionalista busca analisar a língua em uso, trabalhando com dados reais. Recorre-se a orientações teórico-metodológicas e descritivas referentes: ao estudo do processo de gramaticalização, que ocorre quando uma unidade linguística começa a adquirir propriedades de formas gramaticais ou, se já possui estatuto gramatical, torna-se ainda mais gramatical; e, mais especificamente, de auxiliarização, que consiste no processo de gramaticalização que atua sobre formas verbais, fazendo com que sejam transferidas de uma categoria lexical (verbo predicator) para uma categoria gramatical (verbo auxiliar, semi-auxiliar, copulativo ou suporte) (HOPPER, 1991; HEINE, 1993); ao estatuto de verbo cópula suporte em S. Dik (1997), termo utilizado pelo autor por constatar que a predicção requer um verbo copulativo, que pode ser usado para codificar tempo, aspecto e modo; à concepção de categorização radial de formas linguísticas em Taylor (1995), para tratar os conceitos como estruturados de forma gradual, existindo um membro típico ou central das categorias e outros menos típicos ou mais periféricos; e à multifuncionalidade verbal em Machado Vieira (2008), que discute os vários usos que uma forma verbal pode desempenhar, utilizando, especificamente no caso dos verbos relacionais, critérios sintáticos e semânticos. Algumas considerações já podem ser delineadas a respeito do tema, com base nos resultados obtidos, tais como a comprovada prototipicidade dos verbos SER e ESTAR como verbos relacionais, pautada na categorização linguística proposta por Taylor (1995), além de sua alta produtividade na língua oral e escrita, com um grande percentual em todos os domínios discursivos e gêneros textuais analisados. Em relação ao tratamento dado a esses verbos nas gramáticas tradicionais e livros didáticos, verificou-se que, em geral, não há seção específica para os verbos relacionais, pois são tratados apenas quando se fala em predicados nominais, não havendo, assim, um aprofundamento sobre a complexidade desse tipo de verbo. Observa-se apenas uma tentativa de expor uma lista de verbos prototípicos, sem levar em conta outros casos menos comuns, em que verbos tipicamente predicares funcionam como verbos relacionais. Agora, pretende-se analisar as condições das predicções que fazem com que esses verbos assumam mais nitidamente estatuto de verbo relacional, diferenciando-se de outras possibilidades categoriais.

16 • As sibilantes espanholas sob um olhar centrado no uso: uma análise pancrônica

Davidson Martins Viana Alves (UFRJ/FAPERJ)

O presente trabalho é fruto de uma inquietação no que concerne às sibilantes espanholas que tem, na sua trajetória linguística, variados processos formadores de fonemas, tais como a fonologização, a transfonologização e a desfonologização. Será apresentado o percurso das manifestações das sibilantes linguointerdental [θ] e apicoalveolar [s], segundo a classificação proposta por Quilis (1953; 1993). Investigam-se, também, os mais variados aspectos desses sons, tais como suas classificações articulatórias e a análise feita por intermédio da matriz de traços. Descrevem-se pelo estudo pancrônico, os fatores linguísticos e, sobretudo, os extralinguísticos relacionados aos fenômenos do seseo, ceceo e distinção, com base na reorganização do quadro das consoantes espanholas que ocorreu entre os séculos XVI e XVII e que originou o sistema consonântico do espanhol atual. O percurso de evolução fonética das consoantes espanholas ocorreu entre esses séculos e foi um processo muito peculiar do idioma em questão. Durante o século XV já eram notáveis mudanças fonéticas relacionadas ao uso e a significativos

elementos extralinguísticos. Entretanto, como a língua nunca interrompe seu fluxo de funções e nem deixa de evoluir, outros fatos linguísticos também atuaram diretamente no sistema e seus efeitos se fizeram plenos.

Sobre o reajuste consonântico do Espanhol antigo, ou Castelhana, menciona-se que os alofones principais das três sibilantes do espanhol do século XVI concentravam-se em um espaço articulatório reduzido, pois seu contraste fonético era pequeno. Depois da mudança, o contraste ficou mais evidente. O objetivo específico deste trabalho é mostrar a evolução dos fenômenos *seseo* e *ceceo*, baseando-se no pressuposto de William Labov (1976, p. 190): “Pode-se considerar que o processo de variação linguística se desenrola em três etapas. Na origem, a mudança se reduz a uma variação, entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se propaga e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, ela se realiza e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais”. Nesta perspectiva, formula-se um continuum entre *seseo* e *ceceo*, estando a distinção entre esses extremos. Deste modo, classificar-se-á as regiões espanholas em comunidades de fala *seseante* e/ou comunidades de fala *ceceante*, com base no referencial teórico da Teoria da Difusão Lexical de Cristóvão-Silva (2011) e da Fonologia de Uso preconizada por Bybee (2001a). A referida teoria estabelece que a produtividade de um padrão está estritamente relacionada com sua frequência de tipo (*type frequency*) e de ocorrência (*token frequency*) que, por sua vez, estão vinculadas à competência pragmática e aos propósitos comunicativos do falante. Logo, postula-se que sons, em quaisquer línguas, cuja função opositiva seja pequena têm maior possibilidade de desaparecer, porque são menos estáveis. Verifica-se que os dados provenientes dos mapas e textos – tanto do espanhol arcaico quanto do espanhol contemporâneo – corroboram alguns pressupostos dos modelos de uso, como (1) a frequência de ocorrência exerce impacto sobre a mudança sonora (palavras mais frequentes são afetadas primeiro por mudanças redutivas); (2) o detalhe fonético é relevante para a análise multirrepresentacional, advinda de fatores comprovados pela mudança efetiva de determinados usos, ou seja, a mudança está para o uso assim como a variação está para a real prática linguística e (3) o uso linguístico promove a alteração imediata das representações, que são dinâmica.

17 • Cancelamento de vogais altas em sequência de vogais

Ingrid de Castro Faria (UFMG/CNPq)

Este trabalho apresenta o estudo de casos de cancelamento de vogais altas em sequência de vogais no português brasileiro (PB), realizado através da análise de dados da variedade linguística de Belo Horizonte. Entende-se por cancelamento em sequência de vogais o fato de apenas uma das vogais da sequência poder ser auditivamente identificada. Por exemplo, palavras como “cárie” ou “vácuo” apresentam formas como kár[ii] alternando com kár[i], ou vák[uu] alternando com vák[u]. A investigação deste trabalho tem como foco o cancelamento de uma das vogais altas: [ii] > [i] e [uu] > [u] em exemplos semelhantes aos ilustrados por “cárie” e “vácuo”. Este estudo adota como embasamento teórico modelos multirrepresentacionais: a Fonologia de Uso (BYBEE, 2001) e a Teoria de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001). Estes modelos auxiliam a investigação do papel do detalhe fonético fino nos casos de mudança sonora, além de permitirem investigar se a perda segmental tem efeito no âmbito lexical. Para a análise deste fenômeno, foi feito um levantamento de palavras com essa sequência de vogais, através de uma busca no corpus do projeto ASPA (Avaliação Sonora do Português Atual), que se encontra disponível para consulta em <http://www.projetoaspa.org>. Com base nesta busca, foram selecionados para este estudo os seguintes grupos: palavras com a sequência “ie” pós-tônica final e palavras com “uo” pós-tônica final. Outros casos investigados são cancelamentos como “quieto” e “fluorescente”, que possuem realizações como k[e]to e fl[o]rescente. Optou-se por utilizar apenas itens nominais, excluindo desta análise palavras cuja sequência de vogais advém da morfologia verbal. Sendo assim, formas verbais como “envie” e “atuou” foram discriminadas neste estudo. Após este primeiro levantamento, foram escolhidas 8 palavras com sequência de vogais, sendo quatro com a sequência “ie” e quatro com a sequência “uo”. A Fonologia de Uso assume que as mudanças sonoras são foneticamente graduais, sendo esperado, desta maneira, que as alterações sonoras do fenômeno em análise ocorram de maneira gradual. Para esta investigação de gradiência fonética, foram escolhidas também 8 palavras cujo contexto final é semelhante às palavras analisadas, a fim de contrastar a duração das vogais após o cancelamento com a duração de vogais cuja realização é plena. São contrastados, por exemplo, as durações da realização da forma reduzida de “cárie” kár[i] e a duração vogal [i] em “pare” par[i]. A partir das palavras escolhidas para este estudo, foi desenvolvido um experimento composto por slides, que contém uma imagem e uma frase com uma lacuna. Esta lacuna pode ser preenchida com as palavras investigadas, uma vez que a imagem presente no slide fornece uma sugestão para este preenchimento. Foram gravados 12 informantes naturais da cidade de Belo Horizonte. Posteriormente,

foi realizada uma análise acústica dos dados obtidos através das gravações, realizada com o auxílio do programa *Praat*. A partir desta análise, foi possível observar que o cancelamento de vogais altas em sequência de vogais ocorre de maneira gradiente que este cancelamento tem efeito no âmbito lexical, uma vez que foi constatado um alongamento das vogais pretônicas das sílabas que precedem as sequências de vogais canceladas em comparação com as palavras semelhantes cujo cancelamento não ocorre.

18 • A língua de imigração hunsrückisch: produção dos róticos durante a aquisição da linguagem escrita

Felipe Bilharva da Silva (PIBIC-CNPq/ UFPEL); Helena Cristina Weirich (BIC-FAPERGS/ UFPEL) & Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPEL)

Situado na região central do Rio Grande do Sul, o município de Agudo foi um dos locais do território brasileiro que serviu como sede para a colonização alemã a partir do final do século XIX. A cultura germânica, contrastando com a civilização brasileira, originou fenômenos peculiares, dentre os quais é possível citar os linguísticos, uma vez que, com os imigrantes, desembarcou uma língua de imigração denominada Hunsrückisch, a qual, até os dias atuais, ainda é falada por uma grande parcela da população. Visando investigar a influência do Hunsrückisch na Língua Portuguesa durante o período de aquisição da linguagem escrita, o presente trabalho realiza um recorte da variedade linguística falada na região, avaliando alterações na produção dos segmentos róticos no desenvolvimento da oralidade e da escrita de alunos da 3ª, 5ª e 7ª séries de uma escola pública do referido município. A escolha pela análise dos róticos deu-se pela constatação, à qual foi possível chegar em trabalhos anteriores, de um grande número de trocas nesses segmentos e pela grande variação fonética que apresentam nas diferentes línguas, que pode demonstrar-se como um fator complicador para os bilíngues, falantes do Português e do Alemão, conforme explicitam autores como Costa (2006) e Wiese (1996). A fim de obter os dados que compuseram a pesquisa, foram realizadas coletas de narrativas orais – captadas com o recurso de gravadores digitais *Oregon Scientific VR-636* – e escritas, produzidas por 79 (setenta e nove) estudantes, divididos em monolíngues (grupo M) e bilíngues (grupo B), baseando-se, para tal, na história não verbal *Frog, where are you?* (Mayer, 1969) e totalizando-se um número de 158 (cento e cinquenta e oito) produções. Após a digitalização de todo o material coletado, os itens lexicais constituídos por róticos foram separados em quadros, os quais indicaram se a produção atingia ou não a forma alvo e, em caso de negativa, qual fora a estratégia de substituição utilizada pelo falante. O total de acertos foi contabilizado em tabelas – divididas por série e por grupo – e, buscando fornecer maior confiabilidade e averiguar se as tendências sinalizadas pela análise quantitativa apresentavam significância, optou-se por proceder à análise estatística, utilizando-se, para tal, das ferramentas disponibilizadas pelo software *SPSS Statistics*, versão 17.0. Assim, realizou-se os testes de Kruskal-Wallis, para averiguar diferenças entre os dados de três grupos (séries) distintos e o de Mann-Whitney, para averiguar diferenças entre duas séries. Por fim, esses dados quantitativos foram confrontados com resultados obtidos na cidade de Pelotas, com a finalidade de observar se a presença do dialeto alemão influenciou no número de trocas; além disso, as estratégias de substituição dos róticos nos dois municípios foram igualmente comparadas. Os resultados apontaram que o grupo B apresenta um número de trocas superior ao cometido pelo grupo M; este, entretanto, igualmente apresentou um índice alto, quando em comparação com os monolíngues de Pelotas. Dessa forma, acredita-se que o processo de alfabetização realizado no município de Agudo deva levar em consideração as peculiaridades linguísticas da região, intensificando o estudo dos segmentos róticos com os alunos, a fim de que esses percebam as diferenças existentes entre o código escrito e a modalidade oral, aperfeiçoando, assim, o conhecimento linguístico acerca do funcionamento da Língua Portuguesa.

19 • A influência das variáveis sociais no alçamento das vogais médias pretônicas no interior paulista

Márcia Cristina do Carmo (UNESP)

O presente trabalho analisa a atuação das variáveis sociais no alçamento das vogais médias pretônicas na variedade do interior paulista. Por meio do alçamento vocálico, as vogais /e/ e /o/ são pronunciadas, respectivamente, como [i] e [u], como em *m[i]nino* e *c[u]ninsertar*. O

alçamento é resultado, sobretudo, de outros dois processos: (i) *harmonização vocálica* (CÂMARA JR., 2007 [1970]; BISOL, 1991), em que há a influência de uma vogal alta na sílaba seguinte à da pretônica-alvo, como em *inv[i]sti* e *s[u]frido*; e (ii) *redução vocálica* (ABAURRE-GNERRE, 1981), em que se verifica a influência do(s) ponto(s) de articulação da(s) consoante(s) adjacente(s) à pretônica-alvo, como em *p[ik]eno* e *all[mu]çar*. Como *corpus*, foram utilizados 38 inquéritos com amostras de fala espontânea provenientes do banco de dados IBORUNA, resultado do Projeto ALIP – Amostra Linguística do Interior Paulista (IBILCE/UNESP – FAPESP 03/08058-6). O presente trabalho segue o arcabouço teórico da *Teoria da Variação e Mudança Linguística*, proposta por Labov (1972). Em relação aos passos metodológicos realizados, verificaram-se: (i) seleção de ocorrências de vogais médias pretônicas; (ii) identificação dos fatores considerados; (iii) transcrição fonética de base perceptual; (iv) identificação dos contextos de aplicação do processo; e (v) quantificação das ocorrências, com a utilização do pacote estatístico GOLDVARB-X. Por tratar da influência de fatores *sociais* na aplicação do alçamento vocálico, destaca-se, neste trabalho, o comportamento das variáveis extralinguísticas *sexo/gênero*, *faixa etária* e *escolaridade*. Como resultado geral, tem-se que as porcentagens de alçamento de /e/ e de /o/ são relativamente baixas e similares: 16,1% e 16,6%, respectivamente. Em relação ao *sexo/gênero*, selecionado pelo programa estatístico apenas para a vogal pretônica /o/, observou-se que não há diferença significativa entre a fala de homens (peso relativo – doravante PR – 0.543) e de mulheres (PR 0.459) em relação ao alçamento vocálico, dados os pesos relativos bastante próximos a 0.500. No que diz respeito à *faixa etária*, selecionada apenas para /e/, a mais favorecedora é a de *36 a 55 anos* (PR 0.575), seguida pela faixa etária mais jovem, ou seja, dos *7 a 15 anos* (PR 0.529). As outras faixas etárias mostram-se levemente desfavorecedoras do alçamento, com pesos relativos de 0.466, 0.455 e 0.429 para, respectivamente, de *26 a 35 anos*, *acima de 55 anos* e *de 16 a 25 anos*. Como observado, as diferentes faixas etárias apresentam pesos relativos bastante próximos a 0.500 para /e/. Esse resultado, somado à não-seleção da *faixa etária* como significativa à aplicação do alçamento de /o/, indica que o processo se encontra em variação estável para ambas as vogais. Por fim, em relação à *escolaridade*, selecionada para a pretônica /e/, verifica-se que o *primeiro ciclo do Ensino Fundamental* é o fator mais favorecedor da aplicação do alçamento, com peso relativo de 0.622. Em seguida, tem-se o grau de escolaridade mais alto – o *Ensino Superior* – como levemente favorecedor do alçamento, com peso relativo de 0.518. O *segundo ciclo do Ensino Fundamental* mostra-se neutro em relação ao alçamento (PR 0.498) e o *Ensino Médio* mostra-se levemente desfavorecedor da realização do processo (PR 0.441). Dados os resultados, a afirmação de que os anos de estudo formal exercem influência na aplicação do alçamento da vogal pretônica /e/ deve ser feita com muita cautela, já que as taxas são relativamente próximas e não exatamente decaem com o decorrer da escolaridade.

20 • Padrões de uso da expressão *de repente*

Sirley Ribeiro Siqueira (UFF)

Neste trabalho, investigamos a expressão *de repente* com base nos estudos funcionalistas, que veem a língua como um instrumento de comunicação, sujeito a pressões de uso provenientes de diferentes situações comunicativas, o que pode alterar algum aspecto de sua estrutura gramatical. Em outras palavras, pode-se dizer que, no paradigma funcional, a análise da estrutura linguística se dá ao mesmo tempo em que é feito o estudo das condições discursivas em que ocorre determinado enunciado (Traugott, 2008; TRAUGOTT, E. & HEINE, B., 1991; Bybee, 2011); e contribuições de estudos cognitivistas, com especial destaque à Gramática das Construções (Goldberg, 1995, 2006; Croft, 2001). Nossa hipótese central é que *de repente* seja uma expressão polissêmica, em processo de gramaticalização. As definições acerca do termo gramaticalização enfatizam a mudança de um termo ou expressão de natureza lexical que passa a atuar com *status* gramatical ou de um termo ou expressão menos gramatical que adquire um caráter mais gramatical. Este processo sugere um percurso unidirecional de mudança, que parte do léxico para a gramática, ou do menos gramatical para o mais gramatical, e não vice-versa. Alguns de nossos objetivos são: determinar todas as ocorrências da construção pesquisada, organizando-as simultaneamente por padrões funcionais e contextos de uso; observar a ordem da construção na oração (P1 - iniciando a sentença; P2 - fechando a sentença; P3 - entre o sujeito e o verbo e P4 - entre o verbo e o objeto); investigar uma possível relação entre os diferentes usos das construções e as sequências tipológicas em que se encontram inseridas; e propor uma escala sincrônica de usos a partir da abstratização das acepções. Os dados por ora pesquisados são de língua oral, provenientes do Projeto Nurc RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), hospedado no portal <http://www.lettras.ufrrj.br/nurc-rj/>, que abrange um total de 409 arquivos (sendo 394 gravados na década de 1970 e 15, na década de 1990) com a participação de falantes com nível superior

de ensino, provenientes da cidade do Rio de Janeiro. Deste total de arquivos, selecionamos 40 (cada arquivo contém aproximadamente cinco mil palavras) para perfazermos o total aproximado de duzentas mil palavras. Também buscamos dados no acervo do projeto do grupo de estudos Peul (Programa de Estudos sobre o Uso da Língua), denominado Amostra Censo, hospedado no site www.letas.ufrj.peul/amostras. Este banco de dados foi organizado na década de 1980 e contém 64 arquivos, que contém especificações acerca da idade (15 a 25 anos, 26 a 49 e acima de 50 anos), escolaridade (1º segmento do Ensino Fundamental, 2º segmento do Ensino fundamental e Ensino Médio) e sexo (masculino e feminino). Todos os informantes são da cidade do Rio de Janeiro. Destes 64 arquivos, selecionamos 25, a fim de perfazermos também um total aproximado de duzentas mil palavras (cada arquivo contém aproximadamente oito mil palavras). Os dados demonstram que a expressão evidencia um caráter polissêmico, justificado pelas macrofunções arroladas: advérbio de modo, modalizador epistêmico de possibilidade e marcador discursivo. O primeiro dos usos, abonado pelos estudos tradicionais, configura-se como forma não-marcada, mais recorrente nos dados, ligado a sequências narrativas; as duas últimas acepções, mais abstratizadas, aparecem, com mais prioridade, em sequências argumentativas.

21 • Aquisição de estrutura argumental de CAUSA no PB

Thayse Letícia Ferreira (UFPR)

O estudo do fenômeno da CAUSA[ção] (CAUSA enquanto primitivo semântico e causação como relação entre evento percebido no mundo e construção gramatical) é de grande importância para os trabalhos em aquisição de linguagem, pois é um dos elementos mais básicos do modo como concebemos e construímos coerência no mundo em que habitamos (Silva, 2005). Vários estudos linguísticos têm usado o fenômeno da causa como base para o desenvolvimento de sua teoria. Ramchand (2008), por exemplo, elabora uma sintaxe de primeira fase, na qual a estrutura sintática é *per se* uma cadeia causal. Segundo a autora, o fenômeno da causação é fundamental para os estudos sobre os componentes do significado, pois apresenta morfologia própria em algumas línguas. A partir de tais considerações, o presente trabalho propõe uma análise das estruturas de causa em dados de aquisição do PB. A análise desenvolvida tem caráter onomasiológico, ou seja, parte do estudo dos conceitos de causa, sob a perspectiva semântico conceitual de Jackendoff (1985), Pinker (1989; 2004) e Talmy (2000), para então observar como as sentenças que relatam causa no PB são construídas gramaticalmente. A questão que moveu este estudo partiu da observação de dados longitudinais coletados pelo projeto “Construção de banco de dados para estudos em aquisição de tempo e aspecto”. Observamos que crianças em idades iniciais produziam causativas indiretas do tipo “AL 2;1 Pesta aqui. Dixa eu iá pa vê... qué vê...; AL 2;5 Ó tio fiz desenh/Fajendu colachão...” e “B 3;3 Me corre!”. Isso significa que crianças em processo de aquisição já possuem o mesmo tipo de construção gramatical que os adultos, o que nos leva à hipótese de que CAUSA é um componente inato da linguagem, pois crianças em idades iniciais já produzem estrutura argumental de causação direta e estrutura perifrástica de causa indireta. Como base teórica, exploramos autores que discorrem sobre o fenômeno da causa dentro dos estudos de semântica cognitiva e elaboram teorias sobre a construção da linguagem. Talmy (2000) constrói uma estrutura de dinâmica de forças para representar fisicamente as relações de causação e uma teoria de enquadramento da atenção, para discorrer sobre a maneira como estruturamos a linguagem. Jackendoff (1985) também discorre sobre a estruturação da linguagem através de primitivos semânticos e de uma relação entre observação do mundo (eventos) e formação de um mundo projetado. Song & Wolf (2003) elaboram uma ampla discussão diferenciando causa direta de causa indireta, as quais terão grande foco no desenvolvimento do presente trabalho. Segundo esses autores, há uma coatuação de sistemas na construção da gramática – sistema visual, estruturas conceituais, sistema motor, etc. Para atestar nossa hipótese, elaboramos testes em método de produção eliciada (Crain & Thornton, 1998) utilizando situações que envolviam CAUSA (quebrar um carrinho, construir um boneco e andar). Criamos dois vídeos com as situações mencionadas e os apresentamos a um grupo de crianças entre 3 e 8 anos, solicitando que nos falassem sobre o que estavam vendo. Apresentaremos a análise do *corpus* de testagem, demonstrando que as estruturas observadas na fala infantil corroboraram para a hipótese inicial, pois crianças em idades iniciais produziram estruturas de causa direta e indireta (A 6;2 ele tá andando e L 4;5 fazendo ele andá, respectivamente). Também demonstraremos que a construção direta/indireta está diretamente ligada com a dinâmica de forças de Talmy (2000) e com a construção gramatical que tem como base a coatuação de sistemas. Por fim, reforçaremos a natureza inata da cadeia causal.

22 • A retomada de complementos verbais no espanhol madrileno: um estudo descritivo e comparativo entre as falas infantil e adulta

Carolina Parrini Ferreira (CAPES/UFRJ)

Neste trabalho, apresento parte da pesquisa recém-iniciada no curso de doutorado, na qual investigo a aquisição da retomada de complementos verbais por falantes de Português brasileiro e de Espanhol madrileno, analisando o fenômeno a partir da perspectiva gerativista. De acordo com as pesquisas já realizadas sobre retomadas de complementos verbais, os falantes podem selecionar as seguintes estratégias para realizá-las: emprego de pronomes tônicos (Você viu o menino? / Eu vi *ele* sim.); apagamento pronominal (Você viu o menino? Ø Vi.); repetição do SN objeto (Você viu o menino? / Eu vi *o menino*, sim.); ou preenchimento pronominal através de pronomes átonos (clíticos) (Você viu o menino? / Sim, *o* vi.). No Espanhol, a estratégia preferida pelos falantes seria o preenchimento pronominal através dos clíticos (Lo vi.) (cf. GONZÁLEZ, 1994; LICZSKOWSKI, 1999; WEXLER *et al.*, 2003). As referidas estratégias são observadas na fala dos adultos, ou seja, são realizações da gramática final. No que se refere à fala infantil em fase de aquisição de linguagem, López Ornat *et al.* (1994), ao analisar a fala da menina Maria entre da idade de 1 ano e 7 meses aos 4 anos, observam que a retomada dos complementos verbais através de clíticos começa a ocorrer entre os 2 anos e 2 anos e 3 meses. Se considerarmos que a fala dos adultos pode ser uma previsão do resultado final do processo de aquisição, então a comparação entre os dados da gramática final e os dados da gramática em fase de aquisição pode revelar informações relevantes para compreender as operações mentais envolvidas durante a aquisição da linguagem. Nesse sentido, proponho uma análise descritiva e comparativa da fala de dois adultos e duas crianças madrilenas com o objetivo de observar em que medida as realizações da fala infantil refletem as estratégias utilizadas pelos adultos, com foco, neste caso, para a retomada de complementos verbais. A metodologia aplicada para análise dos dados é de base gerativista. Foram observados, nos contextos linguísticos das retomadas de complementos, os seguintes fatores: tipo de verbo, estrutura projetada pelo verbo, natureza dos complementos, distância do complemento que está sendo retomado pelo clítico (ou o apagamento dele quando deveria ser realizado foneticamente) e a posição do clítico. A seleção dos dados foi feita manualmente. O material utilizado consiste em gravações de fala espontânea: as falas dos adultos são entrevistas realizadas pela equipe do Projeto PRESEEA- Alcalá de Henares e as falas das crianças são gravações de interações de crianças com os pais, sendo o material oriundo do banco de dados CHILDES. Ambos os adultos, um homem e uma mulher, têm 30 anos. Quanto às falas das crianças, foram analisadas as gravações feitas quando elas tinham 2 anos e 3 meses. Faz-se necessário esclarecer que não foram observadas as falas dos pais das crianças (que são a principal fonte de dados linguísticos *-input-* aos quais as crianças são submetidas para formar sua gramática) porque as participações dos pais nas interações são mínimas, o que não permitiria uma análise substancial que fornecesse dados. Assim, buscou-se um material que pudesse ser equiparado às falas dos pais, ou seja, falas de indivíduos com idade aproximada da idade dos pais e gravações do mesmo ano em que as crianças foram gravadas. Os resultados apontam para a relevância do *input* na fala das crianças, pois assim como os adultos preenchem todas as retomadas de complementos com clíticos, as crianças também o fazem, havendo pouquíssimos apagamentos e repetição do SN objeto. Nestes apagamentos ou repetições de SN, os fatores que se mostram mais relevantes foram a distância do referente retomado e o tipo de estrutura argumental projetada pelo verbo.

23 • A realização do clítico acusativo na variante paraguaia do espanhol: um estudo sobre o apagamento

Priscila Gomes Santos (UFRJ/CAPES)

Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold (UFRJ)

Neste trabalho, apresentamos parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado cujo tema é o estudo do comportamento do pronome átono de objeto direto [-animado] na variante paraguaia do Espanhol. Conforme descrito em Palacios Alcaine (2001) e em outros autores, uma das possibilidades disponíveis para a variante paraguaia é a de apagamento do clítico de objeto direto. Esta omissão se contrasta com as realizações do Espanhol peninsular e do Espanhol considerado *standard*, em que tal possibilidade não estaria disponível. O fenômeno do apagamento do clítico também já foi identificado em outras variantes hispano-americanas do Espanhol, como no Peru (cf. Cerrón-Palomino,

2003) e na Nicarágua (cf. Alleza Izquierdo e Enguita Utrilla, 2010), e essa possibilidade tem sido atribuída ao contato com as línguas indígenas que convivem com o Espanhol nestes países. Vale ressaltar que os estudos realizados sobre o apagamento do clítico de objeto apenas identificam o apagamento (todas as classes sociais, faixas etárias e níveis de escolaridade apagam o clítico), mas não oferecem uma explicação a nível linguístico para tal fenômeno, atribuindo-o ao contato linguístico entre o Espanhol e uma língua indígena. Neste sentido, baseadas nos pressupostos teóricos gerativistas, propomos que o apagamento do clítico decorre não só de motivações externas (sociais), mas também de motivações gramaticais internas, como: tipo verbal, transitividade e estrutura projetada pelo verbo, função, traço semântico, referencialidade e distância do objeto que está sendo retomado pelo clítico, posição do clítico, entre outros fatores. Para observar a realização do fenômeno proposto para estudo, utilizamos um corpus composto por um teste de produção escrita aplicado a falantes nativos do Espanhol - variante de Assunção - sendo todos estudantes universitários. Os dados obtidos nesse *corpus* - compilado especificamente para a dissertação, a fim da criação posterior de um banco de dados para utilizações futuras - foram codificados a partir de grupos de fatores estabelecidos de acordo com algumas hipóteses levantadas no estudo; em seguida, tal codificação foi submetida ao programa computacional de análise estatística multifatorial *Goldvarb X*, que nos forneceu informações quantitativas e qualitativas, como a descrição das condições e contextos sintáticos de cada retomada de objeto, descartando ou revelando a importância de um determinado grupo de fatores. Utilizamos, também, o programa computacional *WordSmith Tools 5* para observar as condições e contextos sintáticos em que não havia apagamento do clítico. Após as informações cruzadas pelos programas *Goldvarb X* e *WordSmith Tools 5*, os resultados foram ainda submetidos ao *Action 2.4*, um suplemento do *Excel for windows* com base de dados do programa *R System software 2.5.1*, para análise do desvio-padrão, variância e erro-padrão dos dados levantados. Então, através dos resultados obtidos com o auxílio das ferramentas linguísticas e estatísticas, objetivamos identificar o padrão sintático favorecedor do nosso objeto de estudo. Acreditamos que, a partir dos dados levantados neste trabalho, será possível identificar os traços distintivos da variante paraguaia no que diz respeito às possibilidades de retomada do objeto direto [-animado], pois, em testes pilotos e análises prévias, há indícios de que o clítico do sistema linguístico paraguaio seja diferente do peninsular e se assemelhe ao sistema de clíticos do português do Brasil.

24 • Produção de dissertação escolar e análise linguística: relato de uma experiência

Laryssa Laise Alves Silva & Marília Aguiar Ribeiro do Nascimento (UFCG)

O objetivo deste trabalho é apresentar um relato sobre intervenção didática relativa à produção textual e análise linguística, realizada em uma escola pública, na cidade de Campina Grande-PB, entre nove de abril e onze de maio do ano de dois mil e doze, como parte integrante da disciplina Prática de Ensino de Língua Portuguesa e de Literatura Brasileira, da UFCG. O foco deste curso foi a produção escrita do gênero textual dissertação escolar, a partir da temática “Mulher: o frágil que é forte”, pondo-se em destaque os processos de adjetivação, quais sejam: os adjetivos, as locuções adjetivas e as orações adjetivas restritivas e explicativas. As atividades formuladas, embora envolvam habilidades de leitura e de escrita, focalizam a escrita, sobretudo, a produção escrita do gênero dissertação escolar, nos moldes do ENEM. Como o escopo da intervenção didática era a produção textual do gênero dissertação escolar, com base em Souza (2003), identificamos esta como um gênero textual que tem por escopo desenvolver a competência comunicativa do indivíduo, fazendo parte da esfera escolar bem como de algumas práticas sociais. Como objeto de ensino da escola, a dissertação não só pretende estimular o aluno a expor seu ponto de vista, demonstrando senso crítico, através de uma argumentação consistente, mas também capacitá-lo a discorrer sobre determinada temática, articulando ideias e aplicando seus conhecimentos linguísticos, consoante definição de Souza (2003). Nesse contexto, os processos de adjetivação merecem referência pontual, posto que se constituem como ferramentas significativas no momento do produtor argumentar na dissertação em prol da posição assumida diante da temática em questão. Assim, justifica-se a necessidade do estudo dos aludidos aspectos linguísticos, na perspectiva da análise linguística, cuja prática vem se formando, nas últimas décadas, como uma crítica ao ensino da Gramática Normativa Tradicional, conforme afirma Mendonça (2006), sem contar que o valor de qualquer regra gramatical deriva da sua aplicabilidade, da sua funcionalidade na construção dos atos sociais da comunicação verbal, como salienta Antunes (2008). Deste modo, incentivamos a escritura do gênero conjugado com a análise linguística, estudando aspectos meta e epilinguísticos. Este estudo pode ser caracterizado como uma experiência de ensino de caráter exploratório, sendo tomado como ensaio piloto. Os procedimentos, como sabemos, não podem ser generalizados, mas são indicativos

de um novo paradigma de ensino já consolidado teoricamente e que começa a ser testado na prática. Para isso, coletamos 49 dissertações de 25 alunos, entretanto, só analisamos quatro exemplares de dois alunos, uma vez que são essas redações que melhor representam todo o desenvolvimento dos alunos. Comparando-se a produção diagnóstica com a produção final, constatamos uma melhora no que tange ao desenvolvimento deste gênero em si, porém, notória é a ausência de uma argumentação consistente da defesa do ponto de vista externado, o que revela a necessidade de os alunos lerem mais de modo a se apropriarem melhor das diversas temáticas, haja vista que o conhecimento linguístico se revela insuficiente, devendo ser conjugado com o conhecimento de mundo. Observamos também o simulado respondido pelos alunos e verificamos que setenta por cento destes acertaram as questões de compreensão de texto, como também aquelas de análise linguística que indagavam a respeito dos adjetivos e das locuções adjetivas. Entretanto, diante das questões que contemplavam orações subordinadas adjetivas o resultado foi o oposto, tendo setenta por cento dos alunos respondido de forma inadequada. Nossa experiência foi muito satisfatória, passando pela elaboração de uma sequência didática e de um módulo, pela execução das aulas, isto é, de todo processo ligado à docência, o que contribuiu para absorvermos novas concepções de ensino, de avaliação, de língua e de gramática.

25 • Memória e heterogeneidade: marcas do patriarcalismo nos discursos femininos de Sergipe

Jaqueline Lima Fontes (CNPq/PIBIC/DLEV/UFS) & Dra. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho (DLEV/NPGL/UFS)

No presente trabalho, resultante da pesquisa “práticas discursivas femininas de Sergipe de 1932 a 1950”, analisamos as marcas do sistema patriarcal presentes em discursos femininos da mídia impressa sergipana desse período. A luta feminina por igualdade de direitos, em Sergipe, foi árdua, pois o sistema patriarcal tinha o apoio da sociedade como um todo. A memória discursiva de que a mulher nascera para o casamento e a maternidade era corrente em todo o Estado e, desde cedo, ela era preparada para exercer essas funções, além das tarefas domésticas. Embora algumas mulheres sergipanas da classe média tenham utilizado seus discursos, já no início do século XX, para reivindicar o direito à educação e ao trabalho fora do lar e tenham participado do movimento feminista no início da década de 1930, alcançando os direitos ao voto e à elegibilidade, suas práticas discursivas posteriores ainda apresentam formações discursivas tipicamente patriarcais, ancoradas na religião, na Ciência, no Direito, na família, entre outras instituições. O papel da memória, nesta perspectiva, se manifesta através dos interdiscursos, reproduzindo aquilo já foi dito em outra época e/ou lugar, por meio de paráfrases, numa rede em que memória e atualidade se imbricam na medida em que tanto remetem ao passado como atualizam os dizeres de acordo com as perspectivas e ou acontecimentos do momento presente. Os discursos mantêm ligações entre si; assim “os fenômenos de “intertextualidade externa” aí estão a lembrar-nos que nenhum campo discursivo existe isoladamente, havendo intensa circulação de uma região a outra do universo discursivo” (Maingueneau, 1989, p. 117). A memória, portanto, oferece subsídios que dão suporte à materialidade linguística, logo, é possível também afirmar que quando o sujeito ativa sua “caixa de informações”, ele não se isenta da possibilidade de ser influenciado por uma *memória coletiva*, que “depende da experiência e do contexto, o que implica, certamente, que o discurso não se inscreve unicamente na competência individual e intencional dos sujeitos falantes (o que está, como sabemos, no centro da posição marxista)” (PAVEAU, In: Maldidier, 1990). Em Análise do Discurso, muito se tem falado da questão da heterogeneidade discursiva, que afirma que todo discurso produzido é fundamentado em discursos outros, que se imbricam, constituindo, assim, uma relação dialógica. Nesse sentido, a formulação de um discurso segue, de maneira inconsciente, a rota “do social para o individual”, uma vez que o sujeito internaliza o que apreende do meio em que vive para, a partir daí, assumir posições, significando-se na sociedade. Os discursos analisados retratam a condição e a postura da mulher sergipana frente à sociedade de sua época, contudo, permitem-nos observar, através das formações discursivas nele presentes, oscilações que demonstram que não rompeu com a ideologia patriarcal.

26 • Ensino dos gêneros textuais: integrando teoria e prática

Jaqueline Maria de Almeida (UENF)

O ensino de Língua Portuguesa, os déficits de leitura e os problemas de escrita têm sido temas recorrentes em discussões na sociedade, na escola, na academia e na mídia. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs) têm ganhado cada vez mais espaço

nessas discussões, pois as práticas de ensino e aprendizagem são motivo de grande preocupação diante da situação em que se encontra a educação no Brasil. Tendo isso em vista, este trabalho objetiva analisar o conceito de gêneros textuais apresentado nos livros didáticos do 5º ano do ensino fundamental I. Além disso, pretende verificar se a concepção de ensino e aprendizagem fundamentada na teoria dos gêneros textuais descrita nos PCNs está de fato sendo aplicada. De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (1998), a concepção de ensino e aprendizagem centrada na teoria dos gêneros textuais pressupõe que o trabalho desenvolvido nas séries iniciais é a base para os conhecimentos que serão ampliados nas séries posteriores. Assim, para se obter sucesso nas atividades de leitura e escrita, é preciso dominar diferentes estratégias, conhecimentos linguísticos e até mesmo extralinguísticos. Dessa forma, é necessária maior atenção para onde o problema de fato se inicia, ou seja, na fase de alfabetização, que exerce grande influência na formação de leitores. Os PCNs de Língua Portuguesa estão fundamentados basicamente na teoria dos gêneros textuais, sugerindo que o trabalho com a língua materna – no que se refere ao ensino de recursos das linguagens oral e escrita – auxilie no desenvolvimento de conhecimentos e recursos necessários para que os discentes sejam capazes de adaptar suas atividades linguísticas a qualquer tipo de evento social comunicativo; com o intuito de estimular o desenvolvimento do senso crítico dos alunos. Diante dessa realidade, é preciso analisar como os livros didáticos apresentam e auxiliam a formação de um leitor em seus primeiros passos. Nesta análise, baseada principalmente nas metodologias propostas por Ingedore G. Villaça Koch e Luiz Antônio Marcuschi, serão observados aspectos como: a) conceituação e explicação prévia sobre o gênero a ser trabalhado, se correspondem ou não às propostas dos PCNs; b) informação sobre as etapas do processo de produção textual, e a importância da intertextualidade para a criação e compreensão de textos; c) avaliação da capacidade de reconhecer e diferenciar textos verbais e não verbais; e d) categorização dos gêneros textuais, com foco nos textos não verbais, se estes aparecem descontextualizados, de forma apenas ilustrativa, ou se há algum tipo de intertextualidade; pois se faz necessário avaliar como são trabalhados os textos verbais e os não verbais em exercícios de intertextualidade e, consequentemente, na compreensão dos textos. Os livros didáticos poderiam ser uma fonte de grande ajuda na melhora do ensino e deveriam ser usados não como um manual de ensino dos conteúdos, mas sim como um suporte na orientação das práticas de ensino, já que os professores são capacitados para produzir e selecionar seu próprio material didático. Daí a relevância de repensar a importância que o conteúdo dos livros didáticos representa, tanto para o professor quanto para o aluno. Espera-se, com esta prévia discussão, promover reflexões dos professores a respeito de sua prática em sala de aula e instigar mudanças na formação docente. Este estudo pode indicar novos caminhos para o ensino de produção de textos nas séries iniciais, incentivando o aluno a desenvolver conscientemente suas habilidades linguísticas, formando cidadãos escritores e leitores, contribuindo para que sejam capazes de produzir textos, e não apenas de reproduzi-los.

27 • Uma proposta de desenvolvimento de tarefas para a prática da habilidade oral de alunos cursantes das séries finais do Ensino Fundamental de Escola Pública

Robson Paes Pina Fernandes; Ana Carolina Oliveira & Juliana Coutinho Veloso (FFP/UERJ)

Esta comunicação visa a apresentar resultados ainda preliminares e parciais de uma pesquisa, na qual se busca construir tarefas para o desenvolvimento da habilidade oral de alunos cursantes das séries finais do Ensino Fundamental de Escola Pública. A pesquisa se justifica pelo fato de haver pouco ou nenhum foco no desenvolvimento da referida habilidade na escola regular e, principalmente, pública e por acreditarmos que um foco nessa habilidade pode ser um fator de motivação e uma forma de preencher a lacuna existente no que diz respeito ao desenvolvimento de materiais didáticos (MDs) para a prática da habilidade oral. A pesquisa está sendo realizada em três diferentes escolas públicas localizadas em um município pertencente à região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Ela está alicerçada teoricamente pelos princípios da Abordagem Comunicativa (ALMEIDA FILHO (1993), LITTLEWOOD (1995), CELCE-MURCIA (2001)) e do Ensino Baseado em Tarefas conduzidos por Prabhu (1987), Skehan (1992), Willis (1996), Ellis (2003), Nunan (2004), Barbirato (2007). Apoiamo-nos também nos estudos empreendidos por Leffa (2003) Tomlinson e (2004) sobre o desenvolvimento de materiais didáticos. Do ponto de vista metodológico, o estudo se pauta pelos parâmetros da pesquisa qualitativa e interpretativa (ERICKSON, 1989). A geração e interpretação dos dados desta pesquisa têm por base questionários respondidos por professores e alunos, entrevistas semiestruturadas com professores e alunos, observação de aulas feita pelos pesquisadores, anotações de campo e fontes documentais (os MDs utilizados pelos professores e o livro didático (LD) distribuído pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)). Até este momento, foram observadas três turmas de 7º ano. Os primeiros resultados revelam

que não existe qualquer preocupação por parte dos professores em fornecer oportunidades para que os alunos desenvolvam a habilidade oral. As aulas, na sua maioria, giram em torno de itens gramaticais e vocabulário e à habilidade oral não é dada qualquer atenção. Nos depoimentos, os professores afirmam que não trabalham a habilidade oral porque as turmas apresentam um número excessivo de alunos, inviabilizando tal prática; os alunos, por sua vez, ressentem-se da falta de prática oral, uma vez que gostariam de “falar” a língua. Os professores argumentam também haver falta de motivação dos alunos em relação à aprendizagem da língua e de recursos tecnológicos para trabalhar de maneira eficiente tal habilidade. Os dados mostraram também que até mesmo o LD distribuído pelo PNLD chega à escola em número insuficiente e, por conta desse fato e também por ser tido como “complexo” pelos professores, não é utilizado, enquanto outros materiais didáticos são raros. Quando há, restringem-se a fotocópias de fragmentos de unidades, geralmente focadas em estruturas gramaticais, de LDs didáticos que somente os professores possuem. No presente estágio da pesquisa, algum material baseado no conceito de tarefa (WILLIS, 1996) já foi desenvolvido e será, em breve, pilotado nas turmas observadas. A fonte desse material é uma unidade do LD adotado pelas escolas observadas e não utilizado pelos professores. Partimos do pressuposto que é possível transformar uma atividade em tarefa e que é possível desenvolver a habilidade oral mesmo em condições adversas.

28 • O Gênero Discursivo Propaganda como instrumento de ensino e aprendizagem na educação básica

BrenndaValléria do Rosario Freire; Érica Patrícia Barbosa Costa & Ana Paula Oliveira da Silva (UFPA)

Esta pesquisa, vinculada ao Projeto de Pesquisa “Diagnóstico do trabalho com os gêneros discursivos na escola” (UFPA), surgiu a partir da necessidade de propagar a inserção do trabalho com os gêneros discursivos no ensino e aprendizagem da educação básica, pois, ainda hoje, percebemos que os textos são utilizados como pretexto para o ensino da gramática, não sendo demasiadamente aproveitados para um trabalho que desenvolva as competências de leitura, escrita, oralidade, análise linguística, levando o educando à criticidade e à reflexão – competências essas que consideramos essenciais para a formação de sujeitos que atuem de forma incisiva em nossa sociedade. Sobre isso, a estudiosa Lopes Rossi (2002, p. 21) enfatiza que é “por meio dos gêneros discursivos que as práticas de linguagem incorporam-se nas atividades dos alunos”. Partindo disso, propomo-nos a trabalhar com o gênero propaganda, já que este é capaz de instigar as capacidades cognitivas do aluno, além de abranger vários recursos linguísticos e extralinguísticos, como: a linguagem verbal e não-verbal, as figuras de linguagem, pontuação, entre outros. Neste sentido, buscamos trabalhar tais aspectos de forma contextualizada, pois o gênero discursivo propaganda tem como um dos principais objetivos persuadir e induzir o leitor à aceitação de ideias e também à prática consumista, através do uso de aspectos verbo-visuais, resgatando, assim, as ideologias, os sentimentos morais e os valores dos leitores atingidos. Portanto, acreditamos ser de grande relevância o trabalho com este gênero como ferramenta de ensino em sala de aula, pois dificilmente haverá um aluno que não teve acesso/contato com uma propaganda, já que vivemos em uma sociedade capitalista, que sempre busca, por meio das mídias e, consequentemente, de propagandas, a adesão de “ideias e valores”. Além disso, é necessário propiciar aos alunos um senso crítico acerca do que lhes é imposto por meio das diversas propagandas que circulam em nossa sociedade. Para realizarmos este trabalho, ancoramos-nos principalmente nos pressupostos teóricos de Bakhtin/Volochinov (1992) e Bakhtin (2003), sobretudo em sua visão sócio-histórica da linguagem e na perspectiva dos gêneros discursivos. Também utilizamos seguidores da mesma vertente, como Rojo (2005), Faraco (2009), Dolz, Schneuwly (2004), Lopes Rossi (2002), dentre outros. Dessa forma, analisamos duas propagandas, buscando apontar aspectos que podem ser aproveitados em sala de aula, como os diferentes recursos linguísticos e extralinguísticos encontrados em cada uma delas. Assim, seguindo a proposta de análise do enunciado, a qual Bakhtin/Volochinov (1992) denominaram método sociológico, analisamos, primeiramente, o contexto de produção das propagandas, ou seja, onde a propaganda foi feita, com que finalidade, para qual público alvo, em que época e por quem foi produzida. Posteriormente, observamos o conteúdo temático do texto, isto é, o assunto abordado na propaganda. Em seguida, verificamos o estilo do texto, que se refere aos recursos linguísticos escolhidos pelo autor. Por fim, analisamos a estrutura composicional da propaganda, que remete à forma de organização do texto em questão. Desse modo, após as conclusões de todas as análises, percebemos que o ensino, a partir do trabalho com o gênero propaganda, faz-se bastante eficaz, pois propicia ao aluno um estudo de forma contextualizada, abrangendo as práticas linguísticas: leitura, escrita e análise linguística, fazendo com que o educando possa internalizar, além de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos, um olhar crítico-reflexivo.

29 • A variação lexical na socioterminologia da indústria madeireira

Davi Pereira de Souza; Francisca Imaculada Santos Oliveira & Laís de Nazaré dos Santos Santos (UFPA)

Sendo resultado dos estudos e discussões realizadas no âmbito do projeto de pesquisa *Socioterminologia da Indústria Madeireira* (Edital 04/2011/PROPESP-PARD), o qual vem sendo desenvolvido no campus universitário de Castanhal/UFPA, este trabalho parte do princípio de que a variação (fonética, lexical, morfossintática e/ou semântica) constitui elemento vital no processo dinâmico de uma língua, nesse caso, da língua portuguesa. Assim, tem-se como objetivo geral deste trabalho refletir acerca da produtividade morfológica da variação lexical na terminologia da indústria madeireira, pois para a maioria dos termos que compõe o léxico da madeira, (co)existem variantes de natureza diversa (como variantes fonéticas, sintáticas, semânticas) e, sobretudo, lexical, como, por exemplo: “**Miolo** Sm. V.Lex.: **Alma**.” (LIMA, 2010). E, como objetivos específicos, pretende-se: i) descrever quantitativamente as variantes lexicais registradas no Dicionário Socioterminológico da Indústria Madeireira-SIM (LIMA, 2010), o qual constitui o corpus deste trabalho; ii) analisar a estruturação e a formação morfológica dessas variantes e; iii) investigar qual o processo derivacional (prefixal ou sufixal) mais produtivo no domínio especializado da atividade madeireira. Para isso, será realizado, no Dicionário SIM, um levantamento dos tipos de variantes terminológicas registradas, com enfoque especial para as variantes lexicais; em seguida, com base nas variantes lexicais, já organizadas à parte, serão selecionadas aquelas que apresentam o mesmo processo de formação morfológica, para, então, serem quantificadas e interpretadas. As orientações teórico-metodológicas aqui adotadas correspondem às da Sociolinguística laboviana, sob o olhar de Monteiro (2000), e às da Socioterminologia (GAUDIN, 1993a e 1993b). Quanto ao tipo de pesquisa, este trabalho está em andamento e circunscreve-se tanto à pesquisa bibliográfica (uma vez que o corpus utilizado é o próprio Dicionário SIM) quanto à pesquisa de espécie quantitativa. O presente trabalho, como já dito, está em execução e, portanto, só pode arriscar resultados preliminares, dentre os quais merecem destaque: a) a atividade madeireira, por ser de grande abrangência — já que não envolve somente especialistas, como engenheiros, ambientalistas, mas uma gama de pessoas de diferentes traços culturais, que desempenham diferentes tarefas: trabalhadores braçais, operadores de máquinas, etc. —, comporta um léxico variado, rico em transformações lexicais; b) as variantes terminológicas da madeira, registradas no Dicionário SIM, refletem, em certa medida, a própria estratificação social e a divisão do trabalho; c) o estudo do léxico da madeira não pode prescindir de uma investigação científica baseada em modelos teóricos adequados, como as orientações da Sociolinguística e da Socioterminologia; d) a padronização terminológica deve orientar-se sobretudo nos contextos de uso reais da língua especializada, levando em consideração a dimensão social subjacente ao uso dos termos (e das variantes) nos atos comunicativos; e e) o processo variacional no âmbito terminológico assume as mesmas características formais (fonéticos, morfossintáticos e semânticos) da língua comum. Por fim, este estudo confirma o princípio de que toda língua natural está constantemente num processo ininterrupto de mudança, a qual pode ocorrer em um pequeno intervalo de tempo ou durar séculos. Por esse motivo, é possível dizer que a variação é regida pelo princípio de mutabilidade da língua/linguagem humana e a língua especializada, assim como a língua comum, é passível de mudanças determinadas por fatores internos e/ou externos ao sistema linguístico.

30 • Influências de línguas estrangeiras no léxico do português brasileiro: um estudo do dicionário Aurélio

Edilma Marinho Ribeiro & Marília Aguiar Ribeiro do Nascimento (Universidade Federal da Campina Grande)

O objetivo do presente trabalho é observar o número de palavras estrangeiras inseridas em um dos dicionários de Língua portuguesa (especificamente, o dicionário Aurélio), sua origem e a data registrada de entrada na língua portuguesa. O material teórico adotado para a concretização do nosso trabalho são os estudos de Dias e Bezerra (2006), sobre as questões históricas que envolvem o surgimento dos dicionários aqui no Brasil; Illari e Basso (2009), sobre as contribuições de outras línguas durante o processo de formação da língua portuguesa; Binon e Verlinde (2000), sobre macroestrutura do dicionário e Pontes (2009), sobre a organização estrutural dos dicionários e sobre estudos do léxico. Observamos o número de palavras estrangeiras inseridas no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª edição, publicado em 1975 e *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, 3ª edição, publicado em 2004, ambos de autoria de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Para que houvesse uma melhor sistematização dos dados, não foram analisados os aludidos dicionários em sua completude, restringindo-se o campo de análise para uma única letra do alfabeto, qual seja, a letra “k”. Em seguida, foram analisadas a origem e a data registrada de entrada dos verbetes na língua portuguesa nos dicionários acima citados e, por fim, foi realizada uma comparação entre as duas obras, confrontando as informações presentes em uma e outra, realizando-se, assim, uma pesquisa do tipo descritivo-interpretativa. No dicionário Aurélio de língua portuguesa conseguimos encontrar um número relativamente grande de entradas de origem estrangeira, o que mostra a não-resistência do dicionarista com relação ao reconhecimento linguístico dos termos que compõem o Português brasileiro e que são oriundos de outras línguas. Após análise, percebeu-se que o dicionário não deixou de apresentar a contribuição das línguas estrangeiras na constituição da língua portuguesa, com a certificação dos estrangeirismos na obra lexicográfica. Na primeira edição do dicionário em análise, das doze entradas, seis provêm do inglês, quatro do alemão, uma do japonês e uma do dinamarquês. Na terceira edição, as trinta e duas entradas de origem estrangeira estão assim divididas por nacionalidade: dezoito entradas provenientes do inglês, oito do japonês, cinco do alemão, uma do dinamarquês e outra do chinês. Percebemos com isso que o crescente englobamento de termos de outras línguas no Português brasileiro revela uma maior absorção de termos necessários ao processo comunicativo dos falantes da língua. A inclusão de novas entradas mostra o reconhecimento da ilimitação do léxico de uma língua, que sempre está incorporando novos termos. Mas, apesar de registrar esses empréstimos, reconhecemos que é uma pequena quantidade de termos acrescidos se considerarmos o espaço temporal existente entre as duas edições em análise (29 anos); contudo, esse fator reforça a informação de que o dicionário só registra palavras já consagradas pelo uso na escrita de um povo. Sobre as entradas de origem estrangeira, percebemos que as que continham na primeira edição do dicionário continuam na terceira edição, o que mostra que são termos que não caíram em desuso na língua portuguesa e quanto ao registro da pronúncia delas, nós percebemos uma mudança radical no modo como foram transcritas. Verificamos ainda que na primeira edição do dicionário, o tipo de transcrição adotado é a transcrição figurada e na terceira, temos a transcrição fonética. A mudança no modo de transcrição pode ser explicada como um meio para que fique mais clara a maneira de pronunciar as palavras. Não encontramos em nenhuma das duas edições do dicionário a data de entrada das palavras estrangeiras, fator que consideramos negativo na obra em análise, pois omite ao consulente da obra um fator histórico importante.

31 • “Eu não quero ser um professor assim...”: Perspectivas sobre se tornar professor de inglês.

Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ) & Franciane Sartor (UERJ – Bolsista PIBIC/CNPq)

No presente trabalho, apresentamos considerações iniciais da pesquisa que estamos desenvolvendo no projeto “Formação Profissional Reflexiva do Professor de Línguas em Serviço e Pré-serviço”. Procuramos, professora-orientadora e bolsista, entender por que licenciandos em Letras (Português/Inglês), de uma universidade pública da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro, logo no início de sua formação acadêmica, desistem de ser professores de inglês e passam a focar em outras áreas, como Literaturas (brasileira, portuguesa, americana e inglesa), bem como em Língua Portuguesa. Para tanto, utilizamo-nos dos princípios da Prática Exploratória [PE] (MILLER, 2001; ALLWRIGHT e HANKS, 2009; *inter alia*). A PE propõe que professores e alunos, dentro das salas de aula, no processo de aprender e ensinar, trabalhem colaborativamente para desenvolver os seus entendimentos sobre a vida que se vive na sala de aula. Partindo dessa premissa, entendemos que tal integração também pode acontecer em um grupo como aquele que é alvo de interesse dessa pesquisa uma vez que os licenciandos e a bolsista PIBIC voltam o foco para a reflexão sobre o processo de formação profissional pessoal e de seus colegas ao mesmo tempo em que a pesquisa acontece. Dessa forma, o desenho de pesquisa que configura a ‘ação para entender’ através da PE ajuda-nos a envolver todos que passam a refletir sobre seu processo de formação docente inicial tanto quanto a própria bolsista. Assim, em encontros semanais com seus colegas do terceiro período do referido curso, a bolsista desenvolve Atividades Reflexivas com Potencial Exploratório (MORAES BEZERRA, 2007). Estas fomentam a interação, registrada em áudio, também foco de análise e reflexão pelos praticantes. Todos os praticantes partilham questionamentos sobre ser professor, sobre crenças, ao mesmo tempo em que constroem discursivamente suas identidades profissionais. Dessa experiência surgem questionamentos, os chamados *puzzles*, que são a fonte do trabalhar para entender (*work for understanding*) (MILLER *et al*, 2008), já que a mudança sem reflexão e para dar conta de demandas que são externas aos praticantes não é o foco do agir exploratório. Além disso, alinhando-nos aos estudos de narrativas (BASTOS, 2005), que são geradas em ‘conversas exploratórias’ (MILLER, 2001), buscamos entender por que aspectos afetivos (OLIVEIRA, 1992, 1995; KUSCHNIR, 2003; SILVA, 2008) influenciam os licenciandos, ainda

na formação inicial, fazendo-os desistir de sua opção primeira: serem professores de inglês. Decidimos encaminhar o olhar analítico usando o ferramental teórico de estudos de narrativas porque elas estão presentes de forma frequente nos dados gerados no grupo. De acordo com a literatura da área, as narrativas são uma forma de nos inscrevermos em práticas discursivas e de agirmos no mundo social (MOITA LOPES, 2002; BASTOS, 2005). Além disso, elas têm função interacional, devendo ser entendidas também como construção da experiência humana cotidiana (BASTOS e OLIVEIRA, 2006; MORAES BEZZERA, 2007). Considerando ainda que o afeto é uma questão chave para a busca de entendimentos, apoiamo-nos em Vygotsky (2001 *apud* SILVA, 2008), pois, para o autor, o papel da afetividade na configuração da consciência só pode ser examinado através da conexão dialética que estabelece com as demais funções. Decorre daí que o repertório cultural, as inúmeras experiências e interações com outras pessoas representam fatores imprescindíveis para a compreensão dos processos envolvidos. Pelo que temos percebido, com base em alguns dos dados gerados nas interações do grupo, a presença da motivação e do afeto (MORAES BEZZERA, 2011, 2012) também são de grande importância nesse processo de se tornar professor. Tanto um quanto o outro, segundo a análise preliminar de nossas interações, em que pesem ser processos intrapessoais, podem ser gerados a partir de processos interpessoais, tanto da relação professor-formador/licenciando quanto da relação licenciando/licenciando. Esse estudo pode ser esclarecedor para compreender o processo interacional de construção de identidade profissional, a influência do afeto sócio-discursivamente construído na formação do docente de língua inglesa, assim como a dinâmica da vida social (MOITA LOPES, 2002; BASTOS, 2005) em um contexto formativo institucional.

32 • “Eu não consigo ser criativa”: refletindo sobre a aprendizagem de língua inglesa em um curso de idiomas

Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra & Karen Pedreira Cerqueira (UERJ)

Influenciadas pelos estudos sobre a Prática Exploratória [PE] (MILLER, 2001; ALLWRIGHT e HANKS, 2009, *inter alia*) – uma forma ética, híbrida, inclusiva de se desenvolver pesquisa – e seus princípios, buscamos coletivamente construir entendimentos sobre o processo de aprendizagem de língua inglesa, envolvendo o professor e os alunos. Neste trabalho apresentamos algumas reflexões acerca da experiência vivida por uma das proponentes que, ao fim de uma aula de inglês em um curso de idiomas, onde atua como professora questionou seus alunos sobre o fato de insistirem em falar português. Muitas questões foram levantadas, porém a resposta de uma estudante bastante dedicada, que afirmou não ser criativa, suscitou o desejo de melhor entender como ela e seus colegas compreendem o próprio processo de aprendizagem de segunda língua. A partir desse momento, surgiram muitos *puzzles* (MORAES BEZZERA, 2003, 2007). Na verdade, como afirma Kuschnir (2003), em um processo reflexivo, há um *puzzle* que se evidencia, embora haja outros relacionados. Assim, alguns dos *puzzles* que passaram a encaminhar o processo de co-construção de entendimentos foram: “Por que essa aluna usou a palavra criatividade para expressar seu problema no processo de falar a língua inglesa?”. “Por que alguns alunos acham que não são criativos?”, “O que eles entendem como criatividade?”, “Por que eles acham que o pouco tempo que têm contato com a língua estrangeira é o suficiente para sua aprendizagem?”. “Por que essa aluna trouxe esse assunto para a aula naquele momento?”. A fim de envolvê-los no processo de ‘agir para entender’ e, ao mesmo tempo, desenvolver as atividades pedagógicas em aula, foram utilizadas ‘Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório’ (MILLER, 2010) que são atividades normalmente utilizadas pelo professor para conduzir o ensino, mas que sofrem alguma adaptação a fim de envolver os alunos no processo reflexivo. Tal processo híbrido – envolvendo ensinar, aprender e refletir – e colaborativo não tem a finalidade de resolver problemas da vida cotidiana dos alunos e do professor em sala de aula (MILLER *et al.* 2008; MORAES BEZZERA, 2003), mas de envolver os praticantes na construção de um olhar ao que lhes acontece a partir de suas ações discursivas no contexto. Para dar conta da proposta desse estudo, além dos aportes vindos da PE, fundamentamos o processo reflexivo-investigativo utilizamos contribuições de três teorizações. A primeira delas é a teorização vygotskyana sobre aprendizagem (VYGOTSKY 1994, 1987), enfatizando que a construção de conhecimentos dá-se tanto no nível interpessoal quanto no intrapessoal através do uso da linguagem. A segunda contribuição vem de estudos sobre afeto sócio-construído (KUSCHNIR, 2003; BARCELOS e MORAES, 2011; MORAES BEZZERA, 2012) e que pode ser estudado através das marcas linguístico-discursivas presentes na produção oral e escrita dos praticantes. A terceira contribuição vem de estudos sobre narrativas conversacionais (LABOV, 1972; BASTOS, 2005, *inter alia*). Assim sendo, para que os praticantes exploratórios envolvidos possam refletir sobre tais ações, as interações têm sido gravadas e as narrativas encontradas são utilizadas para a co-construção de algum entendimento sobre: [a] a experiência que vivem ao aprenderem uma segunda língua, [b] como interpretam e constroem suas subjetividades naquele contexto institucional, [c] o

sentido que constroem acerca de quem são e do que representam no contexto interacional, [d] como o afeto está presente e influencia a construção de conhecimentos sobre a língua inglesa. Dessa forma, alunos e professora buscam aferir a qualidade de vida dos praticantes envolvidos (GIEVE e MILLER, 2006) e como ela pode afetar o processo de aquisição de segunda língua.

33 • Análise das competências leitoras de alunos do ensino fundamental da rede pública

Jackson Cícero França Barbosa; Raniere Marques de Melo & Ana Paula Sarmento Carneiro (UFCG)

Com base nas diversas constatações de baixos níveis de leitura através dos dados oriundos de estudos de instituições nacionais e internacionais (SAEB, PISA, UNESCO, etc.) e dos problemas desencadeados através dessa amálgama da educação escolar brasileira, este trabalho visa discutir, com base em dados iniciais obtidos através de atividades diagnósticas de leitura, o desenvolvimento de competências leitoras, antes das intervenções previstas, com alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monte Carmelo, situada em Campina Grande, beneficiados pelo Subprojeto “Promovendo práticas de leitura e escrita com textos de gêneros diversos no ensino fundamental”, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência da Universidade Federal de Campina Grande – PB. Para tanto, como abordagem teórica, adotamos estudos que colocam em destaque o nível textual-interativo da língua, dentro das práticas de leitura, mais direcionalmente ao processamento da leitura e da construção de textos escritos, visto que a concepção de língua como interação (Kato, 1987; Kleiman, 1989, 1992), e a concepção de aprendizagem linguística como resultado de uma construção coletiva de conhecimento, assumem fundamental importância em situações de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, estando, portanto, diretamente ligadas aos aspectos relacionados ao ensino da leitura e, ocasionalmente, da escrita (Kato, 1998). Ainda, não podemos deixar de considerar o texto como um evento que resulta de uma situação dialógica, ou seja, como discurso, em que se manifestam elementos linguísticos e extralinguísticos, de acordo com as diversas situações comunicativas, relacionadas aos diversos gêneros textuais (Bakhtin, 2000). Levando em consideração que no modelo teórico-metodológico oferecido pelos estudos de cunho interacionista, o leitor é ativo, dinâmico, cabendo-lhe inferir o sentido no processo de compreensão do significado daquilo que lê, ainda que o texto direcione de uma forma ou de outra a significação. Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, nos auxilia no entendimento de que “o significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto” (PCN-LP, 1997b, p. 57), da relação entre textos, dos vários sentidos que podem se dar aos textos, validando a leitura através de elementos discursivos, elementos que evidenciam a relação leitor-texto-autor. Em função disto, a metodologia utilizada nesta pesquisa-ação foi a aplicação de um miniteste, concebido aos moldes observados na Prova Brasil, que é direcionada aos alunos que encontram-se no 9º ano com vistas a avaliar o desenvolvimento da aprendizagem ao longo do ensino fundamental. Ressaltamos que as atividades foram desenvolvidas com alunos das quatro séries finais do ensino fundamental, de maneira a acompanhar, de forma hipotética, uma possível evolução do que espera, com relação às competências leitoras, observadas nesse certame. Outros documentos foram utilizados na elaboração/análise das atividades desenvolvidas, tais como: projeto político da escola alvo, planos de curso dos professores, e outros documentos parametrizadores locais. Com o desenvolvimento dessas atividades, pretendemos identificar as dificuldades de leitura e escrita para elaborar o plano de intervenção didático-pedagógica com base nos PCN de Língua Portuguesa, oportunizando aos alunos a leitura e produção escrita de gêneros textuais diversos para que, finalmente, possamos comparar a competência leitora desses alunos antes e após a intervenção pedagógica para identificar as competências adquiridas. É importante ressaltarmos que as atividades previstas para o desenvolvimento das intervenções didático-pedagógicas serão iniciadas e planejadas de acordo com os resultados obtidos nos diagnósticos aplicados. Sobre o diagnóstico, foram constatados, altos déficits no que diz respeito ao desenvolvimento de habilidades e competências leitoras, reconhecimento e produção de gêneros textuais diversos e carência teórico-metodológica no que diz respeito aos documentos oferecidos pela escola alvo.

34 • As imagens nos livros didáticos e a sua contribuição no processo de ensino/aprendizagem**Eduardo Manoel Barros Oracio (UFRPE-UAG)**

Na primeira década do século XXI, as novas propostas de letramento, com a evolução dos sistemas e formas de comunicação, assim como seus suportes, adquiriram novas funções. Podemos perceber que o livro didático acompanhou essa modernização, principalmente no aspecto gráfico, como, por exemplo, com o uso de imagens. Então surgem algumas problemáticas: como é possível construir sentido na relação das imagens com o texto escrito presentes nas páginas dos livros didáticos? Qual a contribuição que essas imagens propiciam às práticas de leitura e letramento dos alunos? Todas essas questões levaram-nos a uma reflexão acerca do papel da imagem e do texto escrito no processo de aquisição de conhecimento. Presentes nos livros didáticos, as imagens envolvem o visível e o cognitivo, sendo então responsáveis pela complexidade na construção de sentido. Nesse contexto, a leitura pode ser entendida como uma (inter)ação entre o aluno e o mundo e vice-versa, levando-o a produzir sentidos, a refletir e a ressignificar sua vida. A leitura de um texto, seja ele verbal, sonoro, gestual ou visual, dialoga com a subjetividade do sujeito e transforma sua visão de mundo, conduzindo-o ao universo dos sentidos. O *corpus* de nossa análise é formado pela coleção do ensino médio *Linguagens* de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. As nossas discussões ancoram-se em teorias de texto e de discurso, tais como a Linguística Textual e a Análise de Discurso, mas as discussões têm alcance sobre outras ciências da linguagem humana (linguística-s, semiótica-s, filologia-s, semântica-s e tantas outras co-irmãs) que definem como interesse questões relacionadas ao funcionamento e articulação entre os planos de conteúdo e os planos de expressão, responsáveis pela construção de sentido. Ao tratar a imagem como sendo uma modalidade texto, em sala de aula, ultrapassamos os limites impostos pela concepção de língua como sistema, embora nosso trabalho não discuta a questão do trabalho com a gramática propriamente dita, mas, faz uma abordagem das possibilidades de análises de imagens, que veiculam tanto sentido quanto o texto escrito. O presente trabalho trata de aspectos textuais presente nas imagens que podem e devem ser discutidos e trabalhados em sala de aula, já que os alunos encontram-se imersos em ambientes que propõem a eles mecanismos de leitura e interpretações sensoriais de ordem diversas. Os modos de leitura dos textos (recepção, interpretação, impressão, intuição, percepção, apreensão, etc.) devem ser expandidos, pois se tornam fundamentais nas sociedades contemporâneas, para discutir os sincretismos em que se pautam as manifestações textuais. Essas condições devem contemplar quatro planos da significação: a construção de sentidos, a intencionalidade do autor, a materialidade textual e as possíveis ressignificações apreendidas pelo leitor. Essa contribuição das imagens no processo de ensino-aprendizagem dos alunos constitui uma abordagem que nos leva a reflexão dos conceitos de texto-mundo ou mundo-texto. Tais leituras propõem, por meio de relações intertextuais e interdiscursivas, uma ampliação do repertório cultural por parte dos alunos, fazendo-os de fato ler o mundo que lhe é apresentado, alargando sua percepção acerca das diferentes formas de produção textual. Esta, por sua vez, envolve certas condições que são essenciais à compreensão do leitor; para tanto, são utilizadas técnicas e as relações sincréticas que imbricam diferentes componentes, para a apreensão das possíveis interpretações permitidas pelos textos visuais, tais como: forma-conteúdo, fundos, cores, textura, luz, sombra, coesão, coerência e intertextualidade, recursos que causam diferentes efeitos de sentido no leitor, tornando-se determinantes para a exploração dos sentidos.

2ª Sessão de PÔSTERES

35 • Atitudes, crenças e preconceito linguístico: uma análise experimental.

Fernanda Soares da Silva Torres (CAPES/ UERJ)

Esta pesquisa tem como objetivo verificar se as crenças dos alunos e de seus professores justificam a presença da estigmatização da fala não-padrão no ambiente escolar. Para isso, tomar-se-ão por base os conceitos da Sociolinguística, que “parte do princípio de que a variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística” (CEZARIO & VOTRE, p.141, 2011). Assim, não se pode reduzir a língua, que é intrinsecamente heterogênea, à possibilidade de assumir uma só forma: a do uso correto da língua, conforme efetua a gramática tradicional (PETTER, 2011, p.10). Cabe então à escola aceitar a variedade que o aluno utiliza e não assumir uma atitude preconceituosa referente a ela, até porque os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) indicam que a chamada Língua Portuguesa é oriunda de muitas variedades (p.29). Tendo em vista que, em muitos casos, há uma grande distância entre o ensino de Língua Portuguesa nas escolas e a variedade que o aluno utiliza, torna-se necessário que os professores considerem esta última em suas aulas de língua materna. Contudo, a escola não é a única a propagar essa distância. A sociedade, de forma geral, enxerga a variedade de prestígio como “mais certa” ou “mais bonita”. Percebe-se, assim, que o conceito de certo e errado sobrepõe o de adequado e inadequado em várias esferas sociais, o que faz com que o preconceito seja aceito dentro do ambiente escolar. A aplicação do teste de atitudes e crenças possibilitará verificar como os alunos encaram a variedade padrão, que aprendem nas escolas, e se acham que ela, de fato, contribui de alguma forma para seu crescimento pessoal. Espera-se que as respostas a essas perguntas possam ser úteis para modificar a imagem que os alunos têm de seu modo de falar e ajudá-los a desconstruir a ideia de que há apenas um jeito certo de falar. Este pode ser um primeiro passo para a aceitação da variedade não-padrão e, mais além, o uso da mesma como contribuição para melhorar o ensino de língua materna. Este experimento será embasado em um teste de atitudes e crenças linguísticas elaborado por CYRANKA (2007), sendo que, na presente pesquisa, a temática do preconceito linguístico está sendo mais explorada. Portanto, será feita uma análise crítica das questões propostas pela autora e um novo teste será elaborado. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar os resultados de um teste de atitudes e crenças linguísticas, que será aplicado nos meses de setembro e outubro, em alunos do sexto ano do ensino fundamental de uma escola pública do município de Japeri, localizado na Baixada Fluminense. O teste de atitudes será o primeiro experimento a ser realizado e consistirá em verificar a posição dos falantes quanto às variedades padrão e não-padrão da língua. No teste de crenças, serão apresentadas aos alunos e ao seu professor assertivas sobre as quais os alunos terão de opinar. Seguem algumas das assertivas do teste de crenças: “Eu falo bem a língua portuguesa”, “Há só um jeito certo de escrever”, “A língua escrita é mais correta do que a falada”, “As pessoas analfabetas falam errado”, “Eu acho feio quando as pessoas falam errado”, “A escola deve corrigir a fala dos alunos”, “A escola, bem como os livros didáticos, deve ensinar a falar corretamente”, “Eu já fui vítima de preconceito linguístico”. Dessa maneira, espera-se que a elaboração desse teste e a aplicação do mesmo possam contribuir para a discussão do assunto no ambiente acadêmico e nas próprias escolas.

36 • No “Labirinto da Fala”, perdi meu preconceito! Práticas pedagógicas contra o preconceito linguístico.

Mônica de Azevedo Rodrigues Paulo (SR3/UERJ)

As pesquisas feitas na área da Sociolinguística têm muito para acrescentar à Educação, por isso, o nosso objeto de pesquisa é a sua divulgação científica na escola. Muitos linguistas compartilham dessa visão ao trabalhar com a noção de **Educação Linguística**, dentre eles Bagno & Rangel (2005). Esses autores alertam para a urgente necessidade de desenvolver práticas educacionais que contemplem a diversidade linguística, a fim de assegurar os direitos linguísticos dos discentes. Eles citam alguns temas que deveriam ser debatidos em sala de aula: variação social, noção de certo e errado na língua, razões sociais e históricas que elegeram uma norma-padrão, regularidades das variedades linguísticas, entre outros. Através dessas reflexões, é atribuído igual valor a todas as variedades. Por fim, alertam para o

dever social e cultural da escola em ensinar a norma-padrão e para o direito do aluno em utilizar a sua variedade de origem. Em suma, a preocupação principal é propiciar reflexões linguístico-sociais que gerem ações educacionais. Para transformar as sugestões de Bagno & Rangel em realidade, desenvolvemos o “**Labirinto da Fala**”. A metodologia do Labirinto consiste em atividades lúdicas e interativas através das quais os alunos tomam conhecimento de que a língua é heterogênea e que todas as variedades linguísticas têm mesmo valor. A fim de alcançar nosso objetivo, despertamos nos alunos uma reflexão que se desenvolve ao longo de quatro etapas. Na etapa “Certo X Errado”, eles participam de uma dinâmica em que preenchem duas histórias em quadrinhos com balões de fala; os diálogos de ambas são idênticos, a não ser pela norma que apresentam: **norma padrão** (“*Nós vamos*”); **norma não-padrão** (“*A gente vamo*”). O mural em que estão as histórias está dividido em **certo** e **errado** e eles escolhem em que lado colocar cada norma. Assim, iniciamos despertando-os a refletir sobre os usos da língua. Em seguida, na etapa “Preconceito linguístico”, são conduzidos a pensar sobre preconceitos, inclusive o linguístico; assistem ao vídeo “Sô & Ci”, e debatem sobre o que significa julgar alguém por sua fala. Com isso, esclarecemos que o preconceito linguístico é motivado por julgamentos sociais, e não por razões linguísticas. Para fundamentar a discussão da segunda parte, passam para a etapa “O certo do errado”, em que se demonstra que a norma não-padrão não é um caos, pelo contrário, funciona a partir de regras. Nesse momento, participam da montagem de uma tabela que demonstra a lógica que permite a existência da palavra *menas*. Em seguida, ocorre uma conversa sobre o que é certo e errado quando se trata de fala. Além desse exemplo, são apresentadas as regras dos diálogos da história em quadrinhos, como “*A gente vamo*”, e “*Tem tanta coisa pra mim fazer*”. Na última etapa, “Declarando a paz entre as variedades linguísticas”, todas as **variedades linguísticas** são postas no mesmo patamar. Os alunos ficam novamente diante das duas histórias em quadrinhos, mas agora com suas respectivas falas; precisam decidir se as duas normas podem ser consideradas **certas**, ou se existe uma separação em **certo** e **errado** na **fala**. Após isto, ocorre um debate sobre a importância de aprender a norma padrão, e de saber qual variedade utilizar em cada situação. Assim, os alunos entendem que têm o direito de usar a variedade linguística que desejarem, mas que existem ambientes que exigem o uso da norma padrão. Para medir os resultados, aplicamos testes antes e após os alunos passarem pelo labirinto. Nossa primeira experiência foi na Escola Municipal Noel Nutels, onde obtivemos resultados satisfatórios: vinte quatro dos vinte cinco alunos do sexto ano reconheceram o que é, e como se faz preconceito linguístico.

37 • Espelho, espelho meu, existe português mais certo do que o meu? Do não-padrão ao padrão no material didático!

Monique Débora Alves de Oliveira (SR1/UERJ)

O presente trabalho tem como objeto de estudo livros didáticos de ensino de língua portuguesa e sua relação com as recomendações dos documentos oficiais no que concerne ao tratamento da variação linguística. Insere-se também, no nosso objeto de estudo, o combate que o livro pode fazer ao preconceito linguístico. Embora muitas pesquisas já tenham sido desenvolvidas sobre esse tema, nosso trabalho teve um objetivo para além das análises realizadas de livros didáticos: foi nossa intenção elaborar um material de língua portuguesa que tratasse um fenômeno linguístico, considerando a variação e também objetivando neutralizar atitudes preconceituosas. Baseados nos trabalhos desenvolvidos por Wheeler (2005) sobre como usar o inglês não-padrão para ensinar o inglês padrão, ainda nos ancoramos no conceito de Educação Linguística apresentado por Bagno e Rangel (2005) para elaborar nosso material. A partir da revisão de literatura realizada, pudemos pontuar dois problemas encontrados nos livros didáticos: a variação linguística é referida em apenas um capítulo, e nos demais capítulos destinados ao ensino das normas de prestígio não há referência aos fenômenos das normas estigmatizadas. Nosso trabalho é inicial e pretendeu alcançar a forma de um capítulo de livro didático para abordar o fenômeno de concordância nominal entre artigo, substantivo e adjetivo partindo de uma abordagem das regras da variante estigmatizada (como no sintagma *as maçã vermelha*) para ensinar aos alunos as regras da variante de prestígio (*as maçãs vermelhas*). Essa abordagem leva em consideração que o papel da escola é promover a reflexão linguística e consequente educação linguística, eliminando o preconceito que há em relação às variantes estigmatizadas. Utilizamos a metodologia aplicada por Wheeler: Análise Contrastiva e Técnica de Codeswitching. A primeira consiste em levar os alunos a comparar as variantes disponíveis e descobrir as regras de cada uma através dessa comparação. Já a Técnica de Codeswitching consiste em desenvolver nos alunos a consciência para que alternem entre duas variantes da língua, de acordo com a situação comunicativa; assim, dependendo do momento, os alunos podem

utilizar a variante estigmatizada ou a prestigiada. Com essa base metodológica, construímos, inicialmente, um roteiro do material, no qual determinamos a sequência que haveria no nosso material de forma a conduzir os alunos à Análise Contrastiva e também ao Codeswitching. Finalmente, partimos para a construção do material didático. Ainda que baseados em Wheeler, havia um grande desafio, pois a pesquisadora norte-americana não aplicou essas metodologias em materiais didáticos, mas em sala de aula, momento em que é possível a interação para a construção do conhecimento. Para incentivar essa interação entre o material e o aluno, adequamos a linguagem utilizada, estabelecendo um diálogo ao longo das páginas: em cada etapa dessa análise contrastiva haveria textos dos autores para guiar os alunos. Outra tarefa importante foi determinar um tema que se refletisse nos textos, para evitar uma escolha aleatória e sem sentido. Escolhemos o tema *Música e Músicos*. Utilizamos dois tipos de música diferentes, um representante da variante estigmatizada do português brasileiro, *rap*, e um da variante prestigiada, *MPB*; e ainda transformamos em texto escrito algumas entrevistas com os cantores escolhidos. A partir da escolha dos textos, desenvolvemos exercícios que promovessem a reflexão linguística e a construção das regras das duas variantes em estudo. Nosso resultado foi a conclusão da elaboração desse material, de acordo com o que havíamos pré-determinado e o mesmo foi impresso, colorido, de modo a chamar a atenção dos alunos. Por fim, faremos considerações sobre a aplicação desse material.

38 • Divulgando a gente se entende: uma cartilha digital contra o preconceito linguístico

Thayane Santos Antunes (SR2/UERJ)

O tema “divulgação científica” tem sido bastante discutido por diversos pesquisadores e teóricos de várias áreas de estudo. Embora busquem divulgar seus trabalhos acadêmicos para a população em geral, muitos destes pesquisadores sofrem com fatores que atrapalham seus objetivos, como a falta de atenção para com as novas mídias e impedimentos encontrados no mais tradicional meio de divulgação, geralmente através de livros (como em Bagno, 1997, 1999), os quais possuem preços elevados e limitam seu acesso àqueles que tenham condições de adquiri-los. No âmbito da Linguística, Baronas (2010) propõe que a divulgação desta disciplina seja feita por meio de um site, no qual trabalhos de linguistas brasileiros possam ser acessados por qualquer pessoa, de qualquer lugar do país. Este trabalho busca, de certo modo, tornar realidade este objetivo proposto por Baronas, no que concerne à Sociolinguística, mais especificamente, focando no tema Preconceito Linguístico. No intuito de cumprir com tal objetivo, o primeiro passo foi realizar um teste de crenças e atitudes sobre Preconceito Linguístico baseado no trabalho de Cyranka (2007) e nos conceitos propostos por Santos (1996) e Barcellos (2006), buscando, através do mesmo, analisar o pensamento da sociedade em relação ao assunto. A aplicação do teste foi realizada na *internet*, uma vez que este é um meio de fácil acesso e ampla visualização (Antunes, 2010). Com o resultado deste teste – que obteve um total de 112 participantes –, percebemos que a diferença entre os pensamentos de orientação preconceituosa e amigável reside principalmente na diferença da escolaridade entre ensino médio e ensino superior. Os participantes de nível médio obtiveram resultados mais voltados para uma orientação preconceituosa, se comparados aos de nível superior. A partir desta conclusão, houve a necessidade de se promover um material de divulgação do tema que atingisse um maior número de pessoas, principalmente os mais jovens. Seguindo o exemplo do teste de crenças e atitudes *online*, uma cartilha digital foi elaborada (é possível acessá-la em <http://cartilhacontraopreconceitolinguistico.blogspot.com.br/>). A cartilha, composta de treze páginas, apresenta como tema principal o preconceito linguístico, porém, trata de outros preconceitos, de modo a poder colocar o linguístico no mesmo patamar de outros já conhecidos e debatidos na sociedade. Na cartilha, foi colocada a explicação de cada preconceito, além de trechos da Declaração dos Direitos Humanos e da Constituição Brasileira que tratam dos mesmos. Com imagens, textos chamativos e interação com o leitor, a cartilha busca atender a um público amplo, sem distinções, de modo a proporcionar a circulação do conhecimento, a reflexão, e, possivelmente, a diminuição do preconceito linguístico na sociedade, apresentando-o e utilizando como exemplo de explicação de lógica e regra da norma não-padrão, a palavra *menas* (Antunes & Lima, 2011). A divulgação desta cartilha está sendo realizada por meio da *internet* e de redes sociais, meios pouco explorados por pesquisadores, mas que promovem e facilitam a circulação do material. Até o mês de Julho de 2012, temos um total de pouco mais de 600 visualizações da cartilha. Posteriormente, este projeto continuará buscando outros meios de divulgação do tema em questão, os quais serão reunidos, em um segundo momento, em um site, de modo a facilitar o acesso de qualquer pessoa aos trabalhos realizados e materiais confeccionados em um mesmo local.

39 • Preconceito linguístico: Um preconceito em todos os níveis

Joycineia porto da Silva (UERJ)

Este trabalho tem por objetivo verificar a existência e incidência do preconceito linguístico em diversos níveis da sociedade, por meio de uma mini pesquisa realizada no ano de 2011, influenciada pela polêmica criada em torno da publicação e difusão do livro “por uma vida melhor”. Toma-se como referencial teórico *Preconceito linguístico* de Marcos Bagno; Artigo Educação e *preconceito linguístico* do site a página da educação do Professor doutor Nildo Viana; Preconceito linguístico e não-linguístico na escola/livro didático de Fábio Della Paschoa Rodrigues; PCNs do ministério da educação e cultura. O livro citado garante a existência de uma língua oral diferente da língua culta ensinada na escola e esta deve ser respeitada por ser mais uma modalidade da língua portuguesa e não algo a ser depreciado, ele alerta que se pode falar “errado”, mas deve-se ter cuidado para não sofrer de preconceito linguístico dizendo como é normalmente efetuada a correção nas escolas e pelas pessoas em geral “muita gente diz o que se deve e o que não se deve falar e escrever, tomando as regras estabelecidas para a norma culta como padrão de correção de todas as formas linguísticas.” Os PCNs admitem a existência de variações e nos diz que na escola deveria ser ensinado a sua colocação e que seria dever do professor ensiná-los a discernir as situações de comunicações. Porém tal fato é ignorado e o falar do estudante é deixado de lado, levando-se em consideração somente a norma padrão, o que nos leva a chegar ao nível de ignorância atual que não permite a um pesquisador ou um professor trabalhar em um nível que se aproxima mais do ambiente do aluno e assim gerando o tipo de crítica, que se ouviu naquele ano. A pesquisa foi feita com entrevistados com idades desde os 19 aos 78 anos. Os níveis de escolaridade variaram desde o 5º ano completo ao Ensino Superior completo de ambos os gêneros. Os ambientes também foram alternados desde um ambiente mais formal (sala de aula) a um informal (praça de alimentação de um shopping). A pesquisa consistia em perguntar o porquê de uma pessoa falar determinados termos “errados”, tais como o uso de “framengo” e a não concordância do plural entre o artigo e o substantivo, tendo sido oferecida, ao final da entrevista, uma explicação crítica do uso real destes termos e para finalizar foi perguntado se a explicação modificou o modo com que o entrevistado via o uso destes termos. O resultado final foi assombroso: se o conceito de preconceito estivesse completamente apreendido depois da explicação crítica, este deveria ter sido extinto, mas não é o que se constatou. Para se acabar com o preconceito linguístico, temos de perceber que não só é preciso uma pequena apresentação crítica, mas também a mudança de toda a sociedade, que internalize que se trata de um preconceito tolo e que perceba a importância de respeitar verdadeiramente o outro e não achar que “falam assim por capacidade intelectual que não têm”, conforme expresso por um dos entrevistado (X-68 anos).

40 • A disseminação dos estudos da Sociolinguística para o público fora dos limites universitários com o uso da internet

Bianca dos Santos Silva Veloso (SR3-UERJ)

Buscando um retorno a respeito dos estudos realizados dentro da Universidade, criamos duas pesquisas, afim de que fosse possível analisar e perceber o que os internautas pensam sobre as pesquisas universitárias, já que esses estudos estão disponíveis na internet para livre acesso do público. Primeiramente, colocamos um blog sobre Memória de Trabalho à prova. O blog em questão, encontrado em <http://memoriaonline.blogspot.com.br/>, é uma versão inicial da cartilha digital sobre os trabalhos de Memória de Trabalho com afásicos, que por sua vez tenta expor um tema não muito conhecido fora dos limites da Universidade. Ao passo que a pesquisa foi sendo divulgada, a pesquisa entrava em ação, ou seja, o visitante acessava o blog e após respondia a pesquisa, que continha duas perguntas informativas (sexo e idade) e cinco a respeito do conteúdo do blog. Mesmo sendo um tema pouco conhecido, a pesquisa rendeu cinquenta participantes, que nos ajudaram com respostas que serão utilizadas futuramente. Das cinco perguntas, destacam-se duas principais: "Você já viu algum site/blog que trate a questão da Memória de Trabalho?" cuja resposta foi: Sim: 4% e Não: 96%; "Gostaria que houvesse outros sites que apresentassem tema sobre linguagem?" cujo resultado foi: Sim 66% e Não 34%. Após a análise das respostas da pesquisa mencionada acima, resolvemos trabalhar com o retorno de um tema mais conhecido pelo público, o Preconceito Linguístico, que além de ser popular, é um tema bastante polêmico. Para os estudos linguísticos é muito interessante saber o que os internautas pensam sobre esse tema particularmente, já que esse tema foi sugerido duas vezes pelos internautas quando responderam a pergunta que questionava “qual assunto gostaria específico gostaria de ver em outros sites?”. Então,

elaboramos uma nova pesquisa para a comparação com a pesquisa anterior. Essa pesquisa tem o mesmo esquema da pesquisa anterior, com duas perguntas informativas (sexo e idade) e cinco perguntas informativas sobre uma Cartilha Digital Contra o Preconceito Linguístico, no link cartilhacontraopreconceitolingustico.blogspot.com.br. Vale mencionar que essa segunda pesquisa ainda está em processo de divulgação, com isso a segunda etapa desse trabalho ainda acontecerá futuramente, pois é preciso encerrar a divulgação desta para iniciar o processo comparativo entre os retornos dos dois temas. Portanto, esse trabalho é muito importante, pois ele nos informa como o público percebe nossos estudos. Já que o objetivo de toda e qualquer pesquisa está em explorar o conhecimento fora dos limites universitários, sem essa exposição não há sentido algum em pesquisar. É importante mencionar que esse trabalho ainda não foi feito anteriormente e justamente por isso estamos dando uma atenção maior para perceber se a internet é o meio certo para essa exploração dos estudos, se a forma com que isso é passado é eficiente, se a leitura é compreendida por pessoas que não estudam o assunto, enfim, inúmeros pontos serão analisados, pontos esses que podem determinar o sucesso da exposição de uma pesquisa. Paralelamente a isso, estamos iniciando um processo de pesquisa a respeito também do Preconceito Linguístico (ver Bagno 2007, 2009) em uma rede social, o Facebook. Começaremos analisando os casos de preconceito linguístico em fotos, comentários, postagens, com a finalidade de provar que se esse tema é presente na vida dos internautas. No momento esse trabalho inicia-se com a busca de postagens que demonstrem esse preconceito contra e a favor desse tema.

41 • Variação Linguística e Ensino de Língua: o processo de estigmatização da variante regional da língua nas escolas de ensino Fundamental II e Médio de Paranatama - PE

Marcio Vieira da Silva; Angela Valéria Alves de Lima (UFRPE)

Nas últimas décadas, os debates acerca do fracasso no ensino de língua materna têm tomado corpo no campo de pesquisas sociolinguísticas. Muitos autores como Calvet (2007), Bagno (2007), Koch (1993) e Tarallo (2001), para citar alguns exemplos, apontam, dentre outros elementos, a desconsideração da variante regional da língua como favorecedor do insucesso no ensino. A proposta do ensino de língua materna apresentada pelos PCN de Língua Portuguesa orienta que, no trabalho de facilitação do ensino, os elementos sociais que permeiam a instituição de ensino e que formam o aluno devem ser levados em consideração (BRASIL, 1997). Segundo Calvet (2007), a variante regional da língua constitui a identidade do falante e por isso o ensino de língua materna deve conhecer a variante da língua falada pela comunidade em que a escola está inserida. Assim, no contexto do ensino de língua materna, o processo de estigmatização da variante regional da língua inicia-se com a falta de formação do professor de língua portuguesa. Quando desconhece a variante regional da língua, o professor expurga com veemência qualquer expressão advinda da variante regional da língua. Diante dessa realidade, este trabalho intenta apresentar os elementos que constituem o processo de estigmatização da variante regional da língua nas instituições de ensino Fundamental II e Médio da cidade de Paranatama – PE. Por meio de pesquisa de campo, com observação e entrevistas, pudemos constatar que o processo de formação do cidadão competente, linguisticamente falando, é formado pelas etapas do ensino de língua materna que, em uma visão mais pragmática, torna-se turvo por dois motivos: primeiro porque o aluno não compreende os motivos de estudar a língua portuguesa – na realidade, o aluno entende que o português é a língua que ele estuda na escola, e desconsidera, por afirmações das instituições de ensino, que a língua que ele usa em casa ou na rua trata-se também do português; o segundo é que o professor, por não compreender a variante regional da língua como elemento constituinte da identidade do aluno, desnorteia a compreensão do aluno quanto à variante não padrão nas aulas de língua portuguesa. É possível afirmar ainda que o fato de o professor não ter ciência da existência de uma variante regional da língua (se a reconhece, estigmatiza-a) é, em grande parcela, responsável pela frustração do aluno no processo de aquisição da variante regional da língua, contribuindo ainda para o fracasso escolar. Com base nessas constatações, esta pesquisa, que é a segunda etapa da nossa monografia de conclusão de curso, intenta apresentar mecanismos que possibilitem o desenvolvimento de metodologias para o ensino de língua.

42 • O problema da avaliação: análise sociolinguística da (não)-marcação verbal de 3ª pessoa do plural na modalidade escrita do PB

Juliana Cristina de Paula Pires (PIBIC CNPq/UFRJ)

O presente trabalho discute especialmente os problemas da avaliação subjetiva das variantes linguísticas e das restrições (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968; LABOV, 1972), tomando por base o estudo sociolinguístico da concordância verbal de terceira pessoa do plural em dados extraídos de textos dissertativo-argumentativos produzidos em contexto de avaliação do desempenho. Vinculado ao projeto “Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e européias”, do programa de pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ, o estudo ocupa-se do português brasileiro em sua modalidade escrita com alto grau de monitoração estilística – redações de vestibular –, no que tange à concordância verbal de terceira pessoa, visando a (i) identificar e sistematizar as normas de uso de concordância praticadas por estudantes no referido contexto, detectando a variante mais produtiva; (ii) avaliar as motivações estruturais para a variação e (iii) investigar a correlação entre as notas recebidas pelas redações no quesito “norma culta” a padrões de correção/incorreção no âmbito da concordância verbal. O *corpus* utilizado na referida análise compõe-se de 400 redações de vestibular estratificadas em 4 grupos – 0,5 (meio); 1,0 (um); 1,5 (um e meio) ou 2,0 (dois) – de acordo com a nota recebida pelo texto no quesito “atendimento ao padrão culto escrito”. As redações foram extraídas do *corpus* Rio acadêmico-escolar, organizado por Rodrigues-Coelho & Vieira (2010), o qual contempla, além de textos produzidos em escolas, redações de vestibular. O estudo fundamenta-se no aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Laboviana, que possibilita o tratamento da regra variável e a discussão da avaliação subjetiva das variantes, consideradas prestigiosas ou não. O tratamento do fenômeno, em termos metodológicos, consiste nas seguintes etapas: coleta de todas as ocorrências com sujeitos plurais de terceira pessoa; codificação e tratamento dos dados com o auxílio do programa Goldvarb-X; e interpretação das variáveis consideradas relevantes pelo programa. A variável dependente controlada no estudo tem caráter binário, tendo em vista as duas formas alternantes que a constituem: presença ou ausência de marcação morfológica de concordância verbal. A variável independente de caráter extralinguístico que pôde ser controlada é “avaliação do texto no quesito norma culta”. Quanto aos grupos de fatores independentes de natureza linguística, foram observadas variáveis relacionadas ao SN sujeito e ao sintagma verbal. As variáveis linguísticas que se referem ao SN sujeito são as seguintes: posição do sujeito em relação ao verbo, distância entre o núcleo do SN e o SV, presença de elementos intervenientes entre o sujeito e o verbo, configuração morfossintática do SN sujeito, número de constituintes do sujeito, paralelismo no nível oracional e animacidade do sujeito; quanto ao SV, foram controladas as variáveis saliência fônico-gráfica, tempo verbal e transitividade verbal. Os resultados obtidos permitem estabelecer relação proporcionalmente inversa entre não-marcação morfológica da concordância e avaliação positiva atestada no quesito “norma culta”. Quanto aos fatores estruturais, as variáveis saliência fônico-gráfica, número de constituintes do SN sujeito e presença de elementos intervenientes entre o SN sujeito e o verbo foram selecionadas como relevantes numa rodada preliminar. Novas rodadas serão realizadas com o cruzamento de grupos de fatores a fim de investigar possíveis sobreposições de variáveis.

43 • Memória e estrutura de sentenças ativas e passivas: uma pesquisa com informantes adultos jovens e idosos

Ana Paula Xavier da Silva; Bruna Renova Varela Leite; Camila Gomes Chung Nin & Flavia Regina de Mello Pereira Pinto (UERJ)

Apresentamos um estudo piloto que teve como objeto de pesquisa a memória humana. Consideramos os diversos tipos de memória, como a de curto termo ou curto prazo (MCT), de longo termo ou longo prazo (MLT) e a memória de trabalho e como cada uma retém a informação (CARDOSO, 1997 e KOCH, 2002) assim como o fato de que a idade pode afetar a memória. Procuramos investigar a amnésia da forma proposta por PINKER (2008), em oposição à retenção do significado. De acordo com PINKER (2004), é grande a probabilidade de não conseguirmos recordar uma sentença palavra por palavra. Para nossa investigação, focamos as diferenças entre as vozes ativa e passiva da língua portuguesa baseando-nos em CASTILHO (2010). Adotamos uma metodologia experimental contemplando informantes adultos jovens, de 20 a 38 anos, e idosos, de 60 a 83 anos, igualmente divididos por sexo e escolhidos de maneira aleatória. Foram inventadas 16 histórias curtas, de cinco

sentenças cada, que manipulavam a posição e/ou a estrutura da sentença alvo – estruturas ativas ou passivas. Cada história apresentava uma sentença ativa ou passiva na posição 2 – segunda sentença da história ou na posição 5 – última sentença da história. Após ouvirem a reprodução da história, previamente gravada, os informantes liam uma sentença, entregue a eles, e eram solicitados a tentar identificar se essa frase apresentada era exatamente igual à frase ouvida na história. Pretendíamos verificar o comportamento das duas populações investigadas perante a manipulação das estruturas, já que as alterações são apenas sintáticas e preservam o significado das sentenças, ou seja, se a amnésia da forma (PINKER, 2008), afetaria distintamente as populações. A fim de realizar o experimento, baseamo-nos em alguns fatores que poderiam influenciar a percepção e memória dos informantes, como: a) idade; b) posição da sentença na história; c) manutenção ou alteração da estrutura sintática; d) sexo. Também tecemos algumas hipóteses a serem investigadas: a) a idade é fator relevante para a memória e a percepção de mudanças na estrutura é afetada com o avanço da idade quando há uma possível perda de sinapse, o que prejudica a memória recente; (b) a proximidade entre a sentença alvo e a questão é fator relevante, ou seja, consideramos a sobrescrição de itens e o fator passagem do tempo no esquecimento; (c) a mente humana tem mais facilidade para reter o conteúdo e não a forma das sentenças. Os dados foram submetidos ao pacote estatístico ANOVA e os resultados indicaram efeitos principais para posição, estrutura e idade, confirmando as hipóteses iniciais, demonstrando que a idade é um fator relevante para a memória, uma vez que os adultos jovens tiveram melhor desempenho. A posição da sentença alvo na história também se mostrou relevante uma vez que as sentenças em posição final realmente favoreceram os acertos. A manutenção da estrutura favoreceu um número maior de acertos, confirmando a amnésia para a forma em contraste com a retenção do conteúdo. Dessa maneira é possível afirmar que os participantes, tanto adultos jovens quanto idosos, retêm com mais facilidade o significado do que a estrutura em si das sentenças das histórias apresentadas.

44 • Aquisição da Linguagem: aspectos morfológicos em verbos do PB aos 5 e 7 anos

Caroline Martins da Silva
Lucas de Castro Cordeiro

Segundo a teoria gerativista, as crianças nascem pré-dispostas a adquirir linguagem. Mesmo diante de estímulos caóticos, elas assumem uma postura de conhecimento perante aos enunciados, sendo capazes de comunicar-se eficazmente, formulando sentenças nunca antes ouvidas. Dessa forma, acredita-se que o conhecimento linguístico independe do conhecimento escolar. As crianças parecem, portanto, abstrair regras a partir do input linguístico a que estão expostas e aplicá-las em novas situações. Com base nesses conceitos, foi aplicado, em duas escolas, um experimento off-line em crianças de 5 e 7 anos expostas ao dialeto padrão do Português do Brasil. O objetivo era observar o comportamento dessas frente a aquisição de marcas verbais no pretérito perfeito do indicativo. O foco do experimento era verificar se as crianças faziam distinções frente às formas regulares e irregulares em relação a potenciais verbos novos (palavras inventadas). O experimento utilizado, inspirado na metodologia clássica adotada por Berko (1958), fez uso de palavras reais regulares e irregulares e inventadas cuja estrutura era baseada em palavras existentes na língua e poderiam, assim, ser influenciadas pelo item do mesmo tipo recém-visto. As crianças foram expostas a tais estímulos por meio de entrevistas individuais realizadas nas próprias escolas. Utilizaram-se figuras com ações reais e inventadas, e foi pedido que as crianças completassem as sentenças com a forma verbal adequada. A variável dependente é o número de acertos da criança. As variáveis independentes são: *tipo de verbos* (reais/inventados), *concordância* (1ª e 3ª pessoa), *formas verbais* (regulares e irregulares), *conjugação* (1ª, 2ª e 3ª) e *idade* como fator grupal (5 e 7 anos). Os adultos, submetidos à mesma tarefa, constituem o grupo controle para fins comparativos, principalmente com relação aos verbos inventados. As seguintes previsões foram consideradas: (i) se a idade é um fator relevante, principalmente em verbos irregulares, espera-se maior número de acertos para a segunda faixa etária; (ii) se as crianças abstraem regras e aplicam-nas a novos itens da língua, espera-se que haja acertos significativos tanto para verbos reais quanto inventados; (iii) se a irregularidade é um fator idiossincrático na língua, será necessário provavelmente maior tempo para a aplicação de regras morfológicas a novos itens, esperando-se que as crianças mais novas tenham maior dificuldade com os itens irregulares. Os resultados encontrados nesta pesquisa psicolinguística sugerem que as crianças aplicam as regras aos verbos de sua língua ou potenciais verbos da língua. Somado a isso, nota-se uma tendência à regularização de formas irregulares, e, conforme a faixa etária, quanto mais velha, melhor a relação da criança com os verbos, tanto reais quanto inventados; as crianças de 7 anos têm um número de acertos maior do que as de 5 e, em alguns casos de verbos irregulares inventados, de adultos. Essa mesma tendência de regularização de formas potencialmente irregulares

também foi atestada com os adultos, o que indica uma tendência de incorporação de novos verbos como regulares e pertencentes à primeira conjugação. Tal afirmação pode ser confirmada ao comparar os resultados dos adultos relativos aos verbos regulares de sua língua e aos irregulares. Quanto aos primeiros, verifica-se 100% de acerto, já os segundos apresentam alguns resultados não esperados, o que reflete em 96,30% de acerto.

45 • A construção de identidades discursivas de trabalhadores docentes em contexto bilíngue no Brasil

Claudia Duarte Abibe Fagundes

A presente pesquisa procura investigar como os processos identitários são construídos discursivamente sobre o trabalho docente num contexto escolar bilíngue no Brasil. Como introdução, apresentamos um breve histórico a respeito das concepções diferenciadas sobre educação bilíngue, incluindo a educação bilíngue de prestígio no Brasil, sua proposta de trabalho e considerações acerca do trabalho docente por nativos. Em seguida, focalizamos, no contexto brasileiro, a trajetória da Atuação Escola Bilíngue (Niterói/RJ) e procuramos verificar de que forma seu corpo docente se (re) constrói discursivamente num cenário em que determinadas assertivas hegemônicas – recorrentes nas falas de alguns pais e alunos – ainda defendem, de forma coercitiva, o aprendizado do inglês como instrumento determinante para se “chegar a algum lugar” e o modelo “ideal” de profissional para tornar tal expectativa possível. Desta forma, este estudo pretende delinear o trabalho do professor de línguas verificando os seguintes pontos: que formações identitárias discursivas são engendradas por seus enunciadores e coenunciadores em dadas condições histórico-político-sociais; como se configuram as escolhas do que pode ser dito e do que é dito a partir das situações de enunciação construídas e que sentidos são produzidos em sala de aula a partir das posições de sujeitos assumidas em tal contexto. Logo depois, no capítulo metodológico, descrevemos o percurso do estudo deste caso. Em primeiro lugar, tomaremos como *corpus* textos que são distribuídos aos professores nas reuniões pedagógicas pela coordenação bilíngue da escola e materiais retirados do site British Council Teaching que são considerados norteadores ao trabalho docente pela mesma coordenação. Em seguida, faremos a caracterização geral dos textos e dos conteúdos do site, relevantes ao objetivo do trabalho. Além disso, achamos importante registrar e analisar as colocações feitas nas reuniões de pais pelos mesmos que respondem a questionários sobre assuntos relacionados à escola, sua dinâmica e ao trabalho do professor. Tentaremos, desta forma, mapear alguns dos sentidos que se naturalizam sobre o trabalho docente a partir dos modos de dizer e das imagens construídas sobre esse profissional. Finalmente, definiremos a categoria de análise e a delimitação do corpus propriamente dito. Da mesma forma, faz-se necessário destacar que as aulas de inglês estarão sendo assistidas com um olhar “fílmico” na tentativa de mapearmos os movimentos que vão configurando os atores sociais e a sala de aula a partir dos discursos pelos quais são interpelados. O arcabouço teórico insere-se na Análise do Discurso de base enunciativa destacando o sujeito envolvido por uma rede de formações discursivas: a cena de enunciação, discurso/ interdiscurso e ethos discursivo (Maingueneau, 1995) e a questão dos gêneros do discurso ressaltando sua importância na definição da natureza de um enunciado (Bakhtin, 1992). A análise conduzida também incorpora a noção de identidade “formada e transformada continuamente” (Hall, 1987), além de buscar desvendar a relação entre as práticas discursivas e o “poder que queremos nos apoderar” (Foucault, 1996). Como o estudo ainda está em andamento, ainda não foi possível fazer todas as reflexões sobre a temática em análise. No entanto, vale ressaltar que, apesar de seu estágio inicial, o presente estudo já tem mostrado que pode oferecer significativas reflexões sobre as situações com que se deparam o profissional e sobre os sentidos naturalizados que se têm atribuído a esse professor, evidenciando situações de embates que atuam nos processos identitários do trabalhador docente.

46 • Análise do discurso: uma História ideologicamente deturpada

Luiz Paulo dos Santos Labrego (UERJ)

Em consonância com abertura dos arquivos da ditadura militar, o presente trabalho tem por objetivo central aplicar a teoria da análise do discurso na reflexão dos métodos ideológicos utilizados na confecção de um livro de Ensino Fundamental do Colégio Militar do Rio de Janeiro.

Como primeiro objetivo específico, tem-se a verificação das intenções as quais levaram a instituição militar a produzir um livro para a prática educacional em desacordo com as demais publicações históricas voltadas para o Ensino Fundamental, ressaltando o papel do silêncio dentro da produção ideológica. O segundo, refletir, ainda, acerca dos motivos pelos quais a instituição pública de ensino adota um livro produzido por eles ao invés de outros que são facilmente encontrados em livrarias voltadas para o ensino escolar, salientando que somente a publicação de História é confeccionada pelos militares, sendo os demais livros didáticos comuns. Para a análise, torna-se essencial um diálogo com o conceito filosófico e linguístico de ideologia, aplicado ao campo das Ciências Humanas. Debruça-se sobre as contribuições da Professora Doutora Marilena Chauí, ligada ao programa de Filosofia da USP (Universidade de São Paulo), que vai expor de modo bastante esclarecedor o conceito de ideologia, e sobre os referenciais teóricos da análise do discurso de Eni Orlandi, Michel Pêcheux e Maria do Rosário Gregolin a fim de se adquirir embasamento necessário para a análise do livro do Colégio Militar. É interessante ressaltar que as Ciências Humanas, como um todo, ainda não dialogam com tanta frequência com a análise do discurso, o que não seria diferente com a História. Parece que ainda persiste a ideia de separação entre as disciplinas, como em uma independência científica. Por esse motivo, faz-se mister discutir os principais pontos da análise do discurso e suas contribuições para a compreensão da fonte em estudo, na tentativa de aplicar a teoria no ensino e na pesquisa da História. Como base, foram utilizados textos teóricos que tratam da análise do discurso para, em seguida, aplicar a teoria na reflexão sobre o que se encontra escrito no livro de Ensino Fundamental do Colégio Militar do Rio de Janeiro. Em seguida, foram verificados quais são os pontos em conflito e quais as possibilidades de interpretação, caminhando de acordo com as informações contidas nos manuais de ensino e fazendo uma possível crítica, quando essa couber. Nesse sentido, media-se o diálogo entre os conceitos da Filosofia, da Linguística e da História, para melhor compreender o que está por detrás dos escritos nacionalistas e deturpados do livro utilizado pelo Ensino Fundamental de uma escola mantida pelo erário. O presente trabalho não teve a pretensão de esgotar o tema acerca da ditadura militar no Brasil, mas apresenta possibilidades de leituras sobre o período histórico em questão, tendo-se em vista a contribuição da análise do discurso. É fundamental perceber, ao final da explanação, a problematização do conceito de verdade quando se pensa a História e verificar a valiosa contribuição dessa área da linguagem às Ciências Humanas, em especial, ao estudo e ensino historiográfico.

47 • Relação do Verbal e Não Verbal nas manchetes de capa do “Meia-Hora”.

Jonathan Ribeiro Farias de Moura

O trabalho visa analisar algumas capas do jornal “Meia-Hora” que apresentam recursos da linguagem seja verbal, ou não verbal. Fazendo parte de um discurso, no qual estabelece um vínculo direto com o verbal, o não verbal tem uma carga polissêmica, política e cômica que constitui um discurso e passa um enunciado junto com o verbal, sendo participativo com o mesmo grau de importância de um enunciado discursivo. Tem-se como exemplo, uma capa na qual se reporta a briga entre Luana Piovani e o ator Dado Dolabella, que faz uso de um trocadilho com a palavra “dado”, expressão popularmente conhecida por sua conotação sexual, juntamente com o uso da foto do ator. Outra capa que trabalha com um nível de linguagem bem elaborado reporta que uma camelô, ao tentar subornar um policial teria oferecido sexo oral como recompensa. São utilizados fotos de uma bola e um gato para explicitar a palavra que se usa no nível mais coloquial que é boquete. Essa ideia do gato e da bola, por sua vez, vem representada por palavras da língua inglesa como “Bol” e “Cat” que pronunciadas juntas lembram “boquete” em português. No terceiro nível de linguagem, uma capa reporta homens do BOPE que exterminam bandidos na Vila Cruzeiro (bairro na cidade do Rio de Janeiro). Para tanto é utilizado a palavra “bopecida” que mostra o poder de extermínio que os policiais têm sobre os bandidos. O uso do Discurso Polêmico (Orlandi, 1987), no qual a polissemia é algo controlado, que não é direcionado como no Discurso Autoritário, é evidenciado pela abertura que a imagem dá equiparada à palavra, mas não é algo fora dos limites que o discurso propõe e que fuja da ideia principal. O trabalho analisará manchetes de épocas diferentes, de categorias distintas (entretenimento, política e/ou esporte) e serão utilizadas as capas que ratificam as ideias que o trabalho apresentará. As capas foram todas retiradas do site www.meiahora.com. Os conceitos como Imagem (Souza, 1997), Discurso Polêmico (Orlandi, 1987) e polissemia (Orlandi, 1987) serão trabalhados para ratificarem as ideias que a pesquisa propõe. Para tanto serão usados os pressupostos da Escola Francesa da Análise do Discurso desenvolvidos por Souza e Orlandi. Os resultados indicam que o jornal, embora tenha foco nas camadas populares, tem seu funcionamento discursivo e o linguajar bastante elaborados. O verbal e o não verbal, por estarem numa relação de complementaridade, tecem a manchete no seu todo dando lugar a diferentes recursos de linguagem: Implícitos - como, por exemplo, a fotografia do ator sob manchete. Enunciados ambíguos- como, por exemplo, “não tem dado

mais em casa”; “seis do jacaré viram bolsa...”. Mesclagem lexical, ora dita pela junção de imagens (bola e gato), ora pela junção de palavras (bopecida). Todos esses mecanismos trabalham a polissemia aberta, tendo como efeito de sentido o cômico, ilustrando o funcionamento do Discurso Lúdico. O alcance político-ideológico produzido por esse efeito explicita, porém, o funcionamento do Discurso Polêmico, de polissemia controlada. Tanto determinada faixa de leitores, quanto as personagens-alvo das manchetes podem instituir questionamentos, ou críticas, a esse tipo de tessitura jornalística.

48 • O uso de pseudônimo nos discursos impressos das mulheres aracajuanas

Meyre Jane dos Santos Silva (UFS/COPES)

Na década de 1930, um grupo de mulheres sergipanas aliou-se ao movimento feminista nacional, lutando por um espaço sociopolítico em que houvesse isonomia de direitos, direito ao voto, à educação e a vagas no mercado de trabalho. Encontrando apoio na mídia impressa, essas mulheres assumem uma nova posição-sujeito e inaugura novo momento social. Porém o público conservador não aceitava a produção escrita por mulheres e não considerava de boa fama aquela que ousasse escrever. Por conta disso, muitas mulheres não assinavam seus textos com seus nomes próprios, usavam pseudônimos, as iniciais do nome ou até mesmo nomes masculinos para disfarçar sua autoria, como uma forma de preservarem sua imagem e protegerem-se das pressões de uma sociedade extremamente machista que não aceitava a presença feminina no espaço público. O presente artigo é fruto do projeto de pesquisa de iniciação científica “Práticas discursivas femininas de 1932 a 1950” que analisa os discursos femininos da mídia impressa sergipana, do período exposto, e tem como objetivo verificar a forma de identificação das publicações de autoria feminina, bem como analisar suas preocupações centrais, seus anseios, suas propostas e perspectivas, enfim, seus posicionamentos no cenário sociopolítico do estado e do país. Nosso *corpus* se constitui de publicações de autoria feminina retiradas de revistas e jornais sergipanos do período de 1932 a 1950, que analisaremos de acordo com suas condições de produção, a situação do ponto de vista discursivo-enunciativo feminino e a materialidade linguístico-histórica do texto. Para a realização dos objetivos expostos, usaremos como fundamentação teórica conceitos da Análise do Discurso, em especial as teorias de Michel Pêcheux, complementados com os estudos de *Eni P. Orlandi* (2007) e *Sírio Possenti* (2009), além da tese de doutorado de Dra. Maria Leônia G. Costa Carvalho (2007) que nos ajudará na compreensão das análises dos discursos femininos sergipanos e outros teóricos que tratassem do cenário histórico do período, contribuindo para delinear as condições de produção dos discursos femininos. Atualmente, para análise, dispomos de um acervo digital de textos jornalísticos de conteúdo do universo feminino, composto por vários exemplares que circularam pela imprensa sergipana no período proposto, dentre os quais destacamos o Jornal do Povo, Gazeta de Sergipe, A Tribuna, Diário da Tarde, O Estado de Sergipe, Sergipe-Jornal, Folha da Manhã, Folha Trabalhista, Correio de Aracaju, A cruzada e O Tempo. No tocante às revistas, apenas alguns exemplares da revista “Renovação” complementam o referido acervo. Em nossas análises, percebemos que tanto nas publicações jornalísticas quanto nas literárias, há um grande número publicações femininas que se ocultavam em pseudônimos ou iniciais do nome, especialmente os artigos ligados à política, o que nos leva a inferir que muitas autoras sentiam-se intimidadas pela sociedade, uma vez que havia certo preconceito em relação às mulheres que escreviam. Essa luta exposta nos jornais serviu para a expansão de seus ideais, o que fortaleceu ainda mais os propósitos feministas. Travar essa luta não foi fácil, visto que a sociedade da época era extremamente machista, concebendo as mulheres como seres frágeis, doentios, cujas únicas funções que deveriam ocupar era de mãe e dona de casa. Porém muitas não se intimidaram e travaram um verdadeiro combate e, com muita garra, conquistaram aos poucos os direitos que antes lhes eram negados.

49 • Representação social feminina em *The catcher in the rye*

Fernanda da Silva Ribeiro (UFRRJ)

Narrativas autobiográficas são estudadas com grande interesse pelos pesquisadores, segundo várias abordagens teóricas. Na perspectiva discursiva, essas narrativas são entendidas como local de conflito cuja natureza transgressiva e múltipla da forma autobiográfica admite dificuldade em separar fato de ficção. Este trabalho objetiva discutir a representação feminina na narrativa autobiográfica de Holden Caulfield,

protagonista do livro *The catcher in the rye*, do escritor norte-americano Jerome David Salinger. Para tanto, analisa a forma e função dos diversos tipos de perguntas relacionadas ou dirigidas às mulheres. Mais especificamente, o trabalho procura compreender quais os tipos de perguntas mais recorrentes e o que essas perguntas revelam sobre a representação feminina na obra. Espera-se que um estudo dessa natureza contribua no sentido de compreender qual a visão do personagem sobre a mulher, revelando ao mesmo tempo a postura ideológica de um personagem tido como um transgressor do mundo e da sociedade convencional. No livro, o protagonista, Holden Caulfield, é um adolescente de 17 anos que está em fase de transição rumo à idade adulta. Em luta contra o sistema social em que se insere, tem dificuldade de sair da adolescência e, dentro de sua rebeldia e escárnio contra o sistema social mais amplo, sonha em continuar a ser criança. Rejeita e ridiculariza todos os que já saíram da adolescência por considerá-los falsos. Expulso da escola, foge da família e vive uma aventura de alguns dias na cidade de Nova Iorque. A experiência reforça, negativamente, a visão que já possuía acerca do mundo adulto. Holden adota posturas diferentes diante das pessoas com as quais se relaciona. A hipótese inicial é a de que Holden Caulfield é um personagem irônico com a maioria das mulheres. As respostas a esse problema podem ser melhor compreendidas por meio de um mapeamento das perguntas relacionadas com as onze mulheres que aparecem no livro. Foi detectado um total de cento e quarenta e quatro interrogativas. Foi dada uma função para cada, conforme a intenção do protagonista ao formulá-las. Exemplos das funções são ironia, crítica, preocupação, autoafirmação etc. As perguntas foram distribuídas em onze tabelas, sendo cada tabela relacionada a cada uma das mulheres às quais o personagem se refere. O resultado mostra que Holden comporta-se de forma distinta com cada pessoa. Age com polidez e respeito diante das freiras. Torna-se irônico e à procura de solidariedade com a ex-namorada. Preocupa-se com a saúde da esposa de seu professor e com a saúde deste. É irônico e mentiroso com a mãe de um colega do colégio cujos comportamentos e atitudes Holden reprova. Finge ser outra pessoa a fim de seduzir uma garota interesseira. Faz-se sedutor e educado com garotas em um bar. Sente tristeza e pena de uma prostituta. A sensibilidade do jovem emerge na presença da caçula. Phoebe é uma menina de dez anos. O irmão a idolatra e a protege, porquanto a criança representa um símbolo de inocência, e sua pureza ainda não foi afetada pelo mundo dos adultos, que considera hipócrita. Holden possui um carinho maternal pela criança. A pequena Phoebe carrega a inocência que ele está perdendo. Todas as posturas incorretas tomadas pelo adolescente em relação às mulheres desaparecem quando se trata da irmã. Resultados indicam emoções contraditórias de Holden para com as mulheres. Com exceção da irmã, as mulheres são representadas como seres periféricos e sem importância, a maioria tratada de forma irônica. De todo modo, trata-se de uma narrativa autobiográfica rica e complexa, com múltiplas possibilidades de interpretação.

50 • O adultério presente nos textos realistas

Larissa Teixeira Rocha (UNIFLU) & Eleonora Campos Teixeira (UENF/ FAPERJ)

O presente trabalho tem como foco a orientação para estudantes de literatura sobre a compreensão do delicado tema do adultério feminino, fazendo uma retrospectiva histórica do realismo na Europa e Brasil. Para melhor entender a evolução do tema até os dias de hoje será dado especial atenção às obras de Machado de Assis, que com sua genialidade nos desafia desvelando nuances da alma humana e embates existenciais. É permitido ao leitor vários olhares. Obras como “Dom Casmurro” são analisadas de modo a desafiar o leitor de forma instigante à interpretação. O conto “Uns braços” faz parte da obra “Várias Histórias” e é um dos contos mais famosos de Machado de Assis, publicado em 1885 na Gazeta de Notícias. A crítica feita desse conto servirá de apoio a visualização da personalidade das obras de Machado. O tema aqui é visto não como adultério propriamente dito, mas como o direito da mulher em exteriorizar seus sentimentos, desejos e ideias, seu olhar sobre o mundo, o que era apenas um direito comum ao homem. A palavra adultério vem da expressão latina “ad alterum torum” que significa “na cama de outro”. Na antiga Grécia o adultério feminino era vigorosamente punido em oposição à falta masculina, que apenas era cabível de punição se envolvesse a esposa de outro homem. O homem que constataste a traição tinha direito de matar seu ofensor, mesmo que esta constatação não fosse feita no ato. Em uma sociedade patriarcal onde as uniões tinham o intuito de gerar filhos legítimos para seguirem os caminhos do pai, é possível entender todo esse comportamento. O escritor Machado de Assis, constantemente evoca o tema do adultério de maneira muito sutil, mostrando um conhecimento da mente humana e principalmente da mente da mulher, ao perceber os desejos do coração feminino em uma época onde as mulheres eram praticamente impedidas de ter qualquer sentimento livre, e deveriam se ater apenas no cuidado do lar, filhos e marido. O realismo brasileiro tem em Machado de Assis o seu porta voz. O Escritor é autor de vários romances e

contos, nesse período, que tinham o adultério feminino como tema, um dos principais e mais comentados foi “Dom Casmurro”, 1899, onde Machado conta a história de amor de Bento Santiago, também conhecido como Bentinho ou Dom Casmurro, e Capitu. O autor convida o leitor à reflexão, pois cria uma ambiguidade na personagem Capitu, e o livro escrito em primeira pessoa ajuda a criar a sensação de que a visão exposta dos fatos não é a realidade, mas sim a visão do personagem narrador. O conto machadiano “Uns braços”, aborda duas temáticas de suma importância que são : a sedução feminina, ainda que casual, e o tratamento dado aos adolescentes no séc. XIX. A metodologia usada na elaboração desse trabalho é inteiramente teórica, baseada em pesquisa bibliográfica. A construção é desenvolvida na pesquisa de textos de diversos autores europeus e brasileiros, dando maior enfoque nos romances e contos de Machado de Assis.

51 • Estudo dos provérbios populares em sala de aula: Analisando o implícito a partir da leitura e escrita como instrumentos pedagógicos.

Josineide Maria dos Santos; Giselle Nanes & Marcelo Machado Martins

Visando contribuir para o processo letramento social de alunos de Escola Públicas do Ensino Fundamental de Garanhuns, este projeto tem como objetivo central pesquisar qual é o interesse pela leitura e pela escrita dos alunos a partir da utilização do gênero **provérbio popular**, e se entende o implícito do que está por trás do que é dito, para sua melhor compreensão. Colaborando para a ampliação da competência comunicativa nos estudantes, os provérbios funcionam como um forte elemento persuasivo no discurso e, por isso, as diversas funções desse gênero podem ser exploradas nas aulas de Língua Portuguesa. Apesar de serem muito utilizados, estão poucos presentes em materiais didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental. Como quadro teórico-metodológico, investimos nos pressupostos, conceitos, princípios e métodos da Análise do Discurso, contribuindo para que os alunos percebam sua importância nos diversos contextos comunicacionais. O objetivo dessa pesquisa que está em andamento, é: verificar se os alunos tem conhecimento sobre esses gêneros proverbiais, se falam ou se escrevem no seu cotidiano. Além disso, é importante lembrar que os provérbios populares na comunicação cotidiana remota às cultura, mas antigas da humanidade. Os provérbios contribuem para que o sujeito valorize seus costumes, sua sabedoria, sua língua, seu folclore e sua cultura; possibilitando, assim, uma aproximação entre o trabalho desenvolvido nessa pesquisa em sala de aula com a realidade de fora da escola. Desse modo, de maneira que os alunos da educação básica possam ser inseridos em práticas mais significativas de letramento, envolvendo as capacidades de linguagem ao ler/ouvir e escrever/falar. Conectando, portanto, o que é desenvolvido na escola as práticas sociais dos educandos. Esses tipos de gênero podem ser encontrados em vários suportes além ser falado no dia a dia como: em livros, revistas, jornais, os provérbios bíblicos e dentre outros. Contribuindo assim para um melhor entendimento, argumentação e análise discursiva dos alunos. Além de discutir a formação dos provérbios na nossa pesquisa temos o objetivo de apontar elementos teóricos para compreensão, a partir do trabalho com os provérbios dos diversos implícitos presente em textos de variados gêneros. A pesquisa realizada terão como ponto em comum a estudos da significação em gêneros textuais provérbios populares, a partir de diferentes concepções teórico metodológicas e investigação de recursos análise -discursivos desses gêneros proverbiais. Por fim, com este projeto, buscamos obter resultados que já está em andamento. Subsidiaram-nos nas reflexões acerca dos estudos da argumentação, Soares (2003), (Koch, 2004). Embasaram nossa concepção sobre os estudos do letramento e Gêneros textuais e ensino. (MARCUSCHI 2002). Operadores argumentativos, por Koch (1992), Suportes nos gêneros textuais Bakhtin (1997), Marcuschi (2003).

52 • Variação e mudança do sujeito no Português Brasileiro: um estudo comparativo de cartas pessoais do século XIX e XX

Jéssica da Silva de Melo (IC/UFRJ)

Diversas pesquisas têm mostrado que a virada do século XX é um marco para a história do Português Brasileiro (PB), já que é nesse período que podemos observar a emergência de uma gramática brasileira diferente da gramática do português europeu, principalmente no que se refere à preferência por sujeitos plenos e ordem SV rígida (Tarallo, 1993). O PB apresenta características de uma língua parcialmente *pro-drop*,

com sujeitos preferencialmente expressos, tanto de referência indeterminada quanto de referência definida (Duarte, 2000) e um sujeito nulo de terceira pessoa com um referente indeterminado (Cavalcante, 2006). Uma das consequências dessa mudança recai na posição do sujeito que passa a ser preferencialmente anteposto ao verbo, fazendo com que se possa afirmar que o PB é uma língua de ordem VS restrita (Kato, Cyrino, Duarte, Berlinck, 2006). Neste trabalho, pretendemos observar a interação do preenchimento do sujeito e a ordem dos constituintes em sentenças finitas numa amostra de cartas de amor trocadas entre um casal mais culto, “o médico do Brasil” Oswaldo Cruz e a esposa Emília, do fim do século XIX, e um casal menos letrado, “o casal dos anos 30” Jayme e Maria, do início do século XX, comparativamente. O objetivo do trabalho é: (1) encontrar, através de um levantamento quantitativo, marcas da gramática brasileira, (2) verificar o quadro de mudança e variação do sujeito no PB, (3) detectar fatores gramaticais e/ou sociolinguísticos que influenciam a posição do sujeito e (4) investigar a relação entre a posição do sujeito e a animacidade do mesmo. O trabalho se sustenta na Teoria Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog, 2006), associada a pressupostos teóricos da Variação Paramétrica (Tarallo e Kato, 1989). Nossa hipótese principal é de que o enrijecimento da ordem SV, ao longo dos séculos, é atestado especialmente em contextos (in)transitivos. Com relação à ordem VS, esperamos encontrar uma ordem restrita a contextos inacusativos, seguida da perda seletiva de sujeito nulo. Por se tratarem de cartas escritas por indivíduos de gêneros e posições sociais diferentes, acreditamos, por hipótese, que haja diferença em relação à maneira dos indivíduos se expressarem (LOPES, 2008), principalmente no que diz respeito à posição do sujeito. A análise permitirá também determinar que fatores estruturais e sociais atuam no favorecimento da ordem SV e da ordem VS. Os primeiros resultados revelam características já de uma gramática brasileira, na preferência por sujeitos plenos e uma ordem SV rígida. Com relação à ordem VS, encontramos uma ordem VS restrita a contextos inacusativos e apresentativos. O casal mais culto, Oswaldo Cruz e Emília, apresenta taxas mais elevadas de sujeito nulo e ordem VS que o casal menos letrado, Jayme e Maria, possivelmente pelo nível de estudo mais elevado. Fatores gramaticais também influenciam a ordem VS, encontramos maior frequência de VS nos contextos em que tal ordem é condicionada pela presença de um complementizador: um pronome interrogativo ou uma conjunção subordinativa, uma ordem VS diferente do PB. Encontramos maior frequência desse tipo de construção nas cartas do “médico do Brasil” Oswaldo Cruz, possivelmente por ser o missivista com mais estudo (Melo, 2012).

53 • Formas de imperativo indicativo e subjuntivo: um estudo diacrônico com cartas pessoais do Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais (XIX-XX)

Karine Cristi Melo de Lima (UFRI/PIBIC)

Na atual fase desse trabalho, tem-se como objetivo analisar diacronicamente, em um *corpus* constituído por cartas pessoais brasileiras escritas no Rio de Janeiro, na Bahia e em Minas Gerais, nos séculos XIX e XX, as formas variantes do imperativo (indicativo e subjuntivo), relacionadas à 2ª pessoa, ou seja, “você” (*aceite, receba, olhe, diga*) e “tu” (*aceita, recebe, olha, diz*). Além disso, pretende-se identificar vestígios dos três subsistemas de tratamento pronominal, (1) *tu*; (2) *você*; e (3) *alternância entre tu e você*, vigentes no Brasil na posição de sujeito, analisando se a variação de formas do imperativo está relacionada com esses subsistemas. Parte-se da noção de que, presentemente, tanto em Minas Gerais, como em algumas regiões da Bahia, há uma frequência do sistema (2) *você* e, no Rio de Janeiro, do sistema (3) *alternância entre tu e você*. Por essa razão, será investigado se no material diacrônico utilizado nesse estudo havia a distribuição dos diferentes sistemas de tratamento que vigoram atualmente no PB (*tu, você* ou *tu/você*). Para guiar essa pesquisa, serão consideradas como hipóteses as verificações apresentadas por Scherre (2004) em estudo feito com dados sincrônicos de escrita (histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*) e fala (eventos formais de trabalho, conversa entre amigos, reuniões, programas de televisão e *Talk book*). Em sua pesquisa, a autora verificou que a forma subjuntiva do imperativo, que está relacionada ao pronome “você”, tem como fator favorecedor o verbo na segunda ou terceira conjugações, a vogal precedente [- aberta] e o maior número de sílabas. Enquanto a forma de imperativo indicativo, relacionado ao pronome “tu”, tem favorecimento quando o verbo é de primeira conjugação, apresenta menor número de sílabas e a vogal precedente é [+ aberta]. Serão utilizados pressupostos teóricos da teoria variacionista laboviana (LABOV, 1994), com o propósito de observar os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem a presença de cada forma do imperativo nas cartas pessoais brasileiras dos séculos XIX e XX. Os dados levantados foram submetidos ao pacote de programas computacionais GOLDBARB-X que calcula as frequências e os pesos relativos de cada fator postulado. Em constatações anteriores, em que se utilizaram como *corpus* cartas do Rio de Janeiro com maior variação entre *tu* e *você*,

as hipóteses de Scherre (2004) se confirmaram parcialmente: o imperativo indicativo é favorecido com verbos na primeira conjugação, menor número de sílabas e a vogal precedente mais aberta. Valendo ainda ressaltar que esses imperativos na forma indicativa encontram-se em sua totalidade no núcleo e na despedida da carta das famílias cariocas. Por outro lado, nas famílias baianas, os poucos dados de indicativo estão presentes no núcleo e nas observações posteriores à despedida da carta (P.S.). Na correlação entre o imperativo e os subsistemas de tratamento, vê-se o subjuntivo majoritário nas cartas baianas que têm apenas dois subsistemas: *tu* e *você*. Nas cartas do RJ, com os três subsistemas, o indicativo se mostra mais presente. Com base nessas verificações, pretende-se expandir essa pesquisa, acrescentando cartas pessoais do estado de Minas Gerais dos séculos XIX e XX, para que possa analisar os resultados obtidos e compará-los aos dos estados do Rio de Janeiro e Bahia.

54 • A posição do sujeito em cartas pessoais do século XIX e XX: fatores extralinguísticos influenciam nos fatores linguísticos?

Stephanie Valle de Souza (PIBIC/CNPq)

O Português Brasileiro (PB) tem sido descrito como sendo uma gramática que apresenta uma ordem SV rígida, alto índice de sujeitos plenos e uma ordem VS restrita às construções apresentativas e construções com verbos inacusativos (KATO, CYRINO, DUARTE, BERLINCK, 2006); ao passo que o PE se caracteriza por uma maior mobilidade do sujeito (principalmente relacionada a fatores discursivos como focalização e estatuto informacional). Tarallo (1993) afirma que o Português Brasileiro começou a se diferenciar do Português Europeu a partir da virada do século XIX para o século XX, devido às mudanças que ocorreram no paradigma pronominal acarretando mudanças na expressão de sujeitos e objetos, nas relativas e na ordem dos constituintes. Partindo disso, nesse trabalho, observaremos a posição do sujeito em sentenças finitas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX, a fim de detectar: (i) aspectos da gramática do português brasileiro; (ii) fatores sociais que possam interferir na posição do sujeito. Utilizamos a metodologia da sociolinguística quantitativa, ou seja, utilizamos o programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para análises estatísticas. Observamos fatores linguísticos e extralinguísticos como condicionadores para a preferência de uma determinada ordem em relação à outra, por acreditarmos que, por se tratarem de cartas escritas por indivíduos diferentes, de gêneros diferentes (feminino e masculino), de posições sociais diferentes, haja diferença em relação à maneira de os indivíduos se expressarem (Lopes, 2008), no que diz respeito ao nosso objeto de estudo que é a posição do sujeito. Para tanto, nesse trabalho, utilizamos três *corpora*: o primeiro trata-se de cartas escritas por Affonso Penna (ex-presidente da república, nascido em 1847) e Maria Guilhermina Penna (esposa de Affonso Penna, nascida em 1857) destinadas a seus filhos; o segundo trata-se de cartas escritas por Christiano Benedicto Ottoni (senador, nascido em 1811) e Barbara Balbina de Araújo Maia Ottoni (dona de casa e esposa de Christiano, nascida em 1822) destinadas a seus netos; e o terceiro trata-se de cartas escritas por Jerônimo de Castro Abreu Magalhães (engenheiro civil, nascido em 1851) e Zélia Pedreira Abreu Magalhães (esposa de Jerônimo, nascida em 1857) destinadas a seus filhos. Em um trabalho inicial (VALLE DE SOUZA, 2012), analisando somente as cartas das famílias Affonso Penna e Ottoni, observamos que, em relação aos aspectos da gramática brasileira, pudemos detectar indícios de uma gramática brasileira nos dados no que diz respeito a uma ordem SV rígida e uma ordem VS regida por construções inacusativas e apresentativas e detectamos que não existe uma diferença com relação à ordem do sujeito nos missivistas do gênero feminino ou masculino, sendo a ordem SV a preferida na amostra estudada. Entretanto, mesmo que com uma leve diferença, os missivistas masculinos apresentam uma gama maior de estratégias de VS com vários tipos de verbo, ao passo que as mulheres tendem a apresentar VS restrita a contextos inacusativos. Neste trabalho, vamos mostrar os resultados com o corpus ampliado, considerando também a família Pedreira Magalhães, com o intuito de analisar a influência de fatores sociais, principalmente o gênero e a posição social, na mudança que houve no PB em direção a uma ordem SV rígida e uma ordem VS regida por construções inacusativas e apresentativas.

55 • A abordagem da “hiperonímia” e “hiponímia” no livro didático de português do ensino médio

Juliana Ramos do Nascimento; Marcela de Melo Cordeiro Eulálio; Tassiana Braga Rodrigues;
Verônica Lucena do Nascimento; Sandra Sueli Carvalho Bezerra (UFCG)

Há alguns anos os livros didáticos (doravante LD) funcionam como suporte para realização das aulas nas escolas brasileiras, e, em muitas dessas, são considerados como único material didático. Essa unicidade implica uma minuciosa análise desses materiais. Para tanto, o MEC implantou uma política de educação na qual se instituiu uma avaliação pedagógica oficial sistemática dos LD a serem selecionados pelas escolas, por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A partir desse cenário de avaliação, desencadeia-se um crescente interesse na pesquisa e análise de livros didáticos, a exemplo dos trabalhos de Marcuschi (2008) em LD de Língua Portuguesa (LDP), nos quais o autor analisa exercícios de compreensão propostos pelas atividades do LDP, constatando serem “atividades de cópiação” sem nenhum compromisso com a reflexão crítica. Seguindo essa mesma linha de pesquisa, o presente trabalho tem como objetivo analisar a abordagem dos fenômenos semânticos da hiperonímia e da hiponímia no LDP do 1º e 2º ano do Ensino Médio, da coleção “Ser protagonista” (BARRETO, 2010), considerando esses como fatores de função anafórica que promovem a coesão textual, por meio da substituição lexical (ANTUNES, 2005). Tais fenômenos são derivados das disposições hierárquicas de classificações próprias do sistema lexical e mantêm uma relação de englobantes e englobados, ou seja, as palavras se relacionam por meio de uma hierarquia, na qual uma palavra apresenta sentido mais genérico e a outra um mais específico, sendo a primeira o hiperônimo, considerado o englobante da segunda, que é o hipônimo, a palavra englobada. A realização da análise do tratamento para com os fenômenos no LDP utiliza como aparato teórico a perspectiva da semântica formal (SF) – descreve o problema do significado a partir do postulado de que as sentenças se estruturam logicamente – e da semântica enunciativa (SE) – relaciona as estruturas com o conhecimento extralinguístico – conforme a abordagem de Oliveira (2001); Pietroforte e Lopes (2005), bem como de Muller e Viotti (2005). Sob a luz de tais perspectivas, pudemos constatar a (in)adequação dos exercícios apresentados. Com a análise, verificamos que o autor do livro didático em questão abordou o estudo da hiperonímia e hiponímia de forma adequada, uma vez que utilizou as duas perspectivas, isto é, SF e SE, embora ainda tenha ficado uma lacuna para a proposta de aplicação em produções textuais. Tendo em vista o conhecimento da importância da produção textual no estudo da hiponímia e hiperonímia, elaboramos uma atividade, por meio de um texto base hospedeiro dos fenômenos em questão, na qual o aluno alvo precisará responder as questões de cunho formal, bem como questões enunciativas. Porém, para abordar fenômenos tão importantes na referenciação anafórica, é necessário fazer com que o aluno faça a aplicação desse recurso na produção textual. Pensando na lacuna deixada pelos autores no livro didático, ao não solicitarem a produção textual com o uso dos hipônimos e hiperônimos, nós pedimos para que os alunos produzissem um texto do gênero notícia, tendo como tema “acidentes no trânsito”. Dessa forma, os alunos terão a oportunidade de utilizarem os fenômenos em estudo, verificando o impacto dos mesmos na coesão textual do texto feito por eles.

56 • O uso de sentenças passivas como estratégia presente em redações de pré-vestibulandos

Glenda Aparecida Queiroz Milanio (FAPEMIG/UFMG)

Este trabalho teve como objetivo analisar, a partir da teoria gerativista (Chomsky, 1984; Raposo, 1992; Ouhalla, 1999; Miotto, 2007), a estrutura das sentenças passivas verbais, e identificar se elas possuíam ou não *by-phrase* realizado. Além disso, buscou-se descrever a grade temática dos verbos que constituíam essas construções e, por fim, visou-se constatar se a realização de *by-phrase* é ordem da *competência* ou da *performance*. Para a realização desta pesquisa, foram selecionadas aleatoriamente 30 redações dissertativas (+/- 25 linhas/redação), produzidas por alunos de pré-vestibular. Primeiro, foram extraídas as passivas verbais, para a formação de um banco de dados. Segundo, essas sentenças foram quantificadas e separadas em duas categorias: passivas verbais com *by-phrase* e sem *by-phrase*. Terceiro, a grade temática dos verbos de cada categoria foi analisada separadamente e, finalmente, as categorias foram comparadas. Nas 30 redações selecionadas, foram encontradas apenas 41 passivas verbais. Dessas sentenças, somente 8 tinham *by-phrase* realizado, enquanto 33 não possuíam *by-phrase*. A partir da análise, constatou-se que os verbos que compõem as sentenças que possuem *by-phrase* não apresentam grade temática diferente em relação aos verbos das sentenças sem *by-phrase*. Todos os verbos encontrados nas passivas possuem em sua grade temática

o papel de *agente* atribuído à posição de argumento externo do verbo. Já na posição de argumento interno, foram identificados dois tipos de papéis temáticos: *paciente* ou *tema*. Em alguns verbos como “destinar”, por exemplo, a grade temática é: <*agente, tema, alvo*>. Nesse caso, como o verbo possui dois argumentos internos, o verbo transmite o papel- θ para o SP e a preposição, por sua vez, atribui o papel- θ *alvo* ao núcleo do SN objeto da preposição (Ouhalla, 1999). Esta pesquisa também possibilitou reconhecer alguns casos de passiva que merecem destaque. Ex.: (1) “Segundo o IBGE cerca de 70 milhões de brasileiros são considerados acima do peso”, (2) “Diariamente são apresentadas pelos meios de comunicação imagens e notícias” e (3) “Os que mais são afetados por essas doenças, são os jovens”. Em (1), não há *by-phrase* realizado, mas a estrutura encabeçada pela conjunção *Segundo o IBGE* permite ao leitor identificar um possível *agente* da ação. Ou seja, o sujeito semântico da ação descrita que deveria estar no *by-phrase* está, na verdade, topicalizado pela conjunção conformativa *Segundo o IBGE*, evidenciando o aspecto performativo. Já no exemplo (2), há a presença do *by-phrase* *pelos meios de comunicação*, apesar dele ter sido deslocado para a posição entre o verbo e o objeto. Isso também é uma evidência de que o *by-phrase* é da ordem da performance, pois, além de ser dispensável, ele pode ocupar a posição entre o verbo e objeto, pelo menos em alguns casos. Finalmente, no exemplo (3), também ocorre o *by-phrase* *por essas doenças* entre o verbo e o objeto, movimento não previsto pelo gerativismo. Aparentemente, isso ocorre porque na posição de objeto do verbo *afetar* há a oração subordinada *são os jovens*, que requer o deslocamento do *by-phrase*. Esse movimento parece ser licenciado para evitar sentenças mal formadas como (?)*Os que mais são afetados são os jovens (por essas doenças)*. Portanto, como no exemplo (3), a presença de construções complexas na posição do objeto do verbo, como uma subordinada, requer mais estudos. Pois caso o *by-phrase* esteja explícito, o seu deslocamento para a posição entre o verbo e o objeto parece ser obrigatório. Embora esses questionamentos não sejam objeto desta pesquisa, todas essas análises evidenciam que o *by-phrase* é referente à performance, e não à competência, uma vez que é um recurso diretamente ligado ao uso da língua.

57 • Vozes do mundo real proferidas em ambiente virtual: análise de formações discursivas em textos mêmicos veiculados em redes sociais à luz da Análise de Discurso Crítica (ADC)

Carlos Fabiano de Souza (UENF – aluno especial)
Sérgio Arruda de Moura (UENF – professor Associado I)

Sabe-se que o termo “meme” apareceu pela primeira vez em 1976 com Richards Dawkins em seu livro *O Gene Egoísta*. Embora Dawkins tenha definido o “meme” como “uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação” (DAWKINS, 2007, p. 330), alguns estudiosos em *Memética* (estudo formal dos memes) têm variado quanto às definições deste vocábulo. Seguindo a linha de Dawkins, para Susan Blackmore (2000, p. 65), “os memes são histórias, canções, hábitos, habilidades, invenções e maneiras de fazer coisas que copiamos de uma pessoa para outra através da imitação.” Ainda segundo esta autora, “os memes têm sido (e são) uma força poderosa que molda nossa evolução cultural – e biológica” (tradução nossa, BLACKMORE, loc. cit.). É interessante, contudo, observar que na cibercultura os usuários começaram a utilizar a palavra “meme” para se referir a tudo que se propaga, ou mesmo se espalha aleatoriamente na Grande Rede – em especial – fragmentos com algum conteúdo humorístico. Porém, pontua-se que “os memes são bem mais complicados e importantes do que apenas imagens engraçadas de gatos na Internet (embora estas também sejam memes)” (tradução nossa, GUNDERS & BROWN, 2010, p. 2). Partindo do conceito de “meme” (DAWKINS, 2007; BLACKMORE, 1999, 2000; GUNDERS & BROWN, 2010) este trabalho acadêmico debruça-se sobre os discursos proferidos em ambiente virtual sob a forma de textos mêmicos – sendo estes concebidos como fragmentos textuais propagados através de redes sociais, particularmente o *Facebook* e o *YouTube*, visando apresentar uma análise das falas de personagens do mundo real ancorada na Análise de Discurso Crítica (ADC), cujo propósito é investigar a linguagem enquanto prática social e ideológica, segundo as concepções de Fairclough (2001a, 2001b; 2003). Entende-se nesta pesquisa como fragmentos textuais, toda e qualquer manifestação discursiva escrita ou falada, sendo os textos [fragmentos textuais] a materialidade linguística do discurso, “elementos de eventos sociais tendo efeitos causais – ou seja, eles provocam mudanças” (tradução nossa, FAIRCLOUGH, 2003, p. 8). Assim, o discurso revela-se como a linguagem em uso, a prática social que se manifesta sob a forma de textos. Nesta perspectiva, segundo Fairclough (2001b: p.118), “as ideologias estão nos textos”. Para tanto, serão utilizados também enquanto aportes teóricos as concepções de Fiorin (1998) acerca de formações ideológicas e formações discursivas – as quais Fairclough (2001a, 2001b; 2003) chama de “práticas discursivas”, visto que as falas que serão investigadas constituem

importantes representações ideológicas de vozes do mundo real, embora proferidas no ciberespaço. Diante desta questão, levantou-se um *corpus* para análise composto por um fragmento textual veiculado como “meme” em redes sociais, o qual foi extraído da fala de Carlos Nascimento – âncora do Jornal do SBT – exibido na reportagem de abertura do principal telejornal da emissora no dia 19 de janeiro de 2012. Neste o jornalista dá sua opinião sobre os assuntos mais comentados pelas mídias na respectiva semana. Ainda compõem o *corpus* em questão as falas de usuários digitais que postaram comentários no *Facebook* e no próprio espaço de postagens de comentários do vídeo no *YouTube* corroborando as opiniões expressas pelo apresentador ou refutando-as. Por fim, busca-se mostrar com este trabalho que o uso de componentes mêmicos em redes sociais propicia relações sociais democráticas na Internet, revelando formas de interação e construção de sentidos que são permeadas por práticas sociais que dão voz às representações ideológicas de personagens do mundo real, fomentando diversas discussões no ciberespaço.

58 • Amizade, *friendship* e *freundschaft* - especificidades culturais de construções metafóricas utilizadas por participantes de comunidades virtuais para falar de amizade

Mariana Carneiro Mendes (CAPES/UFMG)

Considerando-se que, em países diferentes, fala-se não apenas em uma língua diferente como também de uma maneira diferente (SAPIR, 1949; WHORF, 1956; KÖVECSSES, 2000; WIERZBICKA, 2003), propõe-se um estudo comparativo da maneira como participantes de comunidades virtuais brasileiras, americanas e alemãs abordam metaforicamente o conceito “amizade”, de acordo com a Teoria Conceptual da Metáfora (LAKOFF, JOHNSON, 1980). Ou seja, com essa pesquisa, pretende-se analisar as expressões metafóricas utilizadas para se expressar sobre amizade em redes sociais do Brasil, dos EUA e da Alemanha, e, com isso, tentar salientar o que possa ser considerado, neste caso, como específico de cada uma dessas culturas. Vale ressaltar que para este estudo considera-se não a cultura nacional brasileira, norte-americana ou alemã, mas sim o *habitus* compartilhado pelos participantes de comunidades virtuais que são veiculadas em uma dessas três línguas: “sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras” (BOURDIEU, 1983, p. 60-61). Para este propósito, entende-se como comunidade virtual, ou rede social, tanto fóruns de discussão *online* como *sites* como Orkut e Facebook. A coleta de *corpus* foi feita da seguinte maneira: foram coletados textos produzidos pelos participantes de comunidades virtuais que podiam ser associadas a alguma das culturas analisadas, que foram agrupados de acordo com a cultura a qual pertencem. Para que os participantes discorressem sobre o tema proposto, foram postadas perguntas em algumas redes sociais, as quais serviram de estímulo para que participantes em geral postassem seus comentários sobre o tema. Foram propostas perguntas sobre o que seria a amizade ideal; sobre amizade “real” e amizade virtual, se existem diferenças entre elas, quais seriam as diferenças, etc. Deve-se levar em consideração, como se trata de um estudo intercultural, que os participantes dessas comunidades, apesar de se comunicarem na língua em que o fórum é veiculado, não necessariamente têm nacionalidade equivalente. Isso é válido principalmente para as comunidades virtuais norte-americanas, uma vez que o uso da língua inglesa ainda é predominante na Internet, apesar de sua ampla difusão trazer cada vez mais outras línguas para o ambiente *online* (DANNET, HERRING, 2007, p. 425). Em um segundo momento da pesquisa, foi feita a análise das expressões metafóricas que tinham como domínio alvo AMIZADE no *corpus* coletado. O *corpus* de cada rede social foi analisado e catalogado separadamente, tendo seus resultados associados aos das demais comunidades virtuais de mesma nacionalidade, e contrastados entre si. Ao se comparar as expressões catalogadas, foram encontradas algumas utilizadas apenas em determinadas comunidades virtuais, veiculadas em determinada língua. O passo seguinte foi buscar por especificidades culturais de cada uma dessas culturas presentes no *corpus* analisado. No último momento da pesquisa, far-se-á, através dos primitivos semânticos da *Natural Semantic Metalanguage* (WIERZBICKA, 2003), a decomposição de um conceito de amizade específico para cada uma dessas culturas, o que salientará as especificidades culturais observadas no contexto analisado.

59 • O uso de redes sociais e sua relação com o aprendizado autônomo de línguas

Anderson Silva Matos

A autonomia, definida por Holec(1981:3), “é a capacidade de um indivíduo de responsabilizar-se pelo próprio aprendizado”. Tal capacidade é relevante considerando o aluno como agente no processo da própria aprendizagem. Oxford expande tal pensamento introduzindo a interação social com um par mais experiente em sua comunidade de prática [desse aprendizado] como um fator para o desenvolvimento da autonomia. Segundo ela, a autonomia é obtida através da interação social com uma pessoa mais capaz em um ambiente particular (OXFORD, 2003). Com o advento da internet e das novas tecnologias de comunicação, a concepção de ambiente acaba por ganhar uma dimensão não-geográfica enquanto “estas tecnologias possibilitam o desenvolvimento de novas formas de interação, potenciando desse modo a construção de novas identidades pessoais.” (PONTE, 2002:20). Uma das maiores representações dessa transposição de espaços se dá através da expansão e rápida popularização das Redes Sociais (Social Networking Sites, ou SNS) que “[...] permitem que usuários se apresentem, articulem suas redes de contatos, e estabeleçam e mantenham conexões uns com os outros.” (ELLISON, STEINFELD & LAMPE, 2007). Em tais espaços virtuais, os usuários podem utilizar-se das mais variadas ferramentas para expor conteúdos relacionados à sua vida social e também interagir com usuários da mesma rede, mantendo contato com pessoas que eles já conhecem *off-line* e estabelecendo novas interações com outros usuários, criando novos padrões de relacionamento *socio-virtual*. Tendo em vista o crescente uso de tecnologias nos dias atuais pelos membros dos mais variados grupos sociais e o uso delas em sala de aula em suas mais variadas formas (ver BAKAR, 2007; MURPHY, 2007, entre outros), o presente trabalho procura observar qualitativamente se e de quais formas o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), mais especificamente o uso de uma rede social (SNS) como TIC, pode propiciar e estabelecer interações entre os membros de uma rede social, tornando-a uma comunidade virtual de prática e encaminhando seus usuários para o desenvolvimento de uma aprendizagem autônoma. A pesquisa ainda procura entender de que forma o uso de uma rede social por alunos de um curso de línguas pode se relacionar com o aprendizado no espaço físico “sala de aula” e nas interações professor-aluno e aluno-aluno tendo como base a pesquisa em aprendizado de línguas em redes de interação virtual (*Network-Based Language Teaching*, ou NBLT) (KERN, WARE, WARSCHAUER, 2008). Para tal observação, uma rede social foi criada e 28 alunos de duas turmas de Inglês intermediário de um curso/projeto de línguas da Faculdade de Letras da UFRJ foram convidados a utilizá-la livremente. A partir deste uso, foram observadas a crescente geração de material e a interação entre os usuários espontâneos (ou seja, ambos não requeridos pelo professor). A pesquisa conta ainda com notas do professor em diários de classe, com a análise da página de perfil e das atividades dos alunos usuários na rede social analisada e com narrativas semi-estruturadas com base em questionários respondidos pelos mesmos alunos a respeito do uso da rede social e ao aprendizado durante o curso. Os resultados indicam que, não somente os usuários da rede social observada a utilizaram de forma autônoma e conseguiram por meio dela interagir livremente na língua adicional, mas também que, ao responsabilizar-se pela própria aprendizagem na rede social, os usuários acabaram por transformá-la em uma ferramenta de modificação das aulas que tinham no espaço físico.

60 • Banana skins: armadilhas da tradução na língua inglesa

Carolina de Pinho Santoro Lopes

Jessica Nunes Vilela

Traduzir é uma atividade complexa, pois precisa-se criar pontes entre culturas e idiomas distintos. O objetivo deste trabalho é pesquisar termos em inglês que ofereçam dificuldades na tradução para português, analisando soluções para eles. Para isso, teremos como base teórica “As armadilhas da tradução”, de Paulo Rónai, e usaremos para análise o *Corpus of Contemporary American English* (COCA) e textos em inglês e sua tradução brasileira. Rónai aborda armadilhas como polissemia, falsos cognatos, parônimos e holófrases. A polissemia faz com que uma palavra possa equivaler a diferentes termos em outra língua conforme o contexto, dificultando a percepção dos vários equivalentes e a escolha do mais apropriado. A palavra “*play*” é exemplo de polissemia, encontrando-se diversos significados no COCA. Falsos cognatos podem estar ligados à evolução distinta em cada idioma de palavras de mesma origem. O perigo é traduzir a palavra por outra com significado diferente, baseando-se na semelhança formal. Por exemplo, a palavra “*pretend*” significa “fingir”, não “pretender”. Rónai dá duas definições de parônimos: palavras

com mesmo radical e prefixo ou desinência diferentes ou palavras parecidas com sentido distinto. As possíveis dificuldades são confundir palavras semelhantes e encontrar erros no original. Um exemplo de confusão causada por parônimos foi a tradução de “*dutiful*” como “cheio de dúvidas” (“*doubtful*”), em vez de “obediente”, em *Retrato do artista quando jovem* (Joyce, 1998, p. 184). As holófrases expressam ideias específicas de um idioma. Assim, não existe uma só palavra equivalente ao termo na língua-alvo, sendo o seu significado expresso por uma explicação mais longa ou, por vezes, pela incorporação da palavra ou expressão ao idioma estrangeiro. No livro citado, o termo “*drisheen*”, salsichas irlandesas típicas, foi traduzido como “panelada” (1998, p. 101). O termo não equivale ao original e foi modificado para “embutido de ovelha” em edição posterior (2012, p. 102). Nomes próprios também são fonte de dificuldade para os tradutores. É preciso cuidado com nomes de figuras históricas, pois podem ter equivalentes na língua-alvo. Por exemplo, Martin Luther, em inglês, corresponde a Martinho Lutero em português. Quando nomes próprios carregam significados relacionados ao caráter do personagem, Rónai recomenda o uso de nota de rodapé para explicitar a intenção do autor. Exemplo da conotação de nomes próprios, o título *The Importance of Being Earnest*, de Oscar Wilde, foi traduzido como *A importância de ser prudente*, para conservar o jogo de palavras de usar o adjetivo como nome próprio. Rónai trata ainda das metáforas – palavras usadas com sentido diferente do habitual – como um fenômeno que existe em todo idioma e pode dificultar a tradução. É preciso levar em consideração o significado da metáfora no contexto em que está inserida. Quando uma expressão tem significado diferente da junção dos sentidos de cada palavra que a constitui, a tradução não pode ser literal, deve-se considerar a expressão como um todo. Frequentemente, a metáfora na língua-fonte possui correspondente na língua-alvo, embora com elementos diferentes. Segundo Rónai, porém, quando é impossível encontrar uma expressão metafórica equivalente, deve-se verter a metáfora por sua explicação, compensando-se, mais adiante, com o uso de alguma expressão idiomática da língua-alvo para recuperar a intenção do autor. Comparando-se duas edições do romance de Joyce citado, a tradução de “*hit the nail on the head*” foi inicialmente literal, “acertou na cabeça do cravo” (1998, p. 208), e depois substituída pela expressão “acertou na mosca” (2012, p. 212). Em suma, Rónai oferece sugestões para se lidar com algumas armadilhas da tradução. Como se percebe nos exemplos, é extremamente importante conferir naturalidade ao texto, usando termos correntes na língua-alvo e levando em conta valores conotativos dos nomes e expressões.

61 • Paradigmas pedagógicos para o mundo globalizado: uma proposta de aula multimodal

Jamille Santos dos Passos & Nayana Mota Gusmão da Silva (UESB)

O objeto de pesquisa deste trabalho é a construção de uma prática pedagógica multimodal com base nos Multiletramentos e na Linguística de Corpus (LC) para o ensino de Língua Inglesa (LI). A proposta é apresentar uma aula que promova a autonomia dos aprendizes, associando a Linguística de Corpus a atividades multimodais, com base nos quatro componentes do “The How of Pedagogy” apresentados pelo New London Group (NLG). Os estudos do NLG sobre multiletramentos alargaram a visão das práticas pedagógicas, acrescentando àquelas tradicionais, centradas na língua como sistema, dois importantes argumentos que acompanham a nova ordem global: a multiplicidade de canais de comunicação e mídia, e o crescimento da diversidade cultural e linguística. A configuração dessa nova ordem global não é fruto do mundo contemporâneo, embora hoje o impacto da globalização seja mais contundente, sobretudo por causa do avanço da tecnologia. Nesse processo, a paisagem mundial tem se modificado, pois as distâncias estão diminuindo e as fronteiras desaparecendo, fazendo emergir, de acordo com as Nações Unidas (1999), novos mercados, novos atores, novas regras e novas ferramentas. A globalização alcança a vida do indivíduo, altera práticas identitárias e contribui para o surgimento do que Hall (2005) denomina “crise de identidade”, que transforma a noção de estabilidade do sujeito no mundo atual. “Volatilidade e instabilidade tornaram-se as marcas registradas das identidades no mundo pós-moderno” (RAJAGOPALAN, 2003, p. 59). Conforme Jewitt e Kress (2003), os processos pós-modernos alteram o conjunto organizado de recursos usados na construção de sentido, e, nessa conjuntura, o sujeito das práticas pedagógicas também se altera: o novo aprendiz é híbrido e multifacetado, e pressupõe uma multiplicidade de olhares sobre si e sobre aquilo que aprende. Sua leitura deixa de ser unívoca, e passa a abarcar os vários recursos que conduzem à construção de sentido, como imagem, olhar, gesto, movimento e som. Esses elementos são os “modos” – efeitos de práticas socioculturais de representação. Na comunicação, cada modo carrega uma parte da mensagem e, como afirma Eluf (2010), “raramente ocorrem isolados” (p. 58). Partindo dos argumentos apresentados pelo NLG, os multiletramentos se inserem nos espaços de ensino-aprendizagem, trazendo novos recursos de mídia e comunicação e propiciando leituras multimodais, através

da integração de quatro fatores: Prática Situada, Instrução Aberta, Construção Crítica e Prática de Transferência. Entre as possibilidades de construção de espaços multimodais, destaca-se a Interface Pedagógica proposta por Eluf (2010), que utiliza a LC como suporte para as práticas de multiletramentos, buscando introduzir “conceitos de autonomia, independência e capacitação ao aprendiz no processo de ensino-aprendizagem de Língua Inglesa” (ELUF, 2010, p. 60). Granger e Meunier (2002) ressaltam que a LC contribui para aquisição de autonomia na produção didática mediada pelo computador e capacita aprendizes a tornarem-se pesquisadores. Toma-se a Linguística de Corpus. A tecnologia intrínseca à LC a torna uma ferramenta eficaz no estudo da língua e no tratamento de dados linguísticos. Trazida para a sala de aula, possibilita atividades epilinguísticas e promove a autonomia do aprendiz. A aula proposta foi aplicada numa turma de EJA de uma Escola Pública baiana, em Projeto de Intervenção Pedagógica realizado por estagiários de Letras Modernas da UESB. Conseguiu-se, com a proposta, atingir os primeiros passos no sentido de uma autonomia dos alunos no aprendizado de LI, despertando, assim, o interesse dos alunos, por perceberem que esse tipo de aprendizado lhes é acessível pelas novas tecnologias.

62 • Atividades de pronúncia no livro *openmind* 1: impressões e críticas dos monitores de inglês do projeto CLAC-UFRJ

Jéssica Martins Carvalho & Flavia Moreno de Marco (UFRJ)

O objetivo deste trabalho é analisar o posicionamento dos monitores do projeto CLAC quanto ao ensino de pronúncia em língua inglesa, ao utilizarem o livro didático *OpenMind* 1A e 1B, adotado nos níveis iniciais do projeto. Com base nos pressupostos de Celce-Murcia et al. (1996), Oliveira e Kauark (2011), Carvalho et al. (2009) e Silveira e Rossi (2006), foram estudadas as atitudes dos monitores em relação às atividades de pronúncia propostas pelo livro em questão, bem como as estratégias pedagógicas escolhidas para o ensino e prática dessa habilidade, por meio de questionários, entrevistas e observações de aula. O ensino de pronúncia em língua estrangeira parece não receber tanta atenção nas salas de aula de língua estrangeira, o que pode ser resultado da tradição de dar ênfase às habilidades de leitura e escrita (Celce-Murcia et al. 1996). Além disso, Carvalho et al. (2009) apontam que o conteúdo proposto pelos próprios manuais do professor pode exercer grande influência na escolha das atividades a serem executadas em sala de aula: ora o livro didático não propõe exercícios de pronúncia, o que faz com que os professores entendam a pronúncia como conteúdo não pertinente ao curso a ser lecionado; ora os autores apresentam sugestões relevantes sobre essa habilidade, mas que são ofuscados pela grande quantidade de comentários concernentes a outros aspectos das diferentes habilidades da língua. Quanto ao ensino de pronúncia, Celce-Murcia et al. (1996) apontam que há duas abordagens existentes: a abordagem intuitivo-imitativa, que pressupõe que o aprendiz ouça e imite os sons e ritmos da língua-alvo sem instrução explícita de um professor; e a abordagem linguístico-analítica, que busca utilizar o alfabeto fonético e tabelas para complementar a precisão com que o aprendiz adquirirá a pronúncia na língua-alvo. Contudo, as salas de aula no contexto brasileiro parecem não incorporar uma visão que considere a pronúncia indispensável para uma comunicação bem-sucedida. Sobre isso, Silveira e Rossi (2006) apontam que há quatro competências envolvidas no ensino de pronúncia: competência linguística, competência estratégica, competência discursiva e competência sociolinguística. Porém, conforme dito anteriormente, essas competências não são o foco nas aulas. Muito pelo contrário: Oliveira e Kauark (2011) denunciam a falta de preparo dos cursos de formação de professores em relação ao ensino da pronúncia, apontando tal fato como crucial na hora de definir o espaço que a pronúncia ocupará na sala de aula de língua estrangeira. Em outras palavras, se o ensino de pronúncia já é tradicionalmente desconsiderado nos ambientes de ensino de línguas estrangeiras e os professores raramente são preparados para ensinar tal assunto, é previsível que este tópico não seja enfatizado nos livros didáticos. Para descobrir como os monitores do projeto CLAC lidam com a questão do ensino da pronúncia, aplicou-se um questionário para os monitores dos níveis Básico e Inglês I, visando a explicitar como e se tais monitores trabalham as questões de pronúncia; além disso, verificou-se a impressão que estes têm em relação às atividades propostas pelo livro didático. Concluiu-se que a prática da maioria dos monitores participantes não contempla o ensino de pronúncia, devido à sua imersão no pensamento de que uma comunicação oral eficiente baseia-se sobretudo na fluência, em detrimento da precisão. Espera-se apontar diferentes motivos para que a pronúncia passe a compor o programa da aula desses monitores, habilitando os alunos dos níveis mais iniciais da língua inglesa a se comunicar de forma mais efetiva e inteligível.

63 • Os recursos tecnológicos no ensino de língua estrangeira

Jefferson Evaristo do Nascimento Silva

Se perguntarmos a um professor de língua estrangeira qual é o tipo de abordagem que ele usa para conduzir as suas aulas, é bem provável que ele responda que usa uma abordagem “comunicativa”. Já em uma segunda pergunta um pouco mais ardilosa, sobre o que este mesmo professor entende por ser abordagem comunicativa, certamente a sua resposta será “uma que ensine a falar”, “uma que dê ênfase à fala” ou algo similar a isso, demonstrando um profundo desconhecimento do referencial teórico de que se dizem adeptos, uma falta de informação que pode ser fatal no processo ensino-aprendizagem. Mas afinal, o que é ter uma abordagem comunicativa? O que é “ensinar a falar” um outro idioma? Como podemos trilhar este caminho? Qual o papel do professor, do aluno, da metodologia ou até mesmo dos materiais empregados neste percurso? Pensar o ensino de línguas estrangeiras em uma perspectiva menos tradicionalista e mais em sintonia com as novas metodologias de ensino e possibilidades tecnológicas é uma prática que, apesar de ser crescente, ainda desperta certa cautela e medo em alguns – quando não um verdadeiro pavor, um desespero. Neste sentido, conjugar ensino de línguas e atividades mais lúdicas e tecnológicas, tais como filmes, blog, podcasts, as mídias digitais, trechos de comerciais dentre outras opções, pode parecer um desserviço ou uma perda de tempo para aqueles que, ainda presos a paradigmas antigos e/ou temerosos por “perder conteúdo”, “deixar de ensinar matéria” ou não conseguir seguir o programa “adequadamente” não se permitem desfrutar e se valer destas novas ferramentas nas suas práticas docentes. O presente trabalho pretende refletir sobre o papel e a influência destas atuais ferramentas tecnológicas no ensino de língua estrangeira (doravante LE). Atuando como facilitadores do processo de aprendizado desta (Krashen, 1981), estas novas ferramentas nos possibilitam diferenciar e tornar mais atrativo o processo de ensino-aprendizagem, colocando o aluno em um papel ativo em seu ensino, proporcionando-lhe um grau mais elevado de interação e participação, além de aumentar sua motivação para o processo. Através de uma breve análise, discutiremos algumas das possibilidades que estes recursos podem nos oferecer e até onde eles são realmente eficazes. Nesta proposta, a língua é vista como um fenômeno interativo e dinâmico, voltado para as atividades dialógicas (Marcuschi, 2001), com seu aprendizado não se reduzindo mais a um estado de conhecer – memorizar-repetir, mas de saber conhecer – compreender – aplicar (BELLANOVA, 1994), sendo veiculada através da abordagem conhecida como *Ensino Comunicativo de Línguas*. Neste sentido, entendemos que aprender uma língua é aprender a se comunicar, a se adaptar a diferentes contextos conversacionais e neles poder desenvolver uma competência comunicativa efetiva (segundo Maingueneau, 2004) – ou seja, ter a habilidade para usar o sistema linguístico de maneira efetiva e apropriada. Para isto, exemplificaremos algumas possibilidades de uso empregadas em diferentes turmas de ensino regular de italiano como LE em cursos livres no Rio de Janeiro (turmas de idosos, crianças, adultos e de ensino intensivo), demonstrando os resultados obtidos nesta prática, comparando as perspectivas iniciais e traçando um breve panorama de pesquisa sobre o tema.

64 • Diversidade discursiva em organizações civis: o gênero Relatório e a incerteza de projetos do dizer

Janaína Behling (USP)

O Terceiro Setor ou, a rigor, aquilo que se pode convencionar por *diferentes modelos de organizações civis*, sem fins lucrativos, subsidiadas economicamente pelo Segundo Setor (empresas) e ou Primeiro Setor (Estado), mas com relativa autonomia ideológica, social, cultural, educativa, possui uma diversidade de espaços discursivos próprios da vida contemporânea, ou seja, uma diversidade de ações e pensamentos individuais e coletivos em trânsito, em hibridação ou mudança, principalmente, quando estão em jogo os projetos de dizer da coletividade sobre seus serviços. Nesse caso, os espaços discursivos do Terceiro Setor merecem ser sensivelmente revisitados ou, melhor dizendo, merecem que seja promovida uma revisão dos espaços do pensamento, da ação, dos valores comunicacionais, portanto, humanos, daqueles que se envolvem nas teias discursivas de organizações civis. Contudo, justamente por sua composição institucional híbrida, intersetorial, vale reforçar que a autonomia ideológica do Terceiro Setor e seus projetos de dizer coletivo são apenas *relativos*. Os modelos discursivos do Terceiro Setor que preenchem seus sistemas comunicativos se assemelham aos de grandes corporações, governamentais ou empresariais, educativas ou não, por exemplo, quando uma série de burocracias faz com que se perca o sentido da vida interativa em comum ou, ainda, essas

burocracias ocupam todo o espaço da criação humana no que esta possui de participativa, saudável e necessária. Ao mesmo tempo, os modelos discursivos que então se estabilizam são uma forma de materializar, principalmente, pela linguagem escrita, a tentativa de alinhamento de ações individuais e coletivas. Um dos modelos discursivos mais comuns que circulam por organizações civis fortemente burocratizadas e que serve de destaque para este estudo é o gênero discursivo Relatório. O objetivo deste estudo é analisar o discurso de um Relatório específico, qual seja, o produzido dentro de contextos institucionais de uma organização civil de grande porte. O gênero Relatório, assim como sua esfera de produção é, também, um gênero híbrido, capaz de mesclar, junto ao ato de relatar algo, mais outro objetivo, no caso: o de apresentar um Planejamento de Comunicação Integrada. Este estudo pauta-se nos estudos bakhtinianos da linguagem que apresenta o gênero discursivo como *signo ideológico*, no qual se materializa o *território concreto, sociológico e significante* (Bakhtin, 2003, p.58) que refrata a vida interna e externa de organizações civis e reflete a natureza ideológica de sua linguagem. O presente trabalho se materializa a partir de um campo de conhecimento engajado, a Linguística Aplicada, capaz de apresentar a possibilidade política de que a pesquisa contemple outras histórias sobre quem somos ou outras formas de sociabilidade 'que tragam para o centro da atenção vidas marginalizadas, do ponto de vista dos atravessamentos identitários de classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade etc' (MOITA LOPES, 2006, P. 27). Entende-se que entre esferas intersetoriais, assim, vidas marginalizadas sofrem diferentes níveis de insociabilidades. Nesse caso, nos processos de materialização de Relatórios, como resultado do estudo, ainda cabe perguntar: como a polifonia própria de organizações complexas, como as do Terceiro Setor, pode ser garantida na escrita de Relatórios? Quais as implicações de uma escritura monológica, no caso, para o sucesso de 'Planejamentos de Comunicação Integrada' que coloca como incertos os projetos coletivos do dizer?

65 • As construções de topicalização e de deslocamento à esquerda na fala de brasileiros e portugueses

Carlos Eduardo Nunes Garcia

São investigadas, neste trabalho, as estratégias de topicalização e deslocamento à esquerda na fala culta de brasileiros e portugueses. Essas estruturas caracterizam-se por apresentar, na periferia esquerda da sentença, um termo sobre o qual se faz uma proposição por meio de um comentário. Na topicalização (1), ocorre a retomada do tópico por meio de uma categoria vazia no interior do comentário; no deslocamento à esquerda (2), por sua vez, há a vinculação do tópico a um pronome cópia ou outro elemento de igual valor.

(1) *o a gente*_i eu por exemplo uso _ __i (PE)

(2) *a moça que trabalha lá em casa*_i ela_i é de Queimados, né? (PB)

A pesquisa, fundamentada em estudos sincrônicos (cf. Pontes 1987; Vasco 1999; Orsini e Vasco 2007; Paula 2012), tem como aporte teórico o modelo de estudo da mudança descrito por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), focalizando, de forma particular, a questão do encaixamento, e a Teoria de Princípios e Parâmetros proposta por Chomsky (1981), a qual sustenta as hipóteses arroladas, bem como contribui para a seleção dos grupos de fatores de natureza semântica e sintática, visto que a análise se desenvolve em conformidade com os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Laboviana (cf. Braga e Mollica 2003). Os dados foram coletados de entrevistas com informantes com nível superior completo, que integram o acervo sonoro do projeto "Concordância", constituído por gravações colhidas em Portugal, na cidade de Lisboa, e no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, em um total de doze entrevistas. Dessa forma, objetiva-se (i) apresentar a distribuição geral das ocorrências de topicalização e de deslocamento à esquerda no PB e no PE; e (ii) discutir a interferência de fatores semânticos e estruturais na distribuição dos dados em cada sistema, visto que o PB passa por um processo de mudança no que diz respeito à marcação dos Parâmetros do Sujeito Nulo e do Objeto Nulo. Nesse sentido, o PB, em decorrência do desaparecimento do clítico acusativo de terceira pessoa e da simplificação do paradigma flexional dos verbos, tende a esvaziar a posição de objeto e a preencher a posição de sujeito, comportamento que o diferencia do PE, já que este é marcado positivamente para o Parâmetro do Sujeito Nulo e negativamente para o Parâmetro do Objeto Nulo. Tais diferenças correlacionam-se às ocorrências de deslocamentos à esquerda e de topicalização em cada sistema. No PB, os elementos topicalizados geralmente ocupam a posição de objeto; já os elementos deslocados à esquerda frequentemente possuem como correferente o elemento que está na posição de sujeito. No PE, por sua vez, há maior incidência de deslocamento à esquerda de clítico e de topicalização de sujeito. Sendo assim, postula-se que PB e PE são sistemas distintos, pois, no que diz respeito às construções de tópico,

este sofre restrições que aquele não possui (cf. Galves 1998), como reflexo das diferenças paramétricas já mencionadas. Este estudo pretende, em última instância, contribuir para a descrição do PB, que, em decorrência das mudanças em curso, parece reunir características que o aproximam das línguas de tópicos, conforme tipologia apresentada por Li e Thompson (1976).

66 • O sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta de Salvador

Diana Silva Thomaz

O presente trabalho é um estudo de tempo real de curta duração do sujeito nulo de referência indeterminada na fala culta de Salvador. Estamos analisando duas variáveis para a expressão do sujeito de referência indeterminada: o sujeito nulo de terceira pessoa do singular (exemplo 1) e o pronome *se* (exemplo 2), que contém um traço semântico [+humano, -definido] que garante a interpretação arbitrária da posição de sujeito.

- (1) eu (es)tive em outros lugares... não só no Rio de Janeiro que **usa** muita moeda, não é... [NURC/SSA, R-14-H3]
- (2) Não sei nem lhe dizer da classe mais baixa, mas pelo menos eles (inint) com aquelas botas, aquelas blusas, então se via assim que a pessoa está realmente alinhada. [NURC/SSA, R-11-M2]

O corpus utilizado para o levantamento de dados consiste em amostras de fala de informantes do Projeto NURC (Norma Urbana Culta) de Salvador, divididos em três faixas etárias (Faixa 1, de 25 a 35; Faixa 2, de 36 a 55 e Faixa 3, de 56 em diante) e gravados em duas épocas distintas anos 1970 e anos 1990. Cavalcante (2007), analisando o mesmo fenômeno na fala culta carioca, observou dois quadros distintos entre as amostras dos anos 1970 e 1990: nos anos 1970, na fala culta carioca, Cavalcante (2007) observou um quadro de variação estável entre as três faixas etárias pela preferência do SE em relação ao sujeito nulo de referência arbitrária. Já na amostra dos anos 1990, o quadro observado foi de mudança em tempo aparente, com preferência pelo sujeito nulo na fala dos indivíduos mais jovens (Faixa 1) dos anos 1990. Neste trabalho, utilizamos a mesma metodologia empregada em estudos variacionistas de tempo real de curta duração para identificar se na fala culta de Salvador estamos diante de um caso de mudança ou de variação estável (Labov, 1994). E partimos dos resultados encontrados para a fala culta carioca a fim de comparar como se dá a distribuição dessa “nova variante” na fala de Salvador. Consideramos, portanto, para análise, gravações do Projeto NURC-Salvador realizadas nos anos 1970 e depois nos anos 1990 com informantes cultos. Levamos em consideração fatores linguísticos que, apesar de não estarem diretamente relacionados com o sujeito nulo de referência indeterminada, podem estar influenciando ou condicionando o comportamento de tal fenômeno, sendo eles: Tempo (presente, perfeito, imperfeito ou futuro) e a presença de Auxiliares (aspectuais, temporais, modais). Os fatores extralinguísticos considerados são as faixas etárias (grupo 1, 2 ou 3), sexo e ano da gravação. Utilizamos o programa Goldvarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005) para as análises estatísticas. Os resultados parciais apontam para um quadro de variação estável na Amostra dos Anos 90, em que os indivíduos da Faixa 2 exibem uma taxa maior de sujeito nulo de referência arbitrária em relação ao uso de SE. O fator linguístico que se mostrou mais favorecedor das construções com sujeito nulo foram as construções com modais como “pode” e “tem que”, tal como observado no estudo de Cavalcante (2007) para a norma culta carioca. As conclusões gerais a que podemos chegar indicam um quadro diferente para a implementação do sujeito nulo de referência arbitrária comparado com os resultados de Cavalcante (2007): enquanto na fala culta carioca os índices de sujeito nulo de referência indeterminada aumentam tanto entre os anos 1970's e 1990's quanto nos indivíduos mais jovens, a fala culta de Salvador apresenta ainda um quadro de variação estável, em que os maiores índices de sujeito nulo se encontram na fala de indivíduos da Faixa 2.

67 • Ocorrências do objeto direto anafórico de terceira pessoa na oralidade

Lílian Wilson de Oliveira Ferreira (UERJ)

O presente estudo foi desenvolvido como trabalho final para o curso de Linguística I da UERJ e teve como objetivo apresentar e demonstrar a ocorrência do objeto direto anafórico de terceira pessoa na Língua portuguesa em sua modalidade oral. Tais objetos foram distintos em: clítico acusativo, pronome lexical, SN anafórico e objeto nulo. Os dados foram coletados a partir de entrevistas orais, que posteriormente foram transcritas, a fim de coletar narrativas, cujo tema referencial era o conto de fadas *Cinderela*. Bakhtin foi um dos primeiros linguistas a

atribuir as mudanças na estrutura da língua às modificações ocorridas nas relações sociais. Com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, houve outros pesquisadores de grande expressão como o linguista norte-americano William Labov que, em 1963, efetuou pesquisas na ilha de Martha's Vineyard, nos EUA, concretizando a chamada sociolinguística. O *corpus* do presente trabalho é constituído por entrevistas com crianças entre 5 e 10 anos de idade, tendo sido necessário limitar a idade máxima para que os resultados da análise não se assemelhassem tanto aos resultados da pesquisa feita com adultos, cuja idade se situou entre 20 e 35 anos todos entrevistados são naturais do Rio de Janeiro e residem, também, na cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, o fator extralinguístico analisado e comparado para verificar as variações linguísticas ocorridas no português brasileiro foi a faixa etária. No grupo intitulado criança, utilizou-se de modo aleatório vinte e duas das narrativas coletadas, nas quais foram encontradas 99 ocorrências de objeto direto anafórico. Já no grupo denominado adulto, das dezesseis transcrições, extraíram-se 101 objetos. A variante que mais aparece na fala dos grupos estudados, sendo utilizada em 44% do total de casos, é o sintagma nominal anafórico. Já o clítico acusativo aparece raríssimas vezes, ocorrendo em apenas 6% dos casos. Tanto o objeto nulo quanto o pronome lexical aparecem em cerca de uma a cada quatro ocorrências cada, somando cerca de metade do total de ocorrências. A partir da análise das ocorrências das quatro variantes analisadas se percebe que o uso do objeto anafórico nas falas de ambos os grupos tem como preferência o Tempo simples como antecedente. Após a análise dos dados foi possível concluir que o clítico acusativo é utilizado em pouquíssimas situações na fala e as diferentes faixas etárias não modificam essa situação de maneira significativa – tanto em crianças quanto em adultos o uso do clítico não superou 10% das ocorrências; o pronome lexical é utilizado em ambos os grupos em cerca de uma a cada quatro vezes; o sintagma nominal é a variante preferida dos adultos e a segunda favorita das crianças, mas, em números percentuais, a diferença é considerável – 44% de ocorrências na fala dos adultos e 33% de ocorrências na fala das crianças; a variante que teve maior discrepância em relação ao fator extralinguístico faixa etária é o objeto nulo, sendo o favorito das crianças, aparecendo em 37% dos casos, e entre os adultos aparecendo em apenas 24% dos casos. Por fim, podemos afirmar que as crianças fazem enorme uso do objeto nulo e, como tanto os clíticos quanto os pronomes lexicais são utilizados em números bastante semelhantes por ambos os grupos, a variante que vem perdendo espaço para o objeto nulo no caso das crianças é o sintagma nominal que, ainda assim, é o segundo preferido pelas crianças como objeto anafórico de terceira pessoa no português do Brasil.

68 • Análise dos empréstimos linguísticos, oriundos da culinária italiana e incorporados ao léxico do português brasileiro

Jéssica Amanda de Souza Silva; Juliane da Silva Messias; Danielly Dayane Soares de Macêdo & Danielly Gomes dos Reis (UFGG)

Sabe-se que o Brasil é um país multicultural, tanto no que diz respeito ao comportamento, às crenças, à arte, quanto no que diz respeito à língua. Assim como a sociedade evolui através dos tempos, a língua também se desenvolve e nunca permanece estática, ou seja, sempre se encontra em constante mudança, seja devido às diferentes situações e contextos do uso, seja pelo contato entre povos que falam diferentes línguas, isto é, há sempre a necessidade de mudança. Neste sentido, através da imigração e da intervenção das diversas culturas que se estabeleceram no país, a língua passa por constantes transformações morfológicas e fonológicas. Fatores econômicos e/ou político-sociais contribuem para que a intervenção de línguas, no Português Brasileiro (PB), como o inglês americano, o espanhol e o francês sejam bastante estudados em detrimento de outras, como, por exemplo, o italiano, o alemão e o árabe. Neste sentido, pesquisas nesta área são necessárias para compreender as diversas manifestações linguísticas advindas da interação entre o PB e outras línguas. Da mesma forma, a pesquisa que iremos realizar, se torna relevante ao constatar a mutabilidade e dinamicidade inerentes a todas as línguas. Uma das línguas que mais influenciaram e continuam influenciando os aspectos fonológicos e morfológicos no PB é a língua italiana. Diante disso, entendemos que um estudo mais denso sobre sua influência no nosso Português Brasileiro é relevante, uma vez que percebemos a contribuição italiana na cultura brasileira como, por exemplo, na dança e na culinária. O tema escolhido foi motivado através da participação na disciplina de graduação *Português VI*, no período corrente, cujo enfoque diz respeito ao estudo da história da Língua Portuguesa e seus processos de mudança desde sua origem até os dias atuais. Dito isto, objetivamos responder, ao longo do trabalho, a duas questões-problema que foram inicialmente formuladas para orientar a elaboração da nossa pesquisa: que substantivos, referentes à culinária, pertencentes ao léxico do PB, originaram-se da língua italiana? No que se refere ao aspecto morfológico da língua, por quais processos de transformação esses substantivos passaram

ao acervo lexical do Português Brasileiro? Para tanto, nos apoiaremos no estudo sobre a imigração italiana ao Brasil (SANTOS, 1994); e em sua contribuição linguística no que diz respeito à culinária; nas teorias sobre Empréstimos Linguísticos, (CARVALHO, 2009) e (ILARI & BASSO, 2007); e em teorias sobre Metaplasmos e Transformações Morfológicas (ARAÚJO, 2004). Esta pesquisa baseia-se nos fundamentos metodológicos de natureza qualitativa e se agrega aos estudos documentais. O *corpus* para análise será composto por dicionários da língua portuguesa, (HOUAISS, 2001) e (FERREIRA, 1999), e revistas que cite substantivos referentes à culinária da língua italiana que foram incorporados ao PB e objetiva apresentar e analisar os metaplasmos que explicam as mudanças de substantivos italianos que chegaram ao PB como empréstimo, no nível morfológico. Os resultados parciais de nossa pesquisa apontam para a existência de diversas palavras de origem da culinária italiana incorporadas ao PB como, por exemplo, “muzzarella”; “spaghetti” e “mortadella”. As diferenças entre a forma escrita italiana (muzzarella) e a forma escrita brasileira (muçarela), reconhecida pelos dicionários (HOUAISS, 2001) e (FERREIRA, 1999), sugerem que, durante a incorporação dessas palavras, houve transformações morfológicas.